

Boletim da  
Comissão  
Catarinense

de

f  
folclore

ANO: 1959 a 1960 - nº 25/26

Estado

Setor de Santa Catarina

Pede-se permuta  
Pidesse canje  
We ask for exchange  
Si richiede lo scambio  
On demande l'échange  
Man bitet um Austausch  
Oni petas intersangon



DIRETOR:

Walter F. Piazza

CONSELHO DE REDAÇÃO:

Almiro Caldeira de Andrada  
Carlos da Costa Pereira  
Oswaldo F. de Melo (filho)  
Oswaldo R. Cabral  
Victor A. Peluso Jor.

ENDEREÇO:

Comissão Catarinense de Folclore

Casa de Sta. Catarina  
Rua Tenente Silveira, 69  
Caixa Postal, 301  
Florianópolis — Sta. Catarina  
Brasil

Biblioteca Pública do Estado FLORIANÓPOLIS	
Reg. no <b>11027</b>	Data 26-9-74

A capa deste número foi desenhada pelo Prof. Aldo Nunes — Florianópolis.

ESTE NÚMERO FOI PUBLICADO GRAÇAS AO CONVÊNIO  
EXISTENTE ENTRE A CCF E O GOVERNO CATARINENSE

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC  
 SETOR SANT CATARINA

Clas.: \_\_\_\_\_  
 Reg.: 073  
 Data: 11.06.96



VOLUME XI

JANEIRO 1959 — JANEIRO 1960

Nº 25-26

SUMARIO

EDITORIAL .....	3
A pesca na freguesia da Lagca, por CARLOS AUGUSTO CAMI-NHA .....	5
Apelidos, por O. DA SILVEIRA .....	38
Pitimbú (uma povoação pesqueira do Nordeste Brasileiro), por PEDRO AGOSTINHO DA SILVA .....	41
Os Haberer de Pôrto Alegre, por CARLOS GALVÃO KREBS ....	60
O Caapora, por S. SUANNES .....	67
Rendas e Rendeiras do Arreal do Cabo, por LUIZ F. RAPOSO FONTENELLE .....	69
A Lingua e a Psicologia de um Povo, por OSCAR RIBAS .....	87
Cesteria, Trenzados y Tapizados, por E. TORRES CONTI e N. RUIZ .....	89
IV Congresso Brasileiro de Folclore (notas de Doralécio Soares) ..	100

**COMUNICAÇÃO AOS PREZADOS LEITORES!**

O Diretor dêste Boletim, **Walter F. Piazza**, tem o prazer de comunicar aos prezados leitores que, para tôda e qualquer correspondência futura, o seu enderêço é:

**Rua Frei Evaristo n. 52**

**Florianópolis — SC**  
**Brasil**

É permitida a transcrição de qualquer dos trabalhos contidos neste BOLETIM, desde que citados o Autor e a fonte.

Volta a circular o Boletim da Comissão Catarinense de Folclore.

Prossegue na sua luta, esperando poder concretizá-la de maneira satisfatória.

Assim, vem reafirmar, aos seus leitores e colaboradores, o seu propósito de colocar em lugar destacado e merecido os estudos de Antropologia Cultural.

Por isto mesmo, de maneira real e objetiva apresentamos mais êste número.

E, mais uma vez, agradecemos aos prezados amigos, leitores e colaboradores, as mensagens que nos têm enviado, propugnando pela continuação desta árdua tarefa, qual seja a manutenção de uma publicação cultural especializada.

Ao nosso último apêlo, a Comissão Nacional de Folclore, onde pontifica o dinamismo de Renato Almeida, respondeu objetiva e afirmativamente.

Apesar, dos claros abertos nas fileiras dos nossos colaboradores, prestimosos e desinteressados, d'Aquém e d'Além-Mar, sentimo-nos fortalecidos para o prosseguimento da jornada com a ajuda da Providência Divina.

A todos, pois, os nossos mais vivos e sinceros agradecimentos, esperando poder voltar mais vêzes, com êste Boletim, melhor apresentado, melhor fornido de matéria e mais constantemente.

**WALTER F. PIAZZA**  
Diretor

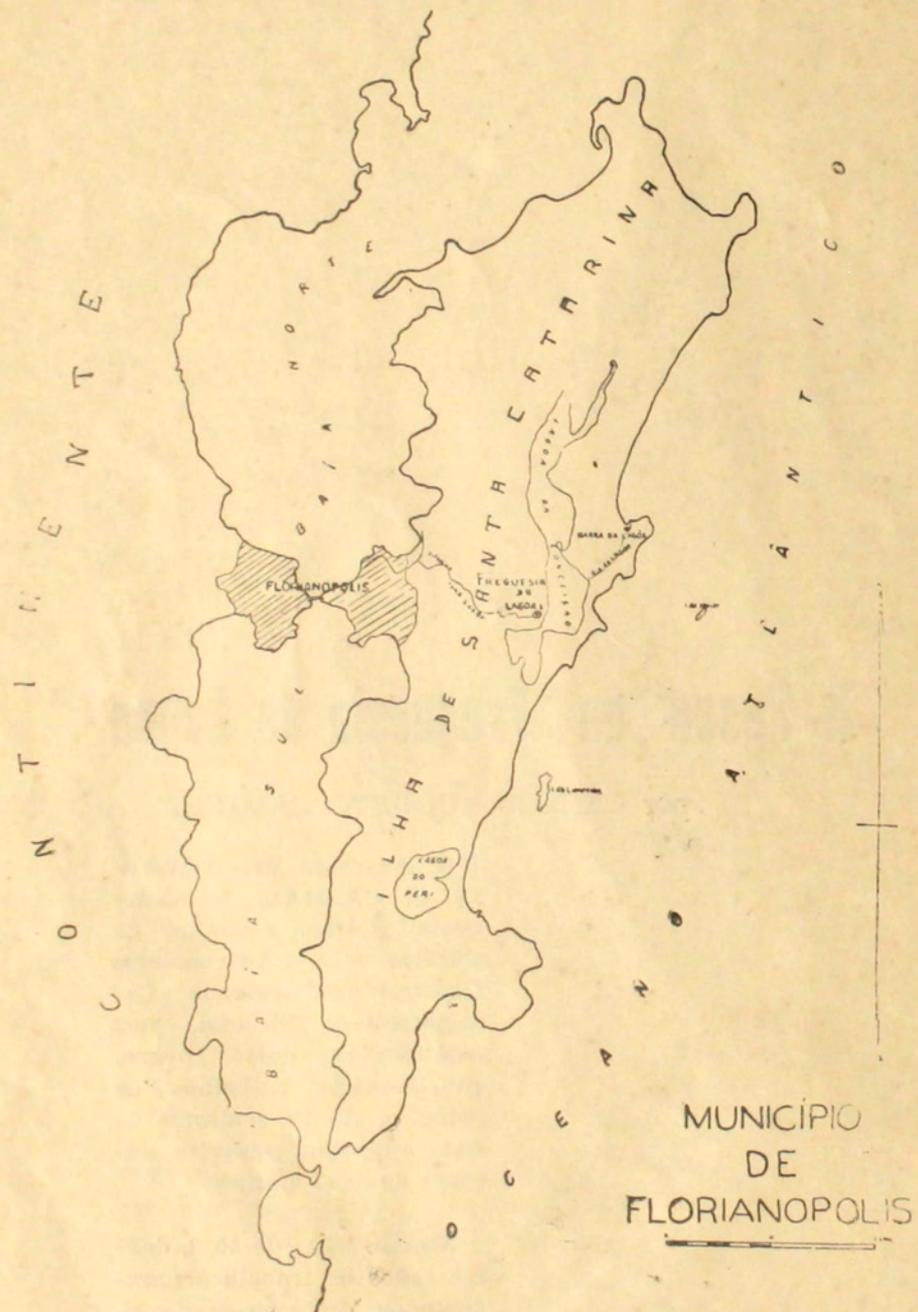


# A Pesca na Freguesia da Lagoa

por CARLOS AUGUSTO CAMINHA

O Professor Dr. OSWALDO R. CABRAL, fundador d'êste Boletim e titular da Cadeira de Antropologia Cultural da Faculdade Catarinense de Filosofia, tem estabelecido como praxe, considerando trabalhos de estâgios, no 2º semestre de cada ano, uma pesquisa original de seus alunos.

No ano leivo de 1958, dentre todos os trabalhos apresentados, destacou-se o que, ora, se publica, acêrca do qual, aquêle Professor, assim se pronunciou:



MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS

“TRABALHO MAGNÍFICO. ÓTIMA ORIENTAÇÃO. PESQUISA INDIVIDUAL BEM CONDUZIDA. ORDEM NA EXPOSIÇÃO. RECOMENDO SUA PUBLICAÇÃO COMO UM DOS MELHORES APRESENTADOS NA CADEIRA EM TODOS OS 3 ANOS DE FUNCIONAMENTO”.

Por isto , o Boletim da CCF agasalha-o.

## I — Introdução

1º) — **REGIÃO:** A freguesia da Lagoa está situada a leste do morro do mesmo nome. Quem chega na crista topográfica dêsse morro, depara com uma magnífica Região. Apresenta esta uma paisagem extasiante. Do alto do morro, olhando-se para o sopé, vê-se um terreno, ou melhor, uma área relativamente grande, na qual são feitas as plantações necessárias ao consumo da freguesia. Banhando esta área, está a belíssima LAGOA DA CONCEIÇÃO; tem esta a forma alongada no sentido Norte-Sul; levantando-se um pouco mais o olhar, julgamos não existir neste mundo coisa tão exuberante como aqueles montes alvos de areia e, contrastando com aquelas maravilhosas dunas, vemos uma elevação coberta por uma vegetação rasteira; alongando nossos olhos ainda mais para o horizonte, vemos o mar esbravejando em brancas espumas, parecendo que, num ímpeto de raiva, deseja abater a rocha viva que defende a ilha contra a fúria do mar. E, como que para fixar na retina daqueles que tiveram a dita de apreciarem esta jóia esplendorosa, encravado no centro-leste da Ilha de Santa Catarina, parece-nos sentir na bal-



Foto 1 — Vista parcial da Freguesia da Lagoa

sâmica brisa do mar que recebemos ao chegar no alto do morro, as boas vindas da natureza.

A Lagoa constitui um aquário natural do mais variado tipo de pescado. Constitui uma verdadeira dádiva de Deus aquele imenso aquário, onde os peixes nascem e se criam, para a subsistência daquele povo; aí se dá a grande desova da tainha, em meados de maio.

Um outro aspecto que desejo focalizar, é o fechamento da barra da Lagoa, pelo trabalho de aluvião do rio da Lagoa. Essa barra não pode ficar fechada por muito tempo, pois se tal acontecer acabar-se-á o pescado em virtude de não poder entrar mais peixe. Então os pescadores providenciam junto à Prefeitura de Florianópolis a abertura da barra.

X 2º) — **POVO DA FREGUESIA:** — É um povo humilde, religioso, bom e hospitaleiro. Vive quasi que exclusivamente da pesca e de uma agricultura

de subsistência, predominando o plantio da mandioca, da qual extraem a farinha.

Um traço característico daqueles pescadores, especialmente dos mais velhos, é o fato de conhecerem os cardumes que se aproximam; ainda mesmo quando êstes estão a algumas centenas de metros de distância. Chegam até a calcular, com certa precisão, a quantidade e a espécie do peixe.

Aos domingos, por volta das 18 horas, costumam reunir-se na igreja local para a recitação do Terço de Nossa Senhora, pois raramente é rezada missa, em virtude de não possuir um vigário na região.

Para salientar o espírito religioso daquele povo desejo, rapidamente, relatar duas lendas, da maneira como me foram narradas: X

**O milagre de Santo Amaro:** — Num passado já bem remoto havia um Intendente, como ainda hoje o é, o “governador” da Freguesia, o qual era muito orgulhoso. Entendeu êle que uma pequenina e velha imagem de Santo Amaro não podia mais permanecer na igreja. Mandou, então, após ter providenciado outra nova e maior, que levassem a antiga imagem para outro lugar, que não o seu altar. No dia seguinte, quando o zelador foi abrir a igreja, que surpresa! Lá no altar, ao lado do Santo Amaro “Novo” estava o “Velho”. Quando o Intendente soube do ocorrido, ficou furioso, pois julgou tratar-se obra do zelador, o qual teria, nesse caso, contrariado uma ordem sua. Dessa vez pensou, então, noutro plano, mandar a imagem para uma ilha na costa da Lagoa, provavelmente a Ilha do Xavier, e, essa imagem seria levada por uma pessoa de sua inteira confiança. Bem pensado, melhor executado o plano. No dia seguinte nova surpresa aguardava não só o povo da Freguesia, mas ac próprio Intendente: no altar, ao lado do “Novo” estava o “Velho” Santo Amaro. Desde então, en-

contram-se na igrejinha, as duas imagens, uma ao lado da outra.

**O milagre de Nossa Senhora:** — Uma ocasião os encarregados da manutenção da igrejinha acharam que Nossa Senhora estava colocada muito alta, no altar. Fizeram então um degrau mais baixo e desceram a imagem. Mas foi em vão o trabalho deles, pois no dia seguinte quando foi aberta a igrejinha, lá estava Nossa Senhora no mesmo lugar de onde a haviam tirado. E, até hoje, quem vai a igrejinha encontra a imagem da Virgem no mesmo local que ela própria escolheu.

## II — Utensílios de pesca — sua confecção e aplicação

Os utensílios de pesca utilizados na Freguesia da Lagoa são os mais variados possíveis. Procurarei,



Vista parcial da Lagoa da Conceição.

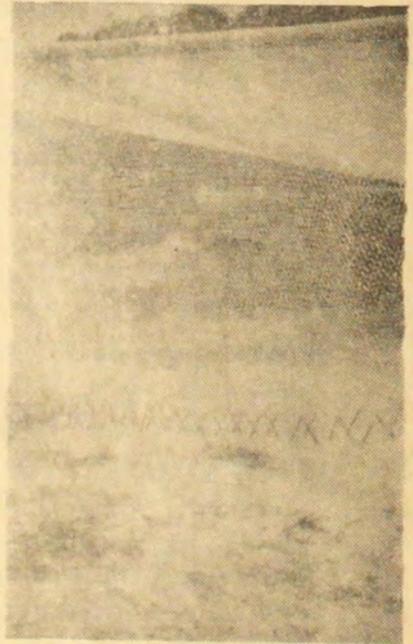


Foto 3  
Tarrafa de peixe estendida no varal; pode-se apreciar distintamente as suas malhas.

descrever o que me foi ensinado pelos pescadores daquela região.

▷ a) **TARRAFA:** — A tarrafa é o utensílio de pesca mais usado na Freguesia. Existem dois tipos de tarrafa: a de camarão e a de peixe. A diferença fundamental entre uma e outra, é que, a de camarão a malha é mais miuda, a linha utilizada é menos resistente e o rufo é mínimo.

Na foto n. 3 vemos bem nítidas as malhas da rede de peixe, e, na foto n<sup>o</sup> 4, vemos o pescador colocando a mão sôbre a tarrafa de camarão e, mais à sua frente, está também estendida sôbre o varal uma tarrafa de peixe. Pode-se notar a diferença entre as duas malhas, pois através da tarrafa de peixe vê-se perfeitamente a casa do pescador, ao fundo, ao passo que através da tarrafa de camarão a visão da casa torna-se mais embaciada.

A tarrafa é começada com 60 malhas. Depois da terceira carreira, faz-se de 5 em 5 malhas um "crescido", para dar mais roda na tarrafa. Esse crescido é que dá à tarrafa a forma cônica, caso contrário, a tarrafa começando com 60 malhas, terminaria com o mesmo número de malhas, ficando, portanto, com a forma cilíndrica. Quando falta um metro, aproximadamente, para o término da tarrafa, não se faz mais o crescido, afim de dar maior altura à tarrafa. O trabalho final da tarrafa é o entalhamento, isto é, colocar o chumbo. Na foto n<sup>o</sup> 5 vemos um pescador terminando a sua tarrafa de camarão.

O rufo existente, de uma maneira bem acentuada, na tarrafa de peixe é uma espécie de saco formado pelas últimas 7 carreiras de malhas, para evitar que o peixe passe por baixo do chumbo, quando estão "enxugando" a tarrafa, isto é, quando a tarrafa está sendo recolhida após o lançamento.

No gráfico da figura n<sup>o</sup> 1—B procurei mostrar o rufo acentuado da tarrafa de peixe, o qual forma,

podemos dizer, o grande saco, que tem como finalidade fazer com que o peixe, que tenta fugir, esbarre na rede. Se não fosse o rufo, o peixe tomando a direção como se apresenta na figura 1-A (rufo mínimo de uma tarrafa de camarão), esbarra na areia e o chumbo passa por cima do mesmo.

A figura n. 3 representa, esquemáticamente, uma tarrafa. Vejamos suas partes componentes:

- 1) — Fieira
- 2) — Chumbos; de forma cilíndrica, perfurados.
- 3) — Tralha; fio de 12 pernas, no mínimo, o qual passa no interior dos chumbos.
- 4) — Encala; fio de, no mínimo, 6 pernas, o qual prende o conjunto, tralha-chumbo, na tarrafa.



Foto 4  
Tarrafas de camarão e peixe estendidas no varal. Vê-se o pescador com a mão sôbre a tarrafa de camarão.

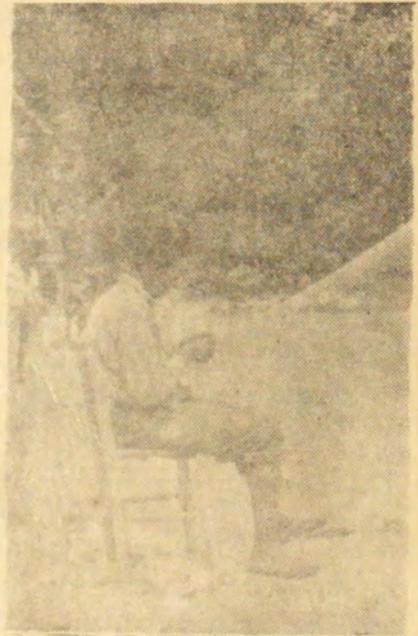


Foto 5  
Tarrafa na sua fase final, ou seja, o entralhamento

5) — Tenso; um fio que mede, aproximadamente, 0,10 m; uma ponta dêste é amarrada na tralha, no intervalo dos chumbos, e, a outra ponta é conduzida por dentro da tarrafa e amarrada na sétima malha, aproximadamente.

Um dos traços mais interessantes na confecção da tarrafa é a preparação dos fios para a encala e para a tralha, pois os mesmos são preparados pelo próprio pescador.

Compra o pescador um fio de algodão de três pernas, as quais não estão devidamente enrosçadas e, com êste fio êle prepara a encala e a tralha. Na foto nº 7 vemos o pescador, auxiliado por uma menina, preparando o fio.

Na figura nº 4 vemos o carretel usado pelo pescador, o qual poderá melhor elucidar de como é preparada a encala e, posteriormente, a tralha. Amarra-se uma das pontas do fio de algodão no fuste nº 1, conduzindo-se o fio pelo ponto A (na foto nº 7 êste ponto está representado pela menina), prendendo no fuste nº 2, retornando, em seguida o fio para o fuste nº 1, passando pelo ponto A. Em seguida, puxa-se a fieira (B) até enroscar bem o fio, formando, assim, um único fio com 6 pernas. Temos, portanto, a encala.

Para fazer a tralha é suficiente retirar a ponta do fio do fuste nº 2 e fixá-la no número 1, puxando-se novamente a fieira, somente que agora, ela é puxada ao contrário. Fica, assim, um fio com duas pontas, tendo seis pernas cada uma, num total, portanto, de 12 pernas.

A espessura da encala e da tralha pode variar bastando apenas passar o fio mais vezes pelos fustes e ponto A.

**Material usado para a confecção da tarrafa:—**  
Na foto nº 8 podemos apreciar os diversos tipos de agulhas e outros materiais com os quais o pescador faz a sua tarrafa, seja de camarão ou de peixe.

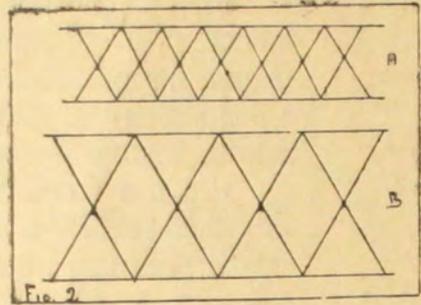
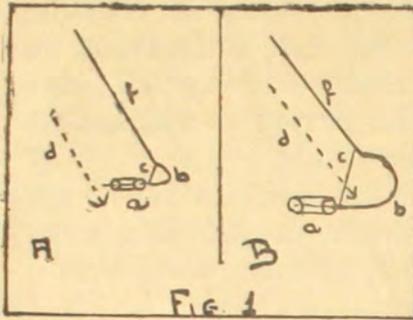


Figura esquemática do rufo da tarrafa de camarão (A) e peixe (B). Nêste esquema estão representadas as seguintes partes da tarrafa: a) chumbo — b) rufo — c) tenso o qual forma o rufo — f) malhas da tarrafa — d) caminho percorrido pelo peixe, mostrando a possibilidade do peixe escapar na tarrafa de camarão (A); ao passo que sua fuga é evitada na tarrafa de peixe (B) devido ao rufo acentuado.

Representação das malhas da rede de camarão (A) e peixe (B); tamanho aproximado do real.

Vemos na parte superior, da esquerda para a direita: Um conjunto de quatro agulhas, pequenas e estreitas, para a confecção da tarrafa de camarão. Vemos a seguir duas agulhas, maiores e mais largas, são as utilizadas na confecção da tarrafa de peixe, e, finalmente, aparece uma agulha estreita e comprida, é a utilizada para ultimar os trabalhos, ou seja, entralhar — (colocar o chumbo já com a tralha na parte inferior da tarrafa). Na parte inferior da foto, vemos dois retângulos de madeira, o da esquerda é a malheira de camarão e o da direita é a malheira de peixe. Vemos ainda uma peça, chamada "gato", a qual é usada para auxiliar o trabalho de emendar as malhas da tarrafa quando estas arrebetam.

b) **JERERÉ:** — Na figura nº 5 está representado o jereré, o qual é feito com arco de arame grosso (A) e possui uma espécie de cone feito de malhas (B) e tem um cabo de madeira (C). O jereré tem a forma de um grande coador.

Aplicação: Pesca do sirí.

c) **PUÇÁ:** — A figura nº 6 representa o puçá, que possui, também, um arco de aramé grosso, como o jereré. Porém o cone de malhas é mais raso. Possui um tirante (C) os quais estão unidos por uma fieira (D).

Aplicação: O puçá tem a mesma aplicação do jereré, isto é, utilizado na pesca do sirí.

d) **REDE DE ARRASTO:** — Este utensílio de pesca, digamos, de grande envergadura, é utilizado na pesca de cardumes. Na figura n. 7 procurei destacar as partes componentes de uma rede. O que nos chama a atenção é o fato de verificarmos dois tipos de malhas diferentes, são as chamadas malha “laça” (nº 3) e a malha miudeira (nº 4). Vejamos a seguir um pouco de sua nomenclatura:

- 1) — Cabos: feitos de corda.
- 2) — Aspias: também de corda.
- 3) — Rede laça.

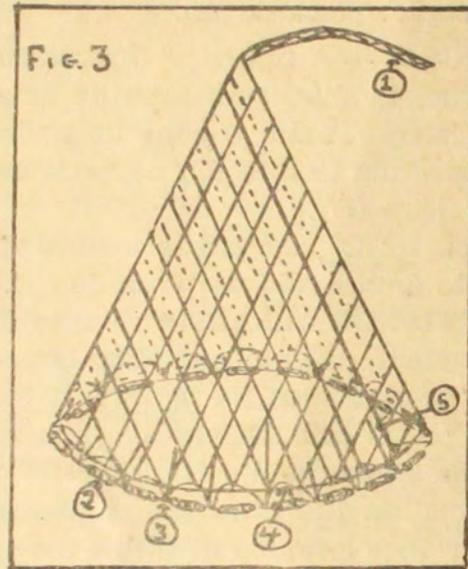
4) — Rede miudeira; feita nesse tipo de malhas não só para evitar a fuga dos peixes menores, como também para aumentar a resistência da rede. A parte central da miudeira é chamada copo. É nesta parte que é feita toda a força, é a que escora todo o peso do peixe. Quando a rede está “enxugando”, o copo deve ser mantido em simetria com os cabos.

5) — Chumbeiro; são saquinhos cheios de areia, com formato alongado, pesando, aproximadamente, 200 gramas.

6) — Cortiças; para sustentar a rede, evitando o seu afundamento.

7) — Boia do copo; colocada bem no centro, a qual serve para chamar a atenção dos pescadores, afim de que a rede seja puxada simetricamente.

8) — Perfil; fio que une as diferentes peças de uma rede. Pois estas são feitas em peças de 10 braças, e, depois unidas pelo perfil. O compri-



Esquema de uma tarrafa.

mento da rede varia, portanto, pelo número de peças. Uma rede de 200 braças, necessita de 20 peças.

Aplicação: Utilizada nos grandes lances, para tainha e peixes em geral.

e) **REDE DE RODA** (para o mar grosso): — A rede de roda usada no mar grosso, (figura nº 8) difere bastante da anterior. Vejamos as suas partes componentes:

1) — Não deixa de ser o cabo da rede, como a rede de arrasto, porém, êsse cabo é chamado pelos pescadores de **filame**. É segurando nesse filame que êles verificam quando o peixe está “malhando”.

2) — **Aspias**.

3) — **Cabo**.

4) — **Chacho**; é uma pedra usada para servir de ancoragem.

5) — **Filame da boia**; fio que prênde a boia ao chacho.

6) — **Boia**.

- 7) — Rede feita de malha laça.
- 8) — Cortiça.
- 9) — Chumbeiro; idêntico ao da rede de arrasto.

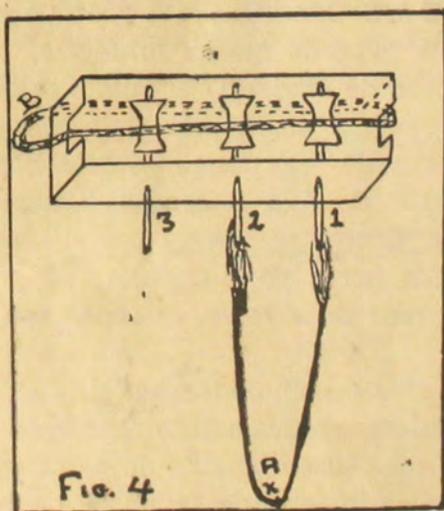
f) **REDE DE FUNDEAR (para o mar grosso):**  
— A única diferença dêsse tipo de rede para o de roda é que essa possui dois chachos com filame, um em cada extremidade.

Aplicação: Essas duas últimas redes são utilizadas no mar grosso para a pesca da anchova.

Na lagoa são usadas duas redes análogas a essas duas últimas, a rede de roda (para lagoa) e a rede de empola ou de atravessar.

g) **REDE DE RODA (para lagoa):** — É semelhante à rede de roda usada no mar grosso, apresentando, entretanto, as seguintes diferenças: as malhas tendem para a miudeira, portanto, são menores e não possuem o conjunto, chacho — filame da bóia — bóia.

Aplicação: Pesca do guaçú.



Carretel, com o qual são preparadas a escala e a tralha.



Foto 7 — Pescador preparando o fio para confecção da encala

**h) REDE DE EMPOLA OU DE ATRAVESSAR:**

— Essa rede é igual à rede de roda utilizada na lagoa.

Aplicação: Pesca da corvina.

**i) REDE DE CALÃO:** — A rede de calão (figura nº 9) é feita de malha miudeira, possuindo um calão (cabo de madeira) em cada extremidade; por êsses é que os pescadores seguram a fim de arrastarem a rede, na posição vertical; seu comprimento varia de 3 a 5 braças e sua altura 2 braças.

Aplicação: Serve para apanhar os peixes que escapam da rede de arrasto, quando essa está enxugando.

Na foto nº 16 assinalada pelo círculo A, aparece dois pescadores empunhando uma rede de calão.

**j) CÓVO:** — Êsse utensílio de pesca nada mais é do que um cesto feito de taquarás de bambú as quais medem 3 a 4 centímetros de largura. Êsse cesto tem a forma triangular, como bem se pode

apreciar na foto nº 11, ou outras vezes, como pude verificar, apresenta a forma de um coração. Êle possui uma entrada de forma cônica, pela qual o peixe entra e não consegue mais sair. Na foto nº 9 vemos o cóvo na posição que deve ser colocado, e, o pescador mostrando a entrada.

Aplicação: Pesca do badejo na lagoa.

k) **ESPINHEL**: — O espinhel é bastante usado no mar grosso. Sua confecção é fácil. Na figura 10 temos um espinhel esquemático. Vejamos suas partes componentes: -

1) — Chachos; colocados distanciados um do outro de 10 metros.

2) — Anzóis.

3) — Estrovo; fio que amarra o anzol.

4) — Armação.

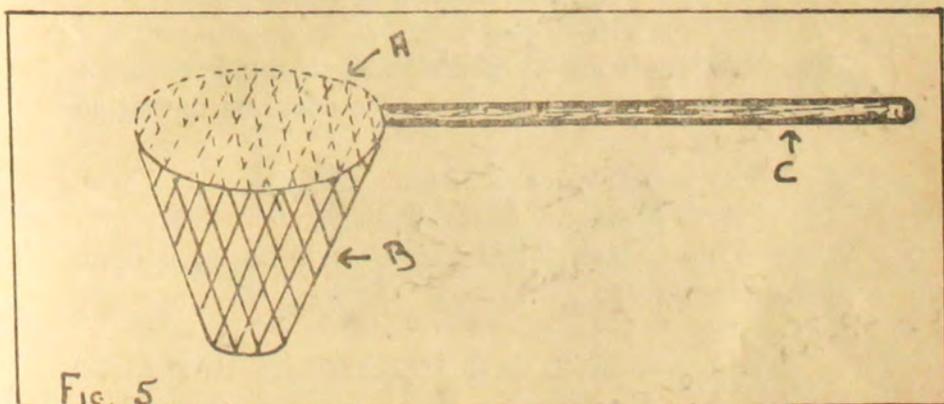
5) — Boia com filame; sua finalidade é manter o espinhel, ou melhor, os anzóis suspensos.

O ato de colocar os anzóis no estrovo chama-se “empate”.

Aplicação: Pesca do cação, pampo, miraguaia e garopa.

1) **Espinhel de bolear**:

Esse tipo de espinhel difere do anterior porque não possui os chachos nem os filames com boia, e,



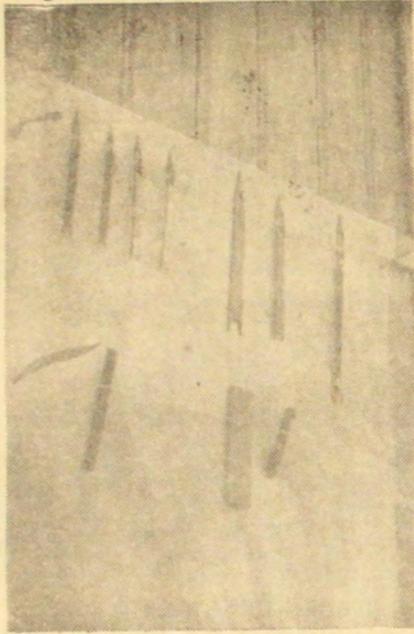
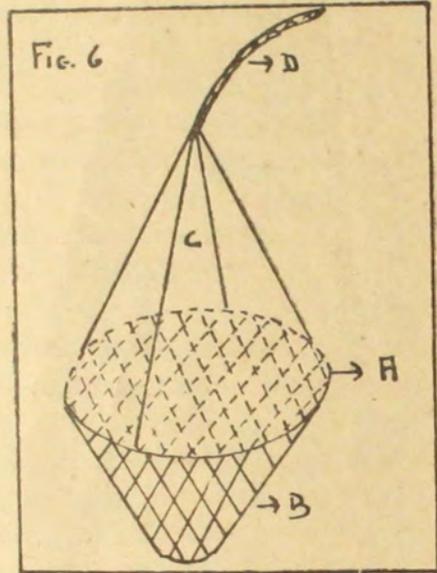


Foto 8  
Diversos tipos de agulhas, malheiras e um gato.



PUÇÁ

numa das extremidades é amarrada uma pedra para facilitar ou bolear.

Aplicação: Pesca do pampo.

### III — Métodos de pesca

Os métodos de pesca são os mais variados. Procurarei dividi-los, segundo o costume da região, em três fases:

- A) — Métodos utilizados na lagoa.
- B) — Métodos utilizados no mar grosso.
- C) — Métodos utilizados tanto na lagoa como no mar grosso.

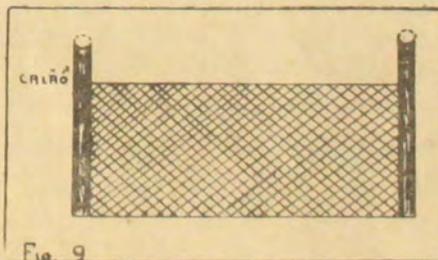
#### A) — MÉTODOS UTILIZADOS NA LAGOA

a) — **PESCA DO SIRÍ:** — Existem dois méto-

dos especiais para a pesca do sirí. Pode-se utilizar o puçá ou o jereré. Na foto nº 10 vemos um pescador, à esquerda, segurando o jereré e uma criança segurando o puçá. Desses dois métodos, o primeiro requer muita habilidade do pescador, pois êste ao localizar o sirí deve fazer um movimento rápido afim de apanhá-lo, uma vez que alertado pela aproximação do pescador o sirí tenta fugir. E, nota-se, que êle nada com muita rapidez. Ao passo que o puçá já é mais simples, vai depender mais de uma isca. Colocada esta no puçá, mergulha-se-o até ficar em repouso no fundo da lagoa. Aguarda-se uns 15 a 20 minutos para então puxar o puçá para cima, e, o sirí que vem em busca da isca, fica preso.

b) — **PESCA DO BADEJO:** — É um método de pesca bem interessante e que pouco trabalho dá e pouco tempo rouba ao pescador. A pesca do badejo na lagoa é feita por um utensílio de pesca chamado cóvo. Êste nada mais é do que uma armadilha. Antes de se usar o cóvo, o pescador deve preparar o local. Então, um mês antes enterra na lagoa, num lugar mais ou menos raso, dois moirões, distanciados 1,50 metros um do outro. Entre êles são colocados galhos de árvores aos quais os pescadores chamam de “ramada”.

Após esse prazo é que colocam o cóvo sôbre a ramada ou então, na frente dessa, de maneira a ficar submersa. De dois em dois dias, mais ou me-



**REDE DE CALÃO**



Foto 6 — O pescador mostrando o rufo da tarrafa de peixe

nos, é preciso verificar o cóvo para ver se não entrou nenhum peixe, ou seja o badejo.

c) — **PESCA DO GUAÇÚ** — O guaçu é pescado com a rede de roda, porém a usada na lagôa. A rede é conduzida por duas canôas as quais se põem ao largo. A rede fica a metade numa e noutra canôa. Quando a presença do peixe é notada, os pescadores se aproximam lançando a rede, procurando envolver o cardume; no final do lance a rede forma um círculo. A figura n. 11, dá uma idéia. A e B representam as canoas, as quais conduzem, no seu interior, cada uma, a metade da rêde. Sendo que a linha tracejada focaliza o início do lance e, a linha cheia o final do mesmo.

Após cercado o cardume, outros pescadores entram no interior da rêde com pequenas canoas, "chileiras", e começam a bater com seus remos na água. O peixe querendo fugir daquela zona, lança-se em direção à rêde, e fica prêso nas malhas; é o



P: PIEDRA DE CALOR  
B: TAMBORINS  
C: CORTICIAS  
D: CHUMBEIRO

Foto 16 — Fase final de um lance com a rede de arrasto





Foto 9  
Pescador mostrando a passagem existente no côvo

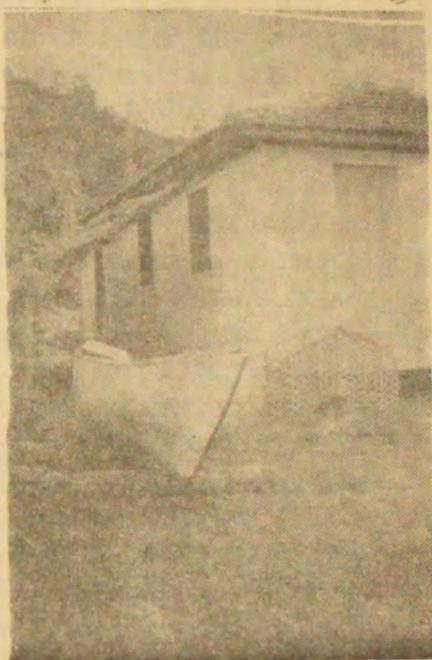


Foto 11  
Casa de pescador com rancho e na frente dêste a chileira. Pode-se também ver o côvo.

que os pescadores chamam: — “o peixe fica malhado”.

Uma vez que percebem que não existe mais peixe para malhar, recolhem a rêde para o interior de suas canoas, de maneira inversa a do lançamento, isto é, as extremidades são a primeira parte da rêde a serem colocadas numa e noutra canôa. Assim, estando a rêde distribuída equitativamente pelas duas canoas, retornam, os pescadores, à praia.

Na foto n. 11, podemos ver a casa do pescador, tendo ao lado o rancho onde guarda a canôa e na frente dêste, a **chileira**, que está sôbre os rolos (troncos de árvores), os quais facilitam o deslocamento da chileira até à praia.

d) — **PESCA DA CORVINA** — A pesca da cor-

...na é feita com a rêde de empola ou de atravessar.  
É uma rêde feita toda de laça.

Essa rede é estendida na lagôa. A parte de baixo afunda com o pêso do chumbeiro e a de cima é sustentada pelas cortiças. Deixada assim a rêde solta, ao sabor das águas, os pescadores se afastam a uma distância de 200 metros, aproximadamente, e, voltam em direção à parte central da rêde, batendo na água, os peixes, principalmente a corvina, procuram fugir se deslocando na direção da rêde, pois é nessa direção que os pescadores vão, podemos dizer, enxotando os peixes. Quando os mesmos deparam com aquêle obstáculo tentam passar e ficam malhados.

e) — **PESCA COM A RÊDE DE CALÃO** — A rede chamada de calão é feita de rede miudeira e se presta para apanhar as "sobras" de peixe quando é dado um lance com rêde de arrasto. Uma vez dado o lance, e quando a rede de arrasto já está enxu-

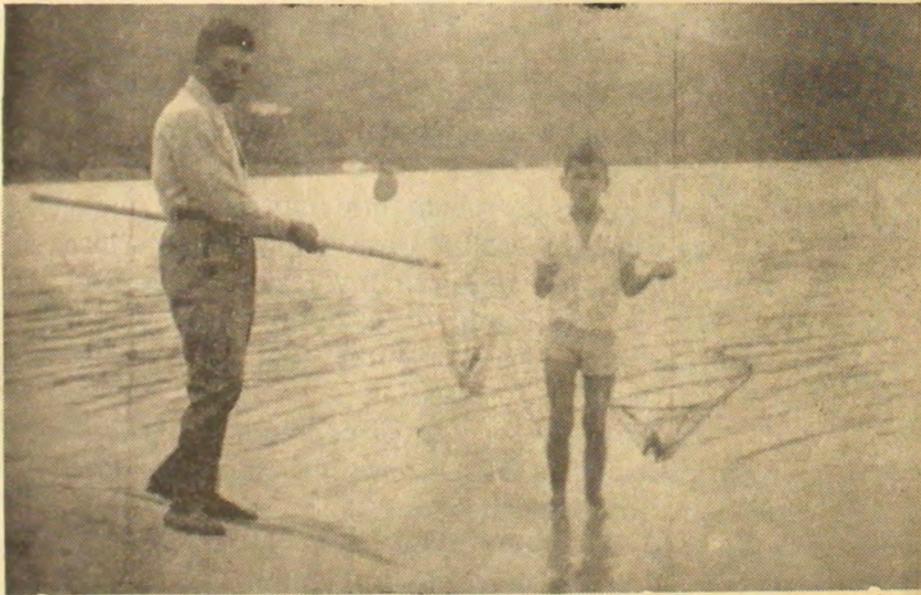
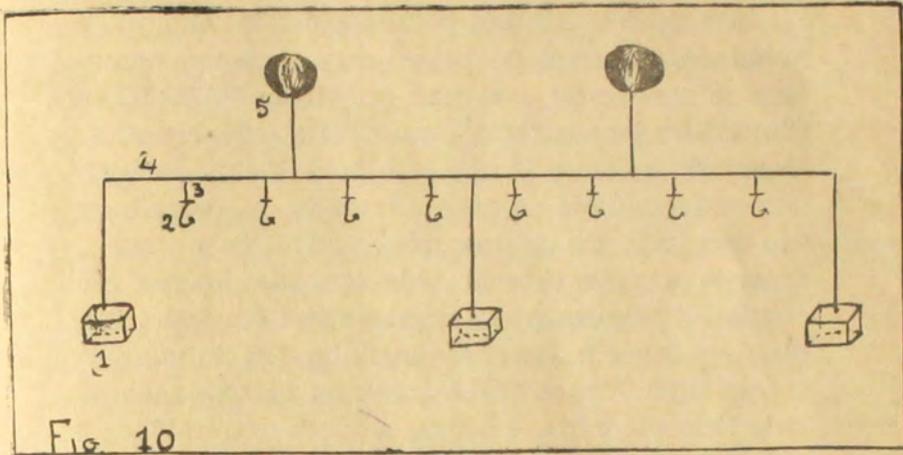


Foto 10 — Pode-se apreciar a diferença entre o jereré à esquerda e o puçá à direita

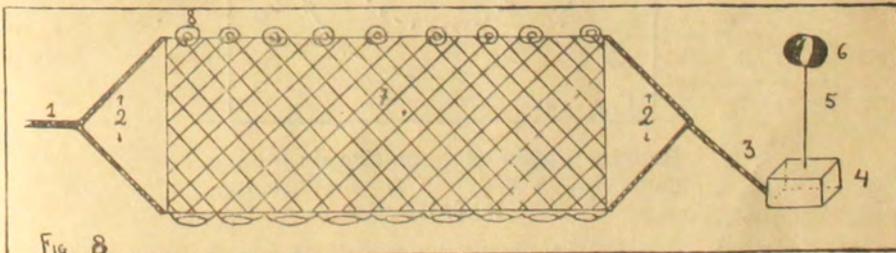


### ESPINHEL

gando, atrás dela vêm as redes de calão. Dois pescadores segurando a rede pelas extremidades, nos calões, vêm arrastando-a e num dado momento, levantam a rede na horizontal, acima da água, e, os peixes que vinham sendo empurrados, são suspensos e ficam, portanto, na rede.

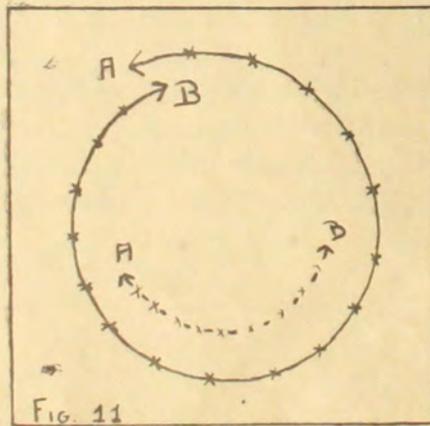
### B) Métodos utilizados no mar grosso

a) — **PESCA DA ANXOVA** — A pesca da anxova é feita com a rede de roda, para o mar grosso. Difere, portanto, da rede de roda utilizada na lagoa para a pesca do guaçu; pois como sabemos a rede de roda do mar grosso é mais laça.



**REDE DE RODA** (para o mar grosso)

A rede é conduzida por uma canôa. Quando é notada a presença do peixe, os pescadores procuram se aproximar e a uma ordem do PATRÃO, o Chumbeiro joga a “boia”, que vem a ser o chacho e amarrado a esse o filame com boia. Ficando assim, uma extremidade da rede ancorada, os pescadores vão lançando a rede procurando envolver a anxova. Quando a rede já está tôda lançada, forma um círculo. Na figura nº 12 esquematizei em linha tracejada o lance na sua fase inicial e, em linha cheia a fase final. Vimos antes que uma extremidade da rede fica ancorada, e agora, a outra extremidade é segurada por um pescador, o qual segura no filame e por êste êles percebem os peixes malharem. A pesca da anxova dispensa a chileira pois a anxova malha por si. Depois de certo tempo, meia hora, mais ou menos, começam a recolher a rede. Se durante o enxugamento da rede a canôa fica muito carregada, os pescadores cortam a rede, vão à praia descarregar e voltam para recolher, ou melhor, enxugar o restante da rede.

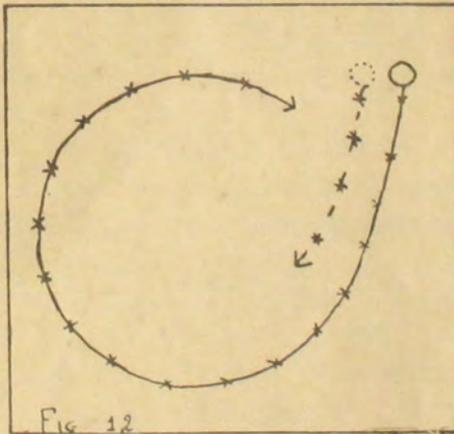


Representação esquemática do lançamento da rede de roda (para a lagôa).

b) — PESCA COM ESPINHEL — A pesca do espinhel é utilizada para os mais diferentes tipos

de pesca, principalmente o cação, pampo, miraguaia e garopa. O método é simples; o espinhel é levado por uma canôa e lançado, estendido no mar. Fica o espinhel ancorado pelos chachos e os anzóis suspensos pelos filames com boia. Na linguagem do pescador o “espinhel não fica boiado”, fica submerso, portanto. Após um ou dois dias o pescador volta para verificar se tem peixe no anzol. Nestes, lógicamente, são colocadas iscas, constituídas principalmente de camarão que o próprio pescador tarrafeou.

c) — **PESCA DO PAMPO** — A pesca do pampo é feita com um espinhel que difere do anterior; é utilizado o espinhel de bolear. Eles chamam a esse método “pescar de boléa”. O pescador da praia boleia o espinhel e após um certo impulso atira-o em direção ao mar. Passados uns quinze a vinte minutos começa a recolher o espinhel, trazendo, portanto, o peixe que ficar por ventura prêso ao anzol. A isca utilizada também é o camarão.



Representação esquemática do lançamento da rede de roda (para o mar grosso).

C) — Métodos utilizados tanto na lagoa como no mar grosso

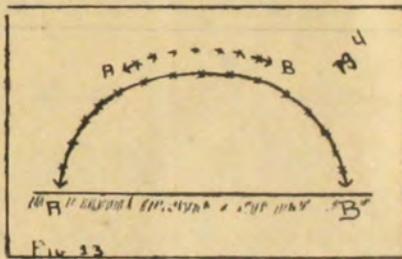
a) — **PESCA COM TARRAFA** — É o método mais usado na freguesia, pois não há pescador que não possua, pelo menos, duas tarrafas. Uma para peixe e outra para camarão. Requer muito treino e muita agilidade para o completo êxito da pesca, pois além de se ter que vencer o pêso da tarrafa, ela deve ser lançada de maneira a abrir totalmente ao cair na água. Êste método pode ser usado isoladamente, ou então conjugado com a rede de arrasto quando esta está enxugando. Nas fotos nrs. 12, 13 e 14, apresentamos o pescador utilizando sua tarrafa isoladamente. Na foto nº 12 preparando a tarrafa para lançar; na foto nº 13 a tarrafa aberta no ar. Nestas duas a tarrafa está sendo utilizada à beira mar. Na foto nº 14, o pescador enxugando a tarrafa a qual utilizou de dentro, ou melhor, embarcado na sua chileira. E na foto nº 16, no círculo B, vemos dois pescadores utilizando suas tarrafas conjugadas com um lance de rede de arrasto. Êste



Foto 13 — Tarrafa no ar totalmente aberta

método do uso da tarrafa conjugada é usado, principalmente, na lagoa. Os pescadores vêm atrás da rede, procurando tarrapear os peixes que escapam da rede de arrasto.

Quando os pescadores se põem ao largo, na lagoa, ficam à espera do camarão ou do peixe, para jogar sôbre êsses a sua tarrafa. É muito interessante ver a pesca do camarão à noite, pois costumam acender uma lâmpada de óleo para atrair o camarão. Porém nem sempre utilizam-na. Nesse caso, fazem diversos lances ora aquí ora ali, até coincidir que suas tarrafas caíam sôbre o camarão. Ficam êles até alta madrugada tentando pescar, pois é disso que vivem.



Representação esquemática do lançamento da rede de arrasto.

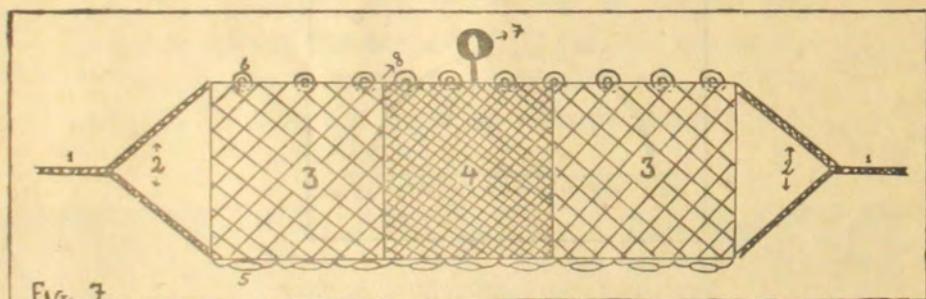
b) — **PESCA COM A REDE DE FUNDEAR** —

É um método semelhante ao usado na lagoa para a pesca da corvina com a rede de empola ou de atravessar.

A rede de fundear, entretanto, é usada para a pesca da anxova.

Lança-se a rede, a qual fica estendida, a parte de baixo afunda com o pêso dos chumbeiros, e a parte de cima, é sustentada pelas cortiças. As extremidades estão prêsas ao chacho com filame e boia. Após lançada, ela fica submersa, só aparecendo as boias do filame. A rede é deixada no mar por um ou dois dias, após os quais é a rede recolhida, trazendo em suas malhas a corvina malhada.

c) — **REDE DE ARRASTO** — Dos métodos de pesca até agora apresentados este é o que requer o maior número possível de pescadores. Podemos dizer que aflue tóda a população da freguesia não só para ver a rede enxugar, mas também para tirar o seu "quinhão". Pois quando a rede está enxugando muitos peixes conseguem fugir, e nesta hora entra em ação a tarrafa e a rede de calão, isto é, no caso do lance ser na freguesia. Na foto n<sup>o</sup> 16 podemos apreciar os pescadores ajudados por populares da freguesia, enxugando a rede de arrasto e, nesta mesma foto nos círculos B e A, apreciamos pescadores conduzindo suas tarrafas, prontos para entrar em ação e outros dois conduzindo a rede de calão.



Rede de Arrasto

A rede de arrasto é conduzida em duas canoas, a metade numa e a metade noutra. Os pescadores se põem ao largo quando é notada a aproximação do cardume. As canoas ficam aguardando momento oportuno para dar início ao lance, e, quando é chegada a hora, saem em direção à praia, uma pela direita e outra pela esquerda, conforme está esquematizado em linha tracejada na figura n<sup>o</sup> 12, lançando a rede procurando cercar o cardume num grande semi-círculo, formado pela rede e assim vêm arrastando o peixe. Na figura n<sup>o</sup> 12, em linha cheia, procurei esquematizar a rede já pronta para enxugar.

Quando a rede está sendo arrastada outros pescadores ficam por fora do semi-círculo, desenterrando-a quando isto se fizer necessário, pois caso contrário, os chumbeiros enterram, ou se prendem em alguma pedra, e êsses pescadores procuram levantar a rede, evitando, assim, que as malhas se arrebetem.

A rêde deve ser puxada simétricamente e isto é regulado pela bóia do copo.

Quando a rêde está enxugando, poderão ser lançadas outras redes que irão envolver a rêde, digamos, principal, só que esta rêde será tôda de malha miudeira. A finalidade é não deixar fugir os peixes que escapam.

Na foto n. 6 podemos apreciar um lance de rêde, já quasi totalmente enxugado.



Foto 12

Preparando a tarrafa para lançar.

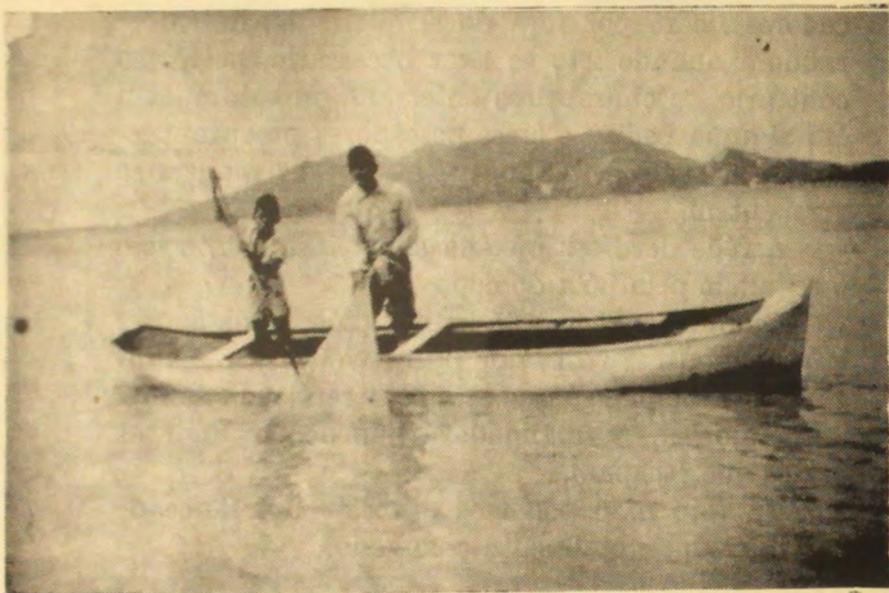


Foto 14 — Pescador “enxugando” a sua tarrafa após o lance

#### IV — ÉPOCAS DE PESCA

Não se pode, a não ser generalizando, estabelecer uma época de pesca, ou seja, dizer que uma espécie de peixe aparece no inverno e outra no verão. Isto porque constituindo a lagôa o habitat natural do mais variado tipo de pescado, poderemos encontrar ali, é bem verdade, em pequenas proporções, peixes típicos de inverno no auge do verão.

O camarão, por exemplo, não tem época. Na lagôa dá o ano todo.

Como disse acima, generalizando, podemos dividir a pesca em duas épocas:

- A) — Pesca de inverno.
- B) — Pesca de verão.

##### a) — PESCA DE INVERNO

No inverno é a época da tainha. Nosso mercado apresenta notável superabundância. É uma épo-

ca esperada pelo povo da lagôa, pois contam com fácil alimentação e, com a venda das tainhas podem fazer uma boa economia que os vai manter por uma grande parte do ano. Hoje, com a fácil exportação para os estados visinhos, está não só mais escassa, como bem mais cara; o pobre via com alegria chegar essa época pois as tainhas eram vendidas por preço bem acessível.

Nesta época a tainha procura a proximidade da costa, mais quente, e, no caso particular da Freguesia da Lagôa, entra ela pela fôz do Rio da Lagôa e por essa chega ao grande aquário, onde faz o seu habitat.

A pesca da tainha inicia em meados de maio e termina no dia 29 de junho, dia em que é lançada pela última vêz a rêde para a pesca da tainha. Esse dia é conhecido como o "dia do último lance".

Terminada a pesca da tainha inicia, em seguida, a da anxova. A presença desta é prenúncio do



Foto 15 — Após usar sua tarrafa o pescador a estende no varal para secar. E após a secagem verifica se as malhas não necessitam reparos

final da pesca da tainha. A pesca da anxova se prolonga até a primavera.

#### **b) — PESCA DE VERÃO**

O guaçu aparece no verão, é um tipo de pescado mais comum na lagôa do que no mar grosso.

#### **V — TIPOS DE PESCADO-SUA UTILIDADE**

Os tipos de pescados são os mais variados possíveis, tanto na lagôa como no mar grosso.

Aparecem aí o sirí, camarão, guaçu, badejo, tainha, pampo, miraguaia, anxova, etc.

O pescado serve não só para a alimentação do povo da freguesia, mas também para vendê-lo e com isto completar a sua subsistência.

#### **VI — CONCLUSÕES: PRATOS TÍPICOS-APLICAÇÃO NA DIETA ALIMENTAR**

Dos múltiplos pratos típicos só desejo salientar os confeccionados com o camarão. A culinária da freguesia, no que refere ao camarão é algo de extraordinário. As senhoras dos pescadores costumam fazer um camarão frito no azeite que é alguma coisa de notável. Elas fritam o camarão com casca, o qual depois de pronto fica tostado. Sabem preparar com muito esmero uma sopa de camarão feito em panelas de barro. Esta sopa depois de pronta fica com a aparência de uma canja. Outro prato muito gostoso é o caldo de camarão com o qual se faz um pirão com farinha de mandioca.

Existem outros pratos confeccionados com peixes e sirí. Comem o peixe ensopado, frito, assado, "de todo jeito", na linguagem do pescador, porém sempre acompanhados da farinha de mandioca.

A dieta alimentar do povo da freguesia é feita

quasi exclusivamente do pescado e farinha de mandioca. Torna-se, portanto, uma alimentação deficiente. Nota-se que o povo é saudável, alegre, porém, pelo que pude observar apresentam uma tez pálida. Creio que se aquele povo apresenta um desenvolvimento físico normal é devido aos exercícios ao ar livre o qual praticam desde criança, pois a pescaria requer um grande esforço físico, mas a isto estão acostumados.

# APELIDOS

O. da Silveira

Vêzo que de maneira pouco recomendável tem popularizado os moradores das plagas desta formosa Babitonga, terra de nascimento de Maria José Cardoso, a linda miss Brasil de 1956, é sem dúvida, o de apelidar.

Este feio e antiquíssimo costume, profundamente arraigado entre nós, desde priscas eras, converteu-se em espécie de passatempo, muito apreciado pelo povo.

Via de regra, originava-se de costumes, ditos, cacoetes, defeitos ou qualquer outra particularidade notados no próximo. Após paciente observação e às vezes, mesmo, demorado estudo “botavam” o apelido, sempre com muita precisão, inteligência e, principalmente, espírito.

Ao contrário do que geralmente acontece, bem poucos casos remontavam aos sempre lembrados tempos dos bancos escolares.

Muitas pessoas e até famílias, tornaram-se temíveis devido a êste hábito.

Em nossos dias ainda persiste, embora de modo geral, entre as classes operárias, que dêle usando e abusando as mantem em constante galhofa e brincadeira, com que tentam suavisar, em parte, as agruras do seu trabalho diário.

O mais velho epíteto que temos notícia, vem da longínqua época da fundação do primitivo vilarejo, quando foi imposto a terrível e ferrabraz capitão-mór, o de Cabecinha.

Entre os muitos de antigamente, pertencentes portanto à velha guarda e que ainda alcançamos, relembramos: Marcapasso, Ingá, Tigitica, Betara, Jacu Pistola, Cebola, Birro, Abuto, Trinta e Um, Fumega, Pé Leve, Brasa Viva, Chapeu Cheio, Corruira, Aleluia, Bilontra, Pechincha, Pachola, Balula, Saira e mais uma infinidade deles.

Existiam também os que se podiam classificar de — apelidos profissionais — oriundos do emprêgo ou profissão pelos mesmos exercidos. Êstes, atualmente são escassos. Assim, tínhamos: Agostinho — remeiro. Inacio — ferreiro. Manoel — foguista. Zé — da maquina. Mané — calafate. Antônio — lator. João — curtidor. Joaquim — abelheiro. João — tezoureiro. Joaquim — carpinteiro. Juca — sacristão. José — violão. Rufino — coveiro e outros.

Hoje ainda é comum para identificar certas pessoas, perguntar pelo apelido.

Fato deveras curioso e original, dava-se com as alcunhas nas plagas onde outrora dominavam os carijós. Com o correr dos anos, muitos foram incorporados e passaram a ser sobrenomes ! Unidos ao nome de batismo, formaram o de família !

Assim aconteceu com diversas da mais autên-

tica cepa francisqueuse que ligaram ao seu patronímico, apelidos que eram portadores, seus pais e avós.

Citaremos as mais conhecidas: os Rodrigues da Cunha que juntaram BOMPEIXE; os Oliveira — TIRIBA; os Dias de Oliveira — QUATI; os Gomes — RAPOSO; os Gonçalves — GRAXA; os Oliveira — BRONZE; os Vales — MILHARES; os Silva — LUSTRE; os Rodrigues — GRAVO e mais algumas, troncos hoje de respeitável descendência.

Seus familiares e parentes até nossos dias ainda os conservam e desta maneira assinam, pois publicamente os aceitaram e legalizaram, num preito assaz justo de reverência e memória aos ancestrais.

Tão pitoresco costume, enriquece nosso tradicionalismo, legado irreverente da ironia popular da nossa terra.

São Francisco do Sul, Fevereiro de 1958.

# PITIMBU,

## UMA POVOAÇÃO PESQUEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO

Ao Sr. Didi e seu companheiro cujo nome não  
registro, jangadeiros do Nordeste e meus amigos  
o amigo dêles  
Pedro

PEDRO AGOSTINHO DA SILVA

As anotações a servirem de base ao que se vai seguir foram feitas, ocasionalmente, durante umas férias de um mês, passadas no ano de 1954 em Pitimbú. Tomadas por curiosidade, sem intuito de servirem para utilização posterior além da de serem recordação escrita desses dias, elas se ressentem sem dúvida da falta de método com que foram feitas; entretanto, apoiado nelas e na memória, é possível poder chegar a organizar um quadro refletindo o que é a vida nessa pequena comunidade, semelhante a outras muitas estendidas pelo adjacente litoral paraibano e pernambucano.

A povoação situa-se entre as barras dos rios Goiana (ao Sul) e Abiahy (ao Norte), mais perto deste do que daquele e aí pelos sete graus e meio de latitude sul, ainda no Estado da Paraíba. mas já próximo à divisa com Pernambuco. Duas horas e meia num micro-ônibus atulhado de gente e carga levam-nos sacolejando de João Pessoa até lá, com breve passagem pelo centro açucareiro de Goiana em Pernambuco. Nesse trecho o rio foi canalizado, e barcos veleiros trabalham aí carregando açúcar; no trecho final da estrada atravessam-se grandes cocais, cuja produção acha caminho para fora de Pitimbú embarcado

em veieiros do mesmo gênero ãos usados na exportação de Goiana.

A partir da barra do Abiahy para sul, a costa eleva-se em uma barreira avermelhada de quartzito e arenito, abruptamente do nível da praia até uma altura de seus vinte-trinta metros. Em alguns pontos, a erosão das torrentes formadas durante as chuvas; do vento e do mar criam curiosas configurações; mas, regra geral, após um trecho de praia de um cincoenta, cem metros, a contar do limite das ondas — trecho arenoso e quase plano —, a barreira ergue-se vertical em tôda sua altura, desprovida de vegetação a não serem os arbustos aparados rente pelo vento, na chapada plana que se estende daí para o interior e a corôa.

Andando sempre a Sul e ao alcançar já as primeiras habitações esparsas dos limites Norte do lugarejo, a barreira perde rapidamente altura enquanto recua, substituindo-se-lhe a praia de areia fina numa faixa larga a entrar bem terra adentro, e onde a planta dominante é o coqueiro. Mais tarde, ultrapassado o regato que corta a aldeia de meio em meio, ela se reergue e continua no rumo de Pernambuco, correndo já agora mais pelo interior.

Nessa zona arenosa, quilômetro no máximo após o súbito declínio da barreira, agrupou-se o núcleo de população, próximo ao riacho fonte do abastecimento de água do lugar, cujo desagudouro na praia forma "Maceió": embocadura fechada pelas arcias durante a estação sêca e a conseqüente diminuição do nível do ribeiro, aberta na época chuvosa por fôrça do aumento do volume de água. Não há água encanada; asnos carregados de latas das usadas para banha e querozene vão rio acima em busca de água potável, depois vendida de casa em casa. Na falta de burro, o homem resolve o problema atravessando aos ombros uma vara de cujos extremos pendem latas iguais às usadas nos animais: cheias, a carga eleva-se a mais de quarenta quilos; as mulheres limitam-se a uma lata, levada à cabeça, e nas famílias mais pobres são elas a garantir o abastecimento em água, da casa; algumas ganham uns poucos cruzeiros aprovisionando quem lhes pague o serviço de encher os grandes potes de barro caseiros.

As casas são humildes. Umás, telha ou palha de coqueiro cobrindo, paredes de barro: paus e bambús entrelaçados com os intervalos repletos de terra amassada; quando bem acabadas, dão ilusão de construídas em pedra e cal, rebocadas. Mas não é êste o tipo dominante: a real primazia na habitação de pescadores cabe à armação de pau com revestimentos nas paredes e tetos, de fôlha de coqueiro; as divisões internas são poucas, do mesmo material; tecidas de algumas fôlhas de coqueiro que se entrelaçam, as portas e janelas. É a casa mais econômica, mais acessível ao mais pobre: logicamente é a mais encontradiça. Tem poucas aberturas, com prejuízo exclusivo de iluminação, que a ventilação é garantida decididamente pelas fendas entre as fôlhas. De fora, o aspecto é de penúria, dentro escasseia o mobiliário; alguns bancos, mesa, prateleiras, redes de algodão para dormir é tudo. Tomando-se, entretanto, em consideração à elevada temperatura média anual e a forma pela qual a ventilação é feita, rêde de dormir e casa de palha para morar estão bem apropriadas ao ambiente — o que deixa a desejar são as condições de cultura, de alimentação e de higiene.

Mesmo nas casas alugadas pelo verão ou noutras ocasiões a pessoas de fora, as instalações sanitárias reduzem-se, como se reduziã na casa onde habitei, ao que há de mais essencial: uma casota de fôlha de coqueiro, dividida em duas metades paralelas à porta, por um tronco de coqueiro afeiçoado em duas faces opostas uma das quais repcusa no chão, servindo a outra de apoio aos pés do ocupante; a metade do casinholo do lado da porta, é o que se poderia chamar vestibulo e a outra, destina-se a receber as dejeções. Uma camada de cal poderia ser posta

de cada vez sôbre os detritos, mas quando muito é uma quantidade de terra que leva, e isso mesmo não o creio generalizado. Fiquei sem saber o que fazem quando esgotaça a capacidade de uma destas instalações, se a limpam, ou recobrem e fazem outra. Em nossa casa, as galinhas da vizinhança esgueiravam-se à noite para lá, transformando-a em galinheiro; a primeira vez que alguém era forçado a utilizá-la de noite, não era sem sobressalto que via a sua roda cacarejos e bater de asas em protesto.

Etnicamente, predomina o mestiço, onde a colaboração do branco, do negro e do índio dá um tipo de estatura média, sêco quando menos pela vida dura e a alimentação deficiente, lábios antes grossos que finos, maçãs do rosto salientes e barba rara e rala, fala cantante. Para os cabelos e pele, é difícil estabelecer um padrão; vão do liso escorrido sugerente de muito sangue indígena ao encarapinhado rebelde, com tôdas as variações de permeio, e do moreno trigueiro ao negro. Em indivíduos escuros, quase negros, e de olhos claros nota-se o sangue de holandeses que no século XVII ocuparam e dominaram terras pernambucanas; noutros, nos olhos oblíquos ligeiramente, trai-se o índio.

As mulheres vestem-se simplesmente, com vestidos de fazenda barata, descalças ou de tamancos. Em terra, os homens usam geralmente calças e camisa de algodão barato e mangas curtas quase sempre, chapéu largo de palha, e tamancos, embora seja mais comum andarem descalços. A "peixeira" completa a indumentária, faca larga de fôlha triangular, presa ao cinto ou pendendo do pescoço por um cordão numa bainha de couro e tão temível como arma como útil no conserto das rêdes e cabos, na limpeza e corte do peixe e para picar o fumo de rolo; êste, escuro, fortíssimo, fumam-no em cachimbo ou enrolado em cigarros de palha de milho. As mulheres fumam como os homens, principalmente cachimbo. No mar, a indumentária masculina varia: calça curta, camisa e chapéu tais em terra, como abrigo um casaco velho ou uma blusa de marinheiro igualmente velha, e "peixeira".

Calculo aproximar-se a população da casa dos 3.000 indivíduos, mas posso estar laborando aqui em erro, pois não pude chegar a verificar o cálculo. Sua alimentação inclui feijão, arroz, carne sêca, peixe e farinha, rapadura, mas é nas três últimas que repousa. Contrariamente ao que se poderia supôr, o côco não representa um grande papel, ao menos de um modo direto, na alimentação; o pão é consumido limitadamente, mais no mar que em terra. Do café, fazia-se na época pouco uso, sem prescindir dêle, entretanto: a limitação tinha origem no seu preço bastante elevado; finalmente frutas, cajú, banana, mangaba completam a dieta. Quanto à bebidas, a cachaça, (aguardente de cana de açúcar), é a mais generalizada; o vinho de cajú, também se o bebe e êste mesmo fruto, deixado de mólho em cachaça e dela embebido, consta ser excelente, embora não possa adiantar opinião pessoal por não o ter experimentado.

Têm superstições e uma religiosidade nata; breves, bentinhos, medalhinhas são usadas ao pescoço por homens, mulheres, e crianças. Existem orações para abrandar tempestades, para "fechar o corpo" (isto é, torná-lo infenso) a tiros e facadas, e muitas outras no gênero. Algumas, duas se não me engano, seitas evangélicas fizeram algum progresso na terra, mas o templo católico é o mais concorrido, quando há officio. Não anotei referências a culto do tipo de "macumba" ou "candomblé", mas pelas recordações que tenho, parece-me existir — e não me espantaria nada serem os mesmos a ir à igreja muitos de seus freqüentadores. Não me estendo nisto às seitas evangélicas, que, mais puritanas e se bem com menos adeptos, logram influência mais funda na ação e na vida de seus membros do que a atingida pelo catolicismo. Note-se ser esta última a religião pessoalmente por mim adotada.

As diversões são limitadas à conversa na venda entre goles de cachaça, da qual antes de se beber se derramam rotivamente umas gotas, a bailes ao som de violões, cavaquinhos, pandeiros, tamborins e armônicas, na casa de um ou de outro; ao cinema, numa sala improvisada com compridos bancos de pau e um projetor de 16 mm, cujas sessões semanais são razoavelmente concorridas por uma assistência que durante o filme tece comentários com o vizinho ao lado ou mesmo com o que está duas filas a frente, aplaude, váia e dá conselhos ao herói. Resta o "Côco", dança e música típicas a que me faltou ocasião de assistir; mas não foram poucas as vezes em que, já tarde, de casa lhe ouvia o batucar pela noite a diante.

No que respeita a serviço público e à assistência social, uma entidade governamental — Delegacia Municipal das Praias do Sul — mantém ambulatório médico e uma usina elétrica de pequenas proporções, cuja energia é distribuída pelas casas; a iluminação nas ruas deixa a desejar, uma lâmpada isolada aqui e ali, mas raro se faz sentir esta falta: pouco se sai à noite. Os pescadores, esses acham-se agrupados numa Colônia de Pesca, de cuja carteira de matrícula os possuidores contribuem com uma quantia módica para uma caixa de assistência e a ela recorrem quando necessário. A Colônia mantém ainda uma escola primária onde os métodos em uso são plenamente ultrapassados, e é quem parte das vezes faz os empréstimos necessários à compra de novas jangadas.

Tôda terra ocupada pelo povoado é de propriedade de uma única pessoa, na época uma senhora residente na capital do estado, João Pessoa; esporadicamente ela visitava suas terras e a exploração dos coqueiros, interesse seu também. Eles crescem por tôda parte, na beira das ruas, entre as casas, atrás da igreja; mas são propriedade privada de valor considerável — essa é uma das razões do seu pouco consumo local; a outra é o preço unitário relativamente elevado dos frutos. A senhora não aluga nem vende terra, vigora ainda o sistema de aforamento, e o proprietário revelou-se já entrave a certos progressos que beneficiariam o lugar: quando se tratou de instalar a unidade geradora de energia elétrica, houve recusa terminante de ceder terreno para a construção da usina, de forma definitiva. Ela poderia ser instalada, continuando o solo propriedade do senhorio, mas com a proibição absoluta de tocar nos coqueiros. Como se fazia mister abater alguns para obter espaço, só ficou resolvido o caso com a expropriação: isto o que pude saber de habitantes locais, sem mais detalhes. Mas não deixa de ser interessante notar que a área abrangida pela central elétrica é diminuta, a comprar com os cocais estendidos por quilômetros de costa.

Na exploração do côco pelo proprietário, empregam-se os trepadores, de quem o trabalho consiste em limpar de fôlhas secas as árvores, fazer a colheita dos frutos e, quando secos, despojá-los da casca exterior, deixando pronta a noz para exportação. As fôlhas que vão sendo cortadas armazenam-se depois de convenientemente dobradas, achando destino na cobertura das casas; as cascas resultantes da preparação das nozes para venda, são um bom combustível. Pouco aparelhamento usa o trepador em seu ofício: as "péias", que servem de apoio durante a subida realizada com extraordinária velocidade e ligeireza e durante o trabalho no tôpo de coqueiro, feito com uma foíce de cabo curto e formato de lâmina quase quadrangular (veja-se ilustração de Percy Lau em *Tipos e Aspectos do Brasil*, Rio de Janeiro, I. B. G. E., 1956, pg. 137).

Pagam-lhe ao trepador, isto é, pagavam-lhe à época de minha estada no local, sessenta centavos (Cr\$ 0,60) por coqueiro limpo; um bom trepador num dia de trabalho comum limpa 60, no máximo 100 coqueiros, o que lhe garante uma fêria de Cr\$ 36,00 a Cr\$ 60,00; na

venda do côco, (e note-se que um coqueiro a cada limpeza produz mais de um) o preço da unidade é de três cruzeiros. Assim, um único côco colhido e vendido assegura a cobertura das despesas de colheita de, ao todo, cinco coqueiros, em toda a sua produção: vinte côcos portanto vendidos para pagamento ao homem responsável pela recolha de uma média de cem frutos, considerando-se a colheita em cem plantas um máximo nem sempre alcançável e fornecerem algumas mais de um fruto a cada limpeza. Não me foi dado verificar se o trabalho destes homens se verifica seguidamente ou em intermitências, ou como é feita a retribuição do trabalho quando ocupados na descasca do fruto colhido.

O conflito surgido e atrás relatado entre o senhorio e os encarregados da montagem da central elétrica estará mais claramente explicado ao se verificar o alto valor atribuído a cada coqueiro individualmente: quinhentos cruzeiros, isto em 1954. (Tenha-se presente serem todos os dados e observações aqui contidos referentes a julho desse ano). Com a inflação, os valores absolutos dos pagamentos, vendas e plantas em moeda corrente têm de se ter tornado mais elevados, mas é de crer as relações de uns a outros se tenham mantido, ainda em face à desvalorização do poder aquisitivo da moeda.

Pronta certa quantidade de côcos para o mercado, a exportação é feita em caminhão, por terra, ou nos veleiros de que se já falou e que vêm atracar e carregar na barra do Abiahy, onde as águas do rio formam uma espécie de lagoa represada pelas areias da praia, com uma passagem que, em barra estreita e difícil, dá calado aos pequenos iates e barcaças de cabotagem; em frente à barra há baixios, correntes perigosas talvez. Ao tempo em que lá morei, uma barcaça com seu carregamento de côcos completo deu à costa e foi só depois de muito esforço e de ser por inteiro descarregada se logrou pô-la novamente a flutuar.

Variam estas embarcações de tonelagem e número de mastros, de dois a três; dois são os tipos existentes: o iate e a barcaça, predominando em ambos o uso de dois mastros apenas, mais raramente se encontrando modelos ostentando três. O primeiro tipo, iate (figura 1 a) arma velas de carangueija nos mastros às vezes, mas muito raramente, se vê o uso de mastaréis e velas de gaff-top; possui gurupés e três velas de prôa: estai, bujarrana, giba. A barcaça tem velame mais reduzido em número, igualmente de carangueija, sem mastaréis nem gurupés: apenas uma vela por mastro (Fig. 1b).

No arranjo das acomodações e espaço de carga, equivalem-se: à ré, uma câmara com uma antepara dividindo-a com dois compartimentos nos barcos maiores; nos menores, a câmara consta de um só. É ela o alojamento do patrão, com a família às vezes — sobre tudo se à qualidade de patrão se junta a de proprietário da embarcação.

Para vante segue-se a única e vasta escotilha para o porão de carga, entre os dois mastros, e, encostada no traquete e à ré dêle, a entrada para o castelo de prôa, alojamento da tripulação; lado a lado, o fogão ou fogareiro sobre um caixote de terra, onde se cozinham as refeições. A um dos bordos, nas embarcações de maior tonelagem, uma superestrutura colada à murada e com um vaso comunicando diretamente ao mar é a latrina de bordo, no mesmo nível do convés. A provisão de água vai geralmente num tonel ou reservatório metálico, encostado por vante da câmara de pôpa; à ré dela, está o posto de timoneiro, maneja o leme por roda, talhas e nas de pouco deslocamento diretamente pela cana do leme. Nenhuma das barcaças ou dos iates por mim visitados eram providos de motor. Para fundear, têm geralmente dois ferros tipos Almirantado, cujas amarras trabalham num bolinete; em nenhuma vi o emprego de cabrestante e é escusado dizer que o casco é de madeira.

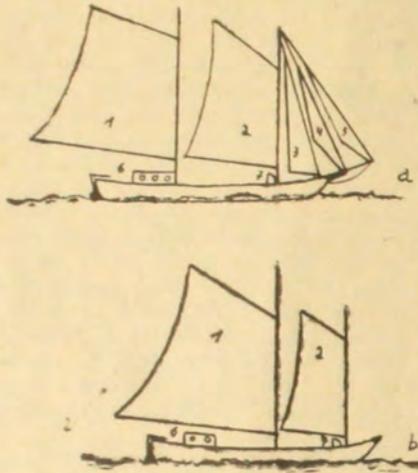


Fig. 1

Em cima: dois mastros iate. Vela-  
me: 1 - grande; 2 - traquête; 3 - es-  
tai; 4 - bujarrona; 5 - jiba. Em  
baixo: barcaça. Velame: 1 - grande;  
2 - coringa. Em ambas: 6 - câmara  
de pôpa, alojamento do patrão;  
7 - castelo de prôa, alojamento da  
guarnição

Conquanto do ponto de vista comercial sua produção seja valiosa, o trabalho dos cocais ocupa uma parcela mínima da população, na maioria concentrada na pesca ou por ela afetada em suas atividades. A lavoura é restrita a umas poucas roças, de subsistência unicamente, pelo menos na zona imediata à praia e próxima ao povoado de que se vem tratando; mais para o interior, há quem faça da lavoura a base econômica de sua vida, e a êsses se referem os pescadores um tanto depreciativamente, chamando-os "matutos". O comércio restringe-se à uma pensão, duas lojas de frutas, verduras e caldo de cana, bem modestas, e algumas vendas, duas ou três, onde há de tudo, de cachaça a anzóis, de arroz a peças de pano, de vassouras e tamancos a panelas e talheres. E a empresa de pesca, cujo papel repercute fundo nesta comunidade que da pesca faz sua principal ocupação.

É a proprietária, esta empresa, dos poucos botes empregados na pesca em mar aberto e os únicos existentes no lugar, tendo também uma câmara frigorífica onde o pescado obtido por seus botes e pelo processo que já veremos é guardado para exportar aos centros urbanos próximos e onde, também, se pode conservar a isca, camarão geralmente, fresca.

A jangada é quem concentra a maioria da atividade no mar; outros processos há, mas todos menos importantes: por isso fica para o final o estudo dela, mais demorado; por enquanto saiba-se apenas ser, — excluídos os botes da companhia — a única embarcação a pescar independentemente de trabalho paralelo em terra.

Na pesca de beira de praia, a rêde de arrasto consegue a um lanço de sorte quantidade apreciável de peixe e exige a cooperação de um

grande número de indivíduos: a rêde é tirada da "caçara" (telheiros sem paredes coberto de folha de coqueiro) e embarcada numa canoa escavada de um tronco de árvore, ou numa jangada pequena impelida a remo ou varejão; esta jangada difere da de alto mar, por ser desprovida de vela e ter apenas à pópa um banquinho, êle mesmo em muita ocasião suprimido, caso em que o todo se limita a um estrado flutuante de quatro ou cinco troncos de madeira apropriada onde os tripulantes se equilibram de pé. Use-se canoa ou jangada, o proceder é o mesmo: deixado um dos cabos de arrasto em terra, vão-se descrevendo um semi-círculo enquanto a rêde é arriada, até aprisionar o peixe entre ela e a praia, e o segundo cabo de arrasto vem ter à praia à alguma distância do primeiro. Um cada cabo se acham a postos já certo número de pescadores, e as pessoas por certo acorrem também à faina de puxar a rêde. Eu próprio ocupei meu lugar na longa fila agarrado ao cabo encharcado enquanto lentamente se desloca praia acima, levando consigo o cabo e com o cabo a rêde onde o pescado se debate e procura saltar sôbre o limite superior, mantido à superfície por boias de cortiça; pela parte inferior a fuga está vedada, pois o lastro mantém a rêde em contacto com o fundo. Terminado o lance com a rêde a sêco na praia, o peixe é dividido pelos pescadores, e usualmente também aquêles a colaborar no puxá-la levam para casa pequeno quinhão. Em minhas anotações nada figura sôbre a regra seguida na divisão do peixe e nisto tão pouco me ajuda a memória, como me não ajuda sôbre quem o proprietário da rêde: se um particular, um grupo associado ou a empresa de pesca. Depois de finda a faina, a rêde é posta a enxugar em varais especiais, de bambú parece-me, sob os coqueiros.

Outro tipo de rêde, menor e manejado por dois homens apenas, é o **mangote** utilizado na pesca do camarão que depois vai servir de isca na pesca à linha, feita de bordo de jangadas e botes. É um retângulo de malha adequada mantido aberto no sentido vertical que é também o dos lados mais pequenos da figura, por dois paus colocados nos extremos. Um dos pescadores entra n'água até esta lhe dar pelos ombros e outro fica mais próximo à terra: disposto assim o mangote perpendicularmente à praia, vão-no arrastando paralelo a ela no sentido do movimento. A espaços saem da água e recolhem o que há de aproveitável na rêde ao "samburá" (cêsto para peixe feito de cipós) e continuam até conseguir a quantidade necessária. Indivíduos há cujo trabalho é fornecer isca ros que vão para fora, pescar à linha; de um tive eu conhecimento embora nunca nos tenhamos falado pessoalmente, e ainda vou ter a oportunidade de relatar a maneira como êle, sem utilizar-se do frigorífico, lograva fornecer isca fresca diariamente, mesmo tendo-a pescado em dias anteriores.

Recorre-se junto à costa a armadilhas e ao largo também: o "côvo" é constituído de um trançado de bambú lascado, formando um cesto do feito de um V exageradamente aberto, em cujo ângulo interno e junto ao vértice se encontra a abertura afunilada por onde o peixe penetra, atraído pelo chamariz, pedaço de espelho ou pano colorido, geralmente; uma vêz dentro torna-se praticamente impossível sair e pelos intervalos entre a tecedura se pode regular o tamanho do peixe a ser aprisionado. Fundeado em lugares apropriados como a proximidade de cascos submersos, o côvo é aí deixado por algum tempo e depois retirado com a pescaria. Um dos peixes em que êste processo se revela mais eficaz é o peixe-agulha, azulado e com a mandíbula inferior projetada para diante como uma agulha avermelhada na ponta; daí o nome.

O "curral" é uma armadilha fixa, para a pesca em massa, que une a vantagem de permitir a intervalos colher grandes quantidades de peixe, o defeito de ser sério obstáculo à navegação, causa mesmo de naufrágio às vêzes.

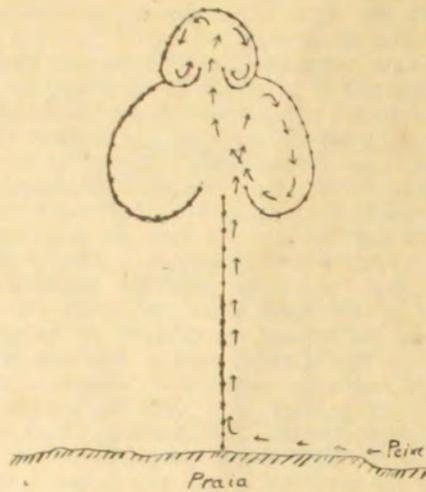


Fig. 2

**Planta de um curral, indicando as setas o caminho percorrido pelo peixe ao ser aprisionado.**

Uma estacada é feita mar a dentro, coisa de cem metros, indo ter à entrada de um cercado igualmente de estacas que, no lado oposto aquêle aonde chega a estacaria vinda da praia, abre passagem para um cercado semelhante, mas menor e fechado todo ao redor. Essas estacas servem de armação do curral, mas não chegam a reter o peixe; para tanto, uma esteira bastante apertada de paus e cipós é levada em rôlos à praia, e a seguir com ela se forra a armação, de modo a impedir a fuga do pescado.

Em síntese funciona assim; o cardume ou peixe isolado que vem beirando a praia, esbarra no obstáculo estendido à frente; nada então para fora, afastando-se de terra ao longo dêle no intuito de ultrapassá-lo, e o resultado é acabar dentro do primeiro dos cercados, cuja forma é própria a impedir-lhe a saída e impeli-lo para o cercado final e mais pequeno (fig. 2). Quando neste último se acha já quantidade de peixe suficiente, em canoas e jangadas do tipo descrito e usado na pesca de arrasto à beira-mar, penetram nêles os pescadores e lançam a rêde; o resultado é farto e seguro.

O oferecer obstáculos à navegação não é dos males do curral o único. Períodos de procriação são ignorados pelo pescador do curral, e o resultado é ser a pesca feita sem discriminação de época, acarretando a captura de fêmeas em tempo de desova, de crias e de indivíduos incompletamente desenvolvidos ainda. Por essas razões há regulamentação no sentido de proibir-lhes o emprêgo, mas não se tem mostrado realmente eficaz.

Ainda a pouca distância da costa, a pesca à linha de bordo de jangadas impelidas a remos é usual, e a jangada empregada é a mesma dos lances de arrastão e curral. Quando ocupado neste gênero de pesca, um único homem a tripula, remando sentado no banquinho da ré, aliás o único. Consigo leva umas quantas linhas de sua própria fabricação, anzóis, isca e samburá, água, cachaça às vêzes; a dotação restringe-se

a um remo, fateixa, e respectivo cabo. Nunca se afasta demais, conquanto alcance distâncias bastante de considerar, e mantém-se fundeado enquanto trabalha, mudando de local de vèz em quando em busca de melhor área.

A jangada de mar alto difere da descrita por seu maior tamanho, capacidade e complexidade de construção no referente a acessórios — que quanto ao casco é idêntico em ambas.

Usualmente o próprio jangadeiro a constrói. Trata primeiro de adquirir a madeira própria vinda de fora e de preço elevado que localmente leva a denominação de “paú-de-jangada” e é extremamente leve: o corte transversal revela a existência de anéis concêntricos, com os intervalos entre êles repletos de uma polpa macia que é fácil desprender; ela efetivamente se desprende nas extremidades dos troncos ao cortar deixando ligeiramente proeminentes os anéis, de fibras mais resistentes; o tom geral depois de sêco é amarelado, a meio caminho entre côr de cera de abelha e marfim velho. Verde e recém-cortada numca a vi.

Cinco, seis paus, são o bastante para formar o casco e conforme a posição ocupada nêle, recebem nomes diferentes. Em viagens se me estraviaram apontamentos e com êles os a isto referentes de modo que o terei de passar por alto, sem dar a nomenclatura dos diferentes madeiros. Escolhidos os paus usados na construção, passa-se a talhá-los nos extremos, obliquamente à pôpa, em talhamar na parte que formará a prôa; assim, embora o formato da jangada seja retangular, se obtem uma menor resistência ao avanço. Unem-se então entre si os paus com cavilhas de madeira, os dois centrais primeiro, depois os restantes, dando ao conjunto uma ligeira concavidade no sentido do comprimento que lhe aumenta as qualidades náuticas.

No livro “Tipos e Aspectos do Brasil”, a secção dedicada ao jangadeiro incorre num pequeno deslize, involuntário a meu ver, no que respeita à de construção do casco da jangada ao afirmar: “Essas cinco peças (os paus do casco) são ligados entre si por outras, da mesma madeira e bem delgadas, que atravessam o lastro de lado a lado, variando seu número” \* (op. cit., pgs. 128-31; o parêntese é nosso). Admito tenha sido observação feita noutra zona, mas mesmo assim isso só se explicaria no caso de ser usado na confecção das jangadas observadas, madeira diferente da empregada em Pitimbú, cuja contestura mesma tornaria impossível a obtenção de “peças... bem delgadas” e ao mesmo tempo de comprimento tal, a ponto de atravessarem “o lastro de lado a lado”, capazes de suportarem o esforço exigido no manter a solidez do conjunto. Por outro lado, uma travessa unindo de fora a fora todos os madeiros do casco — casco em Pitimbú é a designação para o que noutros pontos conhecido por lastro — implicaria ter êste forma plana, em contraste com a abaúlada por mim observada — com conseqüente prejuízo de seu valor marinheiro. O elemento de ligação que vi em tôdas as jangadas nas quais pús os olhos pelo litoral paraibano e pernambucano era pedaço de madeira resistente, dura, seus dois ou três palmos de comprimento e plegada de grossura num dos extremos, afinando a modo de pino até acabar em ponta no outro. Com uma ver-ruma faz-se um furo-pilôto de diâmetro ligeiramente inferior ao da cavilha, e por êle se a força a pancadas de maço; uma vèz molhada, incha, e inchada, não há o que a mova.

Pronto o casco, passa-se ao que se estivesse a tratar de navios, chamaria super-estruturas: à pôpa dois calçadores, peças baixas, roliças e de pequena grossura, montadas verticalmente a cada bordo para servirem de apóio ao remo de govêrno e atar a escota; segue-se o banco de govêrno, simples tábua com quatro pés que se vão embutir nos troncos do casco. A parte a vir depois é mais complexa, maugrado chamar-se simplesmente espêque; nos penúltimos madeiros de cada bordo

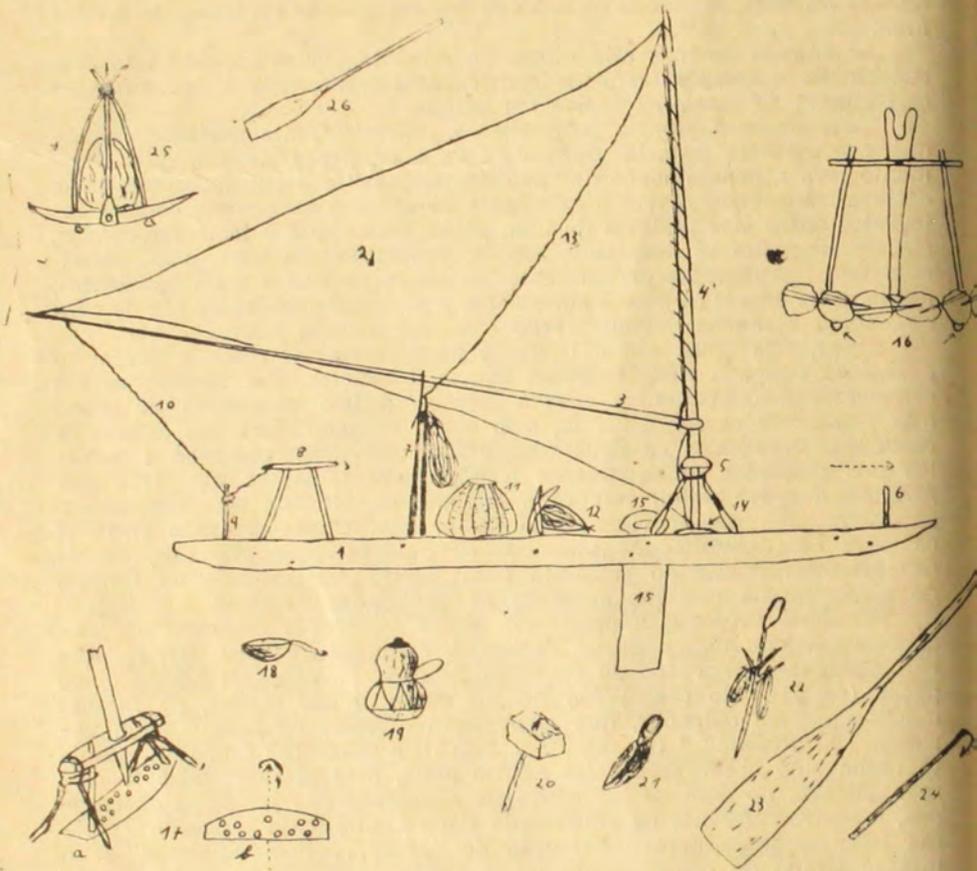


Fig. 3 — Perfil esquemático de uma jangada: 1 — casco; 2 — vela; 3 — tranca; 4 — mastro; 5 — banco de vela; 6 — tolete; 7 — espeque; 8 — banco de govêrno; 9 — calçadores de pôpa; 10 — escota; 11 — samburá; 12 — fateixa, na posição ocupada quando navegando; 13 — ligeira; 14 — carlinga; 15 — bolina. Em detalhe: 16 — corte transversal da jangada, vendo-se da prôa a disposição do espeque e o modo pelo qual as cavilhas unem os paus e, indicadas pelas setas, as longarinas destinadas a proteger o casco do atrito dos rôlos; 17 — a) perspectiva, vista da prôa, do banco de vela e carlinga; b) planta da carlinga demonstrando a disposição dos furos sôbre a linha média longitudinal da jangada (indicada aqui pela flexa pontilhada que aponta a prôa), e a cada bordo; 18 — cúia de meia cabaca, para beber água; 19 — cabaca para mantimentos (a da água é idêntica, com abertura menor e rôlha); 20 — maço; 21 — cúia de vela, em madeira escavada; 22 — pinambaba com as linhas; 23 — remo de govêrno; 24 — bicheiro; 25 — fateixa (veja-se a poita pendurada no espeque); 26 — remo propulsor. Por óbvio se omite o varejão.

espetam-se com ligeira inclinação para dentro, duas varas verticais coisa de um metro mais ou menos de altura; sôbre elas vem atravazar outra, horizontal, que é aí amarrada, ficando excedentes na amarração tanto suas pontas quanto a dos suportes verticais, alguns centímetros. Uma terceira peça, mais alta que as duas precedentes, vem aplicar-se também no sentido vertical, completando o espeque; esta última peça é estreita na parte inferior, chata em tôda sua extensão, e alarga enquanto sobe, com uma reentrância no tôpo para suportar as alças dos utensílios aí pendurados; a função dêste espeque é a de prateleira: tudo quanto colocado no fundo seria varrido para o mar pelas vagas, aí vai.

Na linha média longitudinal, imediatamente à ré do mastro, há uma fenda por onde passa a bolina, esta uma tábua plana, removível e com uma pega na parte de cima; duas tabuinhas pregadas de cada lado, impedem-na de passar inteiramente através da tal fenda, rumo ao fundo.

O banco de vela não é prôpriamente um banco, mas uma peça ligeiramente arqueada no dorso, assente em dois pés curtos e esteiada para vante e para ré com várias voltas de cabo a cada bordo, passando entre os troncos e indo prender nas cavilhas que os unem. No centro há um orifício para o mastro, o qual enfiando por êle vai meter o pé na carlinga; esta difere da comum carlinga dos barcos, quadrangular e única na linha de quilha, por serem cavidades redondas no total de onze sôbre a mesma tábua, uma a meia-nau, cinco para cada bordo. Daí para prôa nada mais há a não ser a bombordo o tolete onde se amarra a poita enquanto fundeada a jangada.

Com isto está ela pronta. Acrescente-se a dotação e estará apta para a pesca: um remo de govêrno, de pá larga e haste chata equivalendo-se quase, grande mais que um homem; um varejão, um ou dois remos menores para propulsão; o maço de madeira para os consertos eventuais; o samburá para o peixe; o bucheiro, anzol grande na ponta de um páu forte e não muito comprido, que ajuda embarcar o peixe. Faltam ainda as cabaças para o alimento e a água (esta substituída às vêzes por um barrilete); a "pinambaba", haste fina de madeira com três cabides para as linhas e uma alça para pendurá-la no espeque; a cûia de vela, cujo emprêgo virá em tempo. Completam o conjunto a fateixa com a respectiva poita; a respeito da poita, simples cabo para fundear que é, nada há a dizer; a fateixa, noutros pontos do litoral chamada "tuavaçu", é assim: dois bocados de madeira resistente, de inferior à largura e aguçados nas pontas dispõem-se em cruz, formando os braços e patas destinados a unhar no fundo. Sôbre êstes dois pedaços depois de encaixados um no outro, vem assentar uma pedra de bom pêso, mantida no lugar por quatro varas flexíveis, as quais, passando por furos em cada um dos braços que além de aguçados são ligeiramente recurvos, se vão unir as quatro numa amarração por sôbre a pedra; a esta amarração se fixa depois a poita.

Excluídos por secundários remos e varejão, a jangada navega impelida por uma vela triangular de algodão cru e fino. A base do triângulo vai envergar no mastro, ficando-lhe a extensão maior no sentido horizontal, sentido no qual a mantém estendida quando em uso a peça chamada tranca, que ajusta perpendicular ao mastro por uma boca-de-lôbo. Uma escôta permite o manejo da tranca (um cabo singelo, sem recurso a moitões para reduzir o esforço), e outro cabo atado ao topo do mastro e chamado ligeira faz as vêzes de uma espécie de brandal volante que sustém o mastro sob a ação do vento, amarrado no espeque.

Para as tarefas de pôr a nado, retirar da água e servir de berço quando em sêco, existem rôlos de tronco de coqueiro sôbre os quais a jangada desliza; como ao fazê-lo sem proteção haveria desgaste da su-

perfície inferior do casco, duas peças longitudinais, delgadas, aí vão cravadas.

De tudo isto, uma coisa se há de ter notaão sem sombra de dúvida: nem uma peça de metal integra a jangada, e assim é.

Agora, o aspecto econômico da questão, importante por ser o responsável em grande parte pela situação de dependência econômica em que vive o jangadeiro: cada pau de jangada custava então quinhentos cruzeiros, elevando a três mil o preço só do casco. Com todos os acessórios, vela e linhas inclusive, vai à casa dos seis mil cruzeiros, e claro é que o pescador comum não os tem. Recorre então a um empréstimo, em material que lhe é fornecido ou pela colônia, ou pela companhia de pesca. Esta última exige o pagamento não em dinheiro, mas em peixe e a preço por ela estipulado, inferior sempre ao da venda direta ao público. O jangadeiro poderia vender — e o faz parcialmente — sua pesca desprezando o intermediário e obtendo assim maiores proventos; duas coisas o impedem porém: número um, porque tem a dívida contraída a saldar, com o peixe; número dois, porque nem sempre a pequena localidade é mercado suficiente à produção, e êle não dispõe de meios para conservar o pescado, muito menos para exportá-lo.

O problema agrava-se com ter a jangada de ser substituída periodicamente, — em geral uma vez por ano —, pois os madeiros encharcam tornando-a pesada e diminuindo-lhe progressivamente a flutuabilidade. Quando está acabando de ser paga, está também precisando ser posta de lado e adquirida outra; a dívida da jangada torna-se então uma dívida permanente e inevitável. Na praia de Tambaú, João Pessoa, em Olinda e Recife também, encontrei um tipo de jangada diferente na construção mas no formato idêntico à tradicional: o casco é feito de tabuado, um flutuador ôco por dentro e do jeito da jangada de paus. Menos segura, menos acessível no custo, é mais durável no entanto, mas parece não despertar grande entusiasmo, como aliás não o despertam os botes. A razão é simples: ambos podem afundar; nunca a jangada comum.

Há dois tipos de pescaria em jangada: pesca de alto e pesca de maré; a única diferença está no tempo a permanecer-se no mar, e na distância a que se vai. Quando se sai para o alto (alto mar) longe da vista de terra e disposto a passar vários dias, vai-se prevenido de farinha, temperos, pão, carne seca, rapadura, e um molho de lenha para o fogo; como se arranjam para fazê-lo, não sei: lá fora há água por toda parte, até na vela; água doce e cachaça vão também, e o peixe já lá está à espera. Um pescador disse-me passar melhor às vezes quanto a comida no alto, do que em casa. Quanto à pesca de maré, posso descrevê-la com detalhes:

Sempre tive pela melhor maneira de conhecer as coisas o ir vê-las pessoalmente; isto me tem proporcionado muita experiência interessante: nem sempre é cômodo, mas vale a pena. Foi assim que por intermédio da professora conheci o dono e patrão de uma jangada, Sr. Didi, e me vi às três da manhã a saltar da rede estremunhado e já metido numa calças curtas e dois pulôvers. Engoli às pressas uma xícara de leite e duas bolachas, agarrei o bernal com carne seca, farinha e bananas, e passei para noite escura e estrelada lá fora.

Na praia já me esperavam; poucas palavras, começamos os três empurrar a jangada práia abaixo. A maré estava baixa, a distância a percorrer era razoável; para os roios não atolarem na areia molhada, o varejão pôsto por baixo dêles fazia as vezes de trilho. Quase não havia arrebentação, foi fácil pôr a jangada a flutuar e fômo-nos afastando de terra primeiro à vara, depois a remo em águas mais fundas.

Quando à certa distância de terra, pararam as remadas no bordo oposto; percebi o patrão armando o remo de govêrno enquanto sentia

seu companheiro andar para a prôa e enfiar a bolina no lugar. Pouco depois o mastro saiu do seu escosto no espeque e foi, através do banco de vela, encaixar o pé num dos onze furos da carlinga, o conveniente à direção do terral que se esperava e não chegava. Depois a vela estendeu-se, alvacentas na escuridão. Pairamos assim em calma por algum tempo, mas com certeza tínhamos um ligeiro seguimento pois o balanço foi aumentando e comecei a sentir a língua grossa. Mau.

Já começava a clarear e ia distinguindo melhor meus companheiros: O Sr. Didi, sêco de rosto, com um paletó, velho em tempos azul e mais alto que o comum dos jangadeiros; o outro, um rapaz ainda novo, mais baixo e robusto, pele bastante escura. Eles também viram quando pela primeira vêz me inclinei ansioso sôbre a borda; lá de trás veio uma risada do sr. Didi e um comentário qualquer a respeito de dar de comer a veludo. Não percebi bem, e perguntei do que se tratava; foi fácil: Veludo era o mar e, bem, eu estava-lhe dando de comer... Depois ofereceram cigarros; não fumava, obrigado, e se o fizesse não seria agora.

Quando o sol despontava, o vento chegou-nos num leve sopro de brisa. O rapaz entroncado, via-se já, metido numa blusa de marinheiro abaixou-se e pegando a cûia de vela, começou a atirar-lhe com ela água. Isto permite aproveitar tôda força do vento, que se não escapa assim pelos interstícios do tecido. A velocidade aumentou, o vento também, e lá nos fomos cortando a enseada em diagonal no rumo da pontá extrema da praia. Faltava isca e fomos buscá-la.

O que parecia ponta aguda era apenas uma praia arredondada que recuava depois em nova enseada, orlada de coqueiros tôda ela como a nossa. Aí mora o homem pescador de isca, o qual faz as entregas sem sequer ver o freguês: à nossa volta, no mar mesmo viam-se flutuando objetos escuros; aproximamo-nos de um, rapaz da blusa de marinheiro azul puxou-o para bordo: um samburá prêso por uma linha a um pêso no fundo, cheio de camarões vivos, pescados no dia anterior e ideais para servirem de isca.

Recolhida a isca, nada mais há a fazer junto à costa, pode-se virar já a prôa ao mar e ir rumo do pesqueiro. Com a mudança de rumo, o mastro tem de ser orientado novamente; o pé trocou de furo na carlinga, indo para o adequado ao vento que nos chegava agora pela alheta de boreste. Para melhor equilíbrio, em marcha o peso todo levado a bordo é concentrado a meio-navio, próximo do espeque. A poita vai nêle pendurada, e a fateixa põem-se ou ao lado, ou adiante do samburá, também encostado ao espeque. Os tripulantes aí igualmente se juntam; tomando com exemplo o nosso caso, três homens a bordo, o patrão fica ao centro, de pé entre o espeque e o banco de govêrno ou sentado nêle, e os dois restantes de pé a cada bordo e um pouco atrás ou ao lado do espeque. Quando se está cansado, pode-se aproveitar uma ponta do banco do patrão; isso nem sempre é possível; e mesmo não muito aconselhável, pois os dois tripulantes — principalmente o que vai a barlavento — faz as vêzes de lastro móvel compensando a ação do vento na vela. Isso exige o permanente alerta de quem vai no bordo do vento: quando uma lufada mais forte ameaça transtornar o equilíbrio ou mesmo emborcar a jangada, firmam-se bem os pés no madeiro da borda, segura-se com força o cabo próprio atado no espeque para servir de apôio, e projeta-se o corpo para fora da embarcação, com os braços esticados e o corpo num ângulo de 45° e menos com a superfície do mar. Nessa posição é necessário manter-se até restabelecer-se o equilíbrio, se foi rajada, ou enquanto o vento se mantiver em força tal que obrigue ficar na escora para não virar. Depois pode-se voltar ao natural, os pés mais dentro na segurança do casco, uma das mãos no espeque mas sem largar o cabo da escora, de pé.

Parece difícil ou perigoso mais não é — posso dizê-lo por que em

tôda ida me coube a mim a posição e sem experiência prévia alguma ou mesmo atrapalhação me pude desincumbir dela a contento. O único perigo verdadeiro é que um escorregão ou o escapar a corda das mãos resulte num banho, sem maiores conseqüências para quem saiba nadar a menos que apareçam tubarões. Mas não vi nenhum.

A certa altura, já longe de terra, as ondas começam a atingir proporções para quem está numa jangada, bem diferentes das que assumem para quem as olha cômodamente da prôa cu do convés de um navio. Acho que a principal diferença é, para o do navio, correrem elas ao encontro e depois por baixo dêle, afastando-se. Ao da jangada, a coisa apresenta-se bem diferente: metade do tempo a crista das ondas está a vários metros acima da cabeça, e vêm em cima dela uma sôbre outra, aparentemente. A princípio, mal começávamos a descer do dorso da vaga e via à minha frente já outra (a seguinte parece sempre maior que a passada) levantando-se, sentia sensação igual à de descer num elevador rápido, demais e instintivamente baixava a cabeça qual touro pronto a marrar. Porque é esta a idéia que se tem: de ser preciso arremeter cabeça baixa para vencer a vaga.

Uma jangada navega de modo diverso de um barco; o barco corta a onda, enquanto a galga; com ela é diferente: vai planando até montar a crista, então como que se detém por instantes enquanto a vaga rola por baixo, projetando a parte de vante no ar; quando o impulso e o próprio pêso desequilibram esta espécie de gangorra flutuante, a prôa cái com um chape! e lá vai tuão deslizando cada vez mais depressa para a cava da onda. Parece querer mergulhar na seguinte, mas apenas um pouco de água invade a prôa e corre escoando-se pelos vãos dentre os paus, chegando um pouco até onde se está. A pior ocasião, é a do desequilíbrio, não por êle mas pelo chuveiro seguido à pancada chapada da prôa na água; isto sempre, onda após onda, horas.

Até agora, pouco tínhamos falado, fora no comêço de Veludo e cigarros. Por momentos senti-me melhor, resolvi saber por que modo o sr. Didi se dirigia ao lugar onde havia peixe. Deduzi que provavelmente por marcações em terra tomadas ao partir, não havendo bússola a bordo nem nada de semelhante; não seria mesmo de admirar jamais terem meus companheiros deitado ôlho a coisa com essa. Claro que sol e estrelas servem para orientar, sei. Perguntei como sabiam onde estava o pesqueiro, responderam que sabiam; como me pareceu estarem de pouca conversa, calei-me. As marcações, sim; um pouco de sorte também, matutei. Muita sorte talvez. Mas o fato é que em outras ocasiões os vi trazerem jangadas e botes já noite fechada até o fundeadouro de sempre, ao lugar de pôr a jangada em sêco costumeiro. Instrumentos de navegação é que não os há, nenhuns.

Aí a coisa piorou com o aumento do balanço; as quatro horas mal dormidas da noite anterior faziam seu efeito, ajudadas em muito pela sonolência própria do enjôo. Cansado já, com sono e agoniado, não me podia sentir que ferrava a dormir imediatamente; aliás meu pôsto na escora não me deixava sentar muito, nem mo permitia o sr. Didi ao ver que eu logo adormecia, se sentado. Fechou a cara, disse que se dormisse era bem capaz de ir parar à água e que portanto ficasse de pé. Assim o fiz, cada vez pior; não havia modo de dominar o sono, e já cochilava de pé, e era cochilando a meias que me deixava pender para fora da borda, mandando ao diabo a hora em que se me metera na cabeça a idéia de tal experiência.

Para aumentar a raiva surda de tudo e de mim mesmo que me ia tomando, meus companheiros riam à farta do meu estado. Aconselhavam-me a cantar, estendendo-me um limão verde a cheirá-lo, e pediam-me cantasse aquela

Eu fui no Limoeira,  
E gostei do forró de lá!

Parece-me ser assim a letra, escusado dizer não cantei. E quanto a ir a alguma parte, a única a apeter-me agora era terra. Como a do Limoeiro não saisse, dizia o rapaz da gandola azul que se eu era português, tinha de cantar coisas de minha terra para êles ouvirem. Obrigado, aqui não. Isto dito apenas com um balançar de cabeça meio enérgico, entre intervalo e outro dos debruços borda a fora.

Para consôlo, contaram casos de jangadeiros que enjoavam e depois acostumaram. O lenitivo máximo veio do senhor Didi:

— Olha, um doutor do Recife que veio com nós, ficou ruím deitado lá na prôa. Foi pior que você: chegou botar m... pela bôca. ;

Sem resposta, a conversa parou. Como nos aproximávamos já do destino, preparou-se a poita fixando-a na fateixa e esta foi levada à prôa. O outro chicote do cabo atou ao banco de vela, passando depois no tolete com uma volta de fiel; a amarração no banco de vela é para segurança do cabo apenas, a tensão do fundeio exerce-se tôda sôbre o tolete.

Chegados, a fateixa foi lançada e a amarra deixada correr tôda fora. O mastro não fica levantado, pois muito embora se possa ferrar a vela nêle, ainda assim apresentaria resistência ao vento e forçaria mais do necessário poita e fateixa. Portanto a primeira coisa a fazer após fundear e antes de iniciar a pesca, é tirá-lo. Não se creia isto tarefa fácil, e mesmo o experimentado camarada do sr. Didi levou algum tempo a fazê-lo; enrolou primeiro a vela no mastro ferrando-a com a ligeira, pondo a tranca com a bôca-de-lôbo apoiada no banco de vela, o lais no fundo junto ao banco de govêrno. A seguir, abrindo muito as pernas para equilibrar o corpo, levantou a mãos ambas o mastro da carlinga até o safar por completo e colocou-o deitado, lado a lado com a retranca, a boreste.

A essa altura estava o remo de govêrno estendido no fundo e o patrão começava a iscar os anzóis e a lançá-los por sotavento. Ocupado em observar a manobra e o início da pesca, pouca atenção dera às horas; mas era cedo ainda, oito quanto muito, menos talvez: nenhum relógio a bordo, fora o sol.

Olhei as vagas, sem carneirada e de um verde translúcido, muito largas e altas; pelos intervalos dos troncos, a mesma água verde e fria, com raios de sol dourado entrando por ela em feixes de filetes, parecidos na forma às agulhas de gelo que saem do chão no alto do Itatiaia nas noites mais frias: finos, paralelos, inumeráveis. Por uma associação de idéias, lembrei-me de procurar terra. Só a vi ao galgarmos uma vaga maior, uma linha verde-escura muito fina no horizonte oeste, das copas dos coqueiros. Mais nada, Itamaracá para o sul nem se quer se via.

Enquanto ia olhando, cistraiá-me; quando se acabou e só restou ver pescar, o enjôo tornou-se mais presente. Saltei por sôbre a vela e a tranca e fui para a prôa; entre a vela e o banco respectivo, formava-se um canto convidativo e varrido do mar, mas que pelo menos servia de encôsto. A posição era incômoda, meio sentado, meio deitado, a cabeça apoiada e o pescoço torcido de encontro ao banco e tranca; melhor que em pé de qualquer modo.

Instalado, dali olhei a pesca dando já resultado. Quando um safanão numa das linhas fixas a bordo anunciava peixe, o sr. Didi e o outro rapaz deitavam-lhe a mão entrando rãpidamente a linha. Conforme o tamanho do peixe ajudando-se ou não com o bucheiro, punham-o a bordo, tiravam o anzol e jogavam o peixe pra dentro do samburá, iscavam novamente e lançavam a linha. Estas linhas são confeccionadas em terra pelo próprio pescador, com linha adquirida no comércio local; a

linha comercial em carretel é torcida, três, às vezes mais fios formando a linha de pesca, tinta depois para resistir à água salgada.

Sempre me foi fácil dormir em qualquer parte; daí a pouco, o jôgo ajudando, não houve pesca com poder de me conservar desperto. Uma jangada fundeada arfa de modo diferente daquêle por que o faz navegando: a poita não lhe permite a leveza de então no montar da vaga puxando-lhe a prôa para baixo; o resultado é, chegando ao cavado da onda, mergulhar de prôa um tanto antes de começar a subir, varrendo-a de fora a fora uma catadupa de água. Na pôpa, onde normalmente se vai e normalmente se pesca, o efeito não é muito de sentir por quando a água a alcança já escoou tôda quase pelos bordos e vãos e a jangada no tempo decorrido navega de novo completamente emersa. Mas no ponto onde me achava, a coisa era consideravelmente diferente; de modo regular a onda vinha e cobria-me às vêzes até o pescoço, depois passava. Não é preciso dizer como fiquei encharcado.

A certa altura ccnfusamente eu ouvi gritar, qualquer coisa, pé para dentro. Em terra soube depois ter estendido durante o sono um pé para fora e dêle se ter aproximado guloso um peixe de dentes grandes a que chamam "bicudo", o qual não foi pescado nem jamais vi; pelo relato poderia ser baracuda. Nem bem adormecera novamente (pareceu-me só) um choque violento fêz-me levantar a cabeça: a primeira coisa que vi, foi um dos paus da prôa, ligeiramente quebrando na ponta. Logo, descendo primeiro e depois subindo enquanto nós descíamos, uma jangada e três homens a bordo apontando-me e rindo-se enquanto perguntavam se estava muito mal. Que não, que até ia bem, disse-lhes o sr. Didi. Bem, imagine-se!

A jangada agora pescando e que nos abalroara ao fundear, era como a nossa, pouco mais ou menos do mesmo tamanho. Alí ficou algum tempo; depois levantou ferros e foi-se em busca de melhor ponto.

Por então já era meio dia. O vento refrescara e batia dente quanto me levantei e fui até a pôpa, ver se acompanhava os outros comendo alguma coisa. (Na pesca de maré, a refeição é fria, não se cozinha). Uma banana como experiência, engolida com esforço. Foi voltou; desisti e marchei para o meu lugar. Agora, além de cansado, fraco e esfaimado. O resto do tempo não sei se o passei acordado, se dormindo: era uma espécie de torpor, com vento, água verde, sonho de praia, areia quente e coqueiros, senhor Didi perguntando que tal enquanto o outro olhava; onde as calças não protegiam o sol forte e o sal do mar começavam a fazer efeito, pondo as pernas como camarão cozido.

Por fim sacudiram-me, mandando fôsse para a pôpa. Contento em ver a coisa acabar, deitei de passagem uma olhada para dentro do samburá: quase cheio. Voltavam mais cedo por minha causa, disseram senão enchiam-no; não tive ânimo para lhes pedir ficassem o tempo suficiente.

A fateixa veio para junto do samburá, achei que seria bom assento, tentei-a. Tive de desistir: voltava a hora de estar desperto para o equilíbrio, enquanto velejávamos de volta, não importando o estômago vazio em câimbras quase me dobrar em dois com dôres. Miserável figura.

A volta foi o contrário da ida, com ligeira parada no pôrto da isca: chegámo-nos a um bocado de pau servindo de bóia, correspondente ao lugar de nosso samburá com tampa, para isca, e aí foi êle atado, vazio. um homem apareceu na praia e manteve com nosso patrão uma conversa a berros, sôbre a encomenda para o dia seguinte: um dos que trabalham com isca.

Quando às quase seis da tarde saltamos em terra, levávamos perto de quinze horas de mar, e êste fôra um dia de trabalho mais curto que o comum dêles; a causa sabe-se. Esta é a pesca de maré.

Varada na praia aproximou-se gente para ajudar a empurrar a

jangada. Em tôda a manobra de varar e por a sêco, a vela não é retirada; a alguma distância da praia ainda, mas onde existe já o risco de tocar fundo, recolhe-se a bolina e o impulso leva a embarcação à areia mesma. Salta-se n'água logo, segurando-se a jangada para ela não atravessar ao mar vindo de fora e põem-se a prôa, depois a popa quando ela já avançou o suficiente para estar a sêco, sôbre os rolos. Tôda a gente passa então a empurrá-la praia acima, ajudada nisto pela vela sempre caçada.

Ali mesmo na praia se faz a divisão do peixe, e começa a venda ao público, quando não é preciso levar o pescado à companhia ou à colônia. O senhor Didi já estava na fase de ter ãe contrair novo empréstimo, sua jangada ensopada levava apenas três ao mar, quando nova poderia ter levado quatro e até cinco, se preciso; como estava, isto teria sido arriscado. Em breve teria a substituí-la uma nova, disse-me êle.

Para o fim deixei duas coisas: Uma, por se tratar de acidente na vida do lugar — a companhia de saltimbancos; outra, pelo inesperado para mim e pelo agradável da recordação — a festa do Sábado de Santana.

A companhia chegou à vila num dos dias ulteriores à ida ao mar; duas moças, dois homens que faziam papel-de-tudo e o dono do circo, êle próprio ator e mestre de cerimônias à uma. Um palhaço percorreu todo lugar, gritando o reclame do circo que não era dos mais próprios a ser gritado e muito menos impresso aqui; lembro-me disto, e de ser em verso, mas não da letra exata; por ambas razões não o reproduzo. A barraca não era barraca, apenas um cercado de algodãozinho branco impedindo a vista aos curiosos curtos de dinheiro para o ingresso. Paguei-o, e de todos os atos o melhor era exatamente o não incluído como tal: a um canto, dois sujeitos, um de cavaquinho, outro de pandeiro, eram a orquestra; ao final de cada número, o dono-mestre-de-cerimônias dirigia-se a êles e era rum tom solene e autoritário que ordenava com a maior seriedade:

— Música, maestro — e cavaquinho e pandeiro atacavam furiosos um frevo desafinado.

Com o Sábado de Santana, foi diferente, muito, e de surpresa: à noite, ao abrir a porta e sair à rua, dei com o escuro de tôda ela pontilhado dos clarões de fogueiras à porta de cada casa. Era um de meus últimos dias em Pitimbú, e fiquei a olhar as famílias a assarem milho verde nas brasas enquanto os vizinhos se chegavam, primeiro quietos e depois entrando na conversa. A casa do sr. Didi ficava adiante, lá também assavam milho e papeavam. De ao longe, duma roda de crianças no lusco-fusco avermelhado dos fogos, vinha uma velha canção portuguesa:

Ó Mathilde levanta os braços,  
Ó Mathilde sacode as saias,  
Se não me dás um beijinho  
Dá-me ao menos um abraço!

Poucos dias depois, cêdo na madrugada, estava de novo espremido numa confusão de gente, camarão e cestos, sacudido e amassado pelo caminho de volta.

## II

Se me fôra dado apontar algumas sugestões para solução de parte dos problemas locais observados durante êste tempo, poria em primeiro plano as que se seguirão:

A questão de propriedade de terra, pode-se resolve-la pela conversão ao domínio público dos terrenos dentro da área que chamaria à falta de melhor, urbana. Isto é: a comprehendida nos limites onde mais densa é a concentração das casas dos pescadores. A seguir a terra seria atribuída ao morador num perímetro a estipular em torno da sua residência; garantida a posse da habitação e do terreno em que ela assenta, poderia êle ser utilizado da forma mais conveniente ao residente, com a ressalva de não poder ser vendido, nem alugado, isto no intuito de impedir a reconcentração pela venda ou aluguel da propriedade nos limites, que já chamei urbanos, em poucas mãos. A hipótese é de temer, a não ser fôsse tomada a tal precaução de uma cláusula impedindo a alienação do terreno, pois a precária situação financeira poderia em muita ocasião tentar ou mesmo forçar à venda.

Semelhante conversão ao domínio público só poderia ser executada mediante expropriação; mas, considerando-se a relação entre as terras a expropriar e as possuídas pelo proprietário delas, êste não ficaria grandemente prejudicado, mœrmente levando-se em conta seria devida e equivalentemente indenizado. E êste prejuizo mais que mínimo de um, seria amplamente compensado pelo beneficio de muitos.

Em relação à pesca, e no mesmo senão superior nível de importância da questão acabada de tratar, indicaria como a solução mais oportuna a cooperativista. Haveria a organizar uma cooperativa de pesca auto-dirigida e assistida por competentes técnicos governamentais, de organizações internacionais como a F. A. O. e mesmo contratados pela própria cooperativa. Esta, para início teria como fins financiar em termos não-extorsivos a aquisição anual da jangada, manter o frigorífico para a conservação do peixe e isca, e por último organizar racionalmente a exportação de modo a pô-la no mercado externo a preço acessível e compensador, pagando ao pescador porcentagens sobre êste preço de venda maiores e mais justas ao esforço despendido.

A haver de futuro incremento na produção pesqueira seria coisa a estudar a sua industrialização, o que poderia redundar em mais oportunidades de trabalho para a população, em especial mulheres e me-  
nores.

Não preconizo ser a cooperativa a proprietária da jangada, por crer não seria dos melhores o resultado; não ser dono da própria jangada, ainda sendo preciso pagá-la com esforço, iria de encontro ao espírito individualista e independente do pescador. Êle vai ao mar não por gôsto, mas por precisão. Precisa comer, e vai. Mas se lhe apeteecer passar fome, há de querer passá-la sem ter ninguém a obrigá-lo à pesca, seja patrão seja cooperativa. Pelas mesmas razões a cooperativa deve ser auto-dirigida, apenas os técnicos exercendo o que devem: assistência técnica.

Mais tarde, a ação da cooperativa poder-se-ia estender ao abastecimento da população, passando de simples cooperativa de produção a de produção e consumo.

Cooperativa auto-dirigida, exige educação, e educação, escola. Antes de mais nada, a escola tem o dever de dar amplitude à visão do indivíduo, preparando-o a par para o lugar que lhe é destinado na sociedade. Ora, a sociedade de determinado indivíduo é aquela na qual vive e onde é de supor continuará vivendo. Logo, a escola cujos programas e métodos forem regidos (como o são) de longe e alheadamente aos problemas atinentes a determinado local, ou pelo menos a determinado meio social, terá uma ação das mais fáceis de prever: nula. Temos em consequência que métodos e programas devem ser realizados acordos com as realidades sociais e espirituais existentes onde se os vai aplicar e os resultados que se desejam obter decorrentemente baseados no estudo direto dos problemas em foco. De um gabinete, o mais que se

poderá é coordenar os dados e pensar-lhes as soluções, e será de toda conveniência conhecer quem pensa diretamente as condições locais. Colhidos os dados no campo, pensadas as soluções onde se quiser, resta experimentar no campo também se elas funcionam; se não, o remédio é rejeitá-las e procurar outras, até acertar. Mas qualquer seja ela terá de levar em conta as heranças histórico-sociais e as condições materiais do meio ambiente no qual irá atuar, na perseguição do fim visado e anteriormente expresso.

Tal espécie de escola, adaptada a uma colônia como a descrita está ainda por fazer, sobre tudo se orientada no sentido de ensinar ao homem a auto-dirigir-se. Não só em Pitimbú como em toda a costa, não se poderá esperar aceitação de certas melhoras e benefícios se os receptores não estão para eles preparados. E na verdade, pouco poderá ser feito em qualquer reforma, se cada pessoa como individuo e membro do grupo não tomar nela uma parte ativa, responsável e consciente.

Êstes os três problemas primordiais: terra, organização do trabalho com o fito exclusivo de assegurar a cada um a satisfação plena de suas necessidades vitais, existência de uma escola apta a mostrar e guiar no emprêgo desta melhora material para um aperfeiçoamento espiritual e intelectual.

Agora alguns outros!

Luz elétrica há em Pitimbú, e boa; problema ultrapassado portanto. Mas não há esgôtos, fossas ao menos. Haveria não que fazê-las, mas ensinar a fazê-las, mostrar-lhes a necessidade e proporcionar meios de as fazer. Essa uma das primeiras tarefas de uma escola de interior, considerado interior aqui o litoral, por afastado das grandes cidades: ensinar a fazer sanitários. Pode parecer exagero mas não é. Mais cordato ensiná-lo antes e matemáticas depois, não parece? E assim mais uma série de pequenas coisas — pequenas mas importantes — da vida diária.

No regato usado para o fornecimento de água, muitas vêzes chapinhei distraidamente e ajudei meus irmãos a soltar barcos de páu-de-jangada e casca de côco, com outros garotos que faziam veias para os seus com folhas esfiapadas de coqueiro. Não vi o caramujo portador de schistosoma, nem creio houvesse no maceió, não poucas vêzes invadido pelo mar na maré alta, onde brincávamos; nem rio acima, embora não o tendo procurado detidamente. Por não o ter feito, não se pode excluir a possibilidade de sua incidência nem a de por outros motivos estar contaminada a água consumida: a juzante há casas e campos de cultura mais para o interior. Há portanto a verificar a pureza da água, e agir de acôrdo. Mas beneficiar a água mesmo a despeito de tal estudo, não seria coisa do outro mundo.

Aqui fico; contentar-me-ia se apenas as três primeiras sugestões fôsse levadas a cabo: terra, escola, comida. Teria a satisfação de ver alguma coisa levada a efeito por essa gente de quem gosto, e que a tornasse um pouco mais feliz. Seria bastante.

# Os «Haberer» de Pôrto Alegre

Carlos Galvão Krebs

Diretor do Instituto de Tradições e Folclore da  
Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e  
Cultura do Rio Grande do Sul.

Todos os anos, em outubro, a sede da Sogipa (Sociedade Ginástica de Pôrto Alegre, antigo "Turnerbund") no bairro de São João, se engalana festivamente. Música, galhardetes, "Kasperletheater" (teatro de fantoches), gente em borburinho, muito chope, tendas vendendo rifas. salsicha assada à grelha, uma infinidade de coisas.

É a "Oktoberfest", tradição muniquense revivida pelos "Haberer" de Pôrto Alegre, durante os domingos de mês de outubro. Enorme quantidade de gente lá comparece, para beber, distrair-se, divertir-se. Principalmente os de ascendência alemã. Isto não quer dizer que não apareçam os luso-brasileiros, os "pelos duros" gaúchos, a confraternizar na maior cordialidade.

De longa data se realiza a "Oktoberfest" em Pôrto Alegre, desde 1903. E sempre promovida pelos "Haberer". Por isto, praticamente não existe nenhum porto-alegrense descendente de alemães que ignore a tradição. Mas, se quisermos ir mais a fundo, rastreando as origens remotas dos "Haberer", bem poucos saberão explicá-la. Aos lusos, seria tolice perguntar. Mesmo dos teuto-brasileiros da atualidade bem poucos saberão além das superficialidades regionais. No entanto, quando alguém se dispõe a escarpelar o assunto, vai de surpresa em surpresa até ficar estupefato.

Porque a tradição dos "Haberer" remonta, pelo menos, até Carlos Magno (742-814 A.D.).

### A ORIGEM DOS "HABERER"

O nome dos "Haberer" tem origem numa palavra composta, da qual é uma contração: "Haberfeldtreiben". "Haber" ou "Hafer", aveia, "Feld", campo, e "treiben", levar, mandar — aí estão os radicais de "Haberfeldtreiben". Significa, portanto, levar, mandar para campo de aveia. A expressão composta designou um direito de justiça própria, executada pelo povo. direito êste concedido por Carlos Magno a alguns "Gauen" (municípios) bávaros e que se transmitiu posteriormente aos "Haberer", homens organizados em associações secretas. "Haberer" eram os que praticavam efetivamente o "Haberfeldtriben", pena, castigo, algo assim como um linchamento brando contra as pessoas que ofendessem a moral e os bons costumes da comunidade.

Intervinham geralmente, com o envolver dos tempos, em casos nos quais a justiça oficial não se achasse capacitada para agir.

Conhecida uma falta destas, resolviam os "Haberer" impor uma pena ao incriminado. Reuniam-se à frente de sua casa, encapuçados para não serem reconhecidos. O "Burgermeister" (prefeito, presidente, chefe) dos "Haberer", depois de fazer a chamada dos companheiros presentes, citando apenas seus pseudônimos secretos, lia o libelo contra o acusado e lhe ordenava que saísse, ante a aprovação de todos. Quisesse ou não, o acusado saía, por bem ou por mal. Rápida e os "Haberer" resolviam sobre o castigo a aplicar e o aplicavam sem perda de tempo. Fosse uma valente surra de quebrar costelas ou qualquer



Incorporados, os "Haberer" de Pôrto Alegre se dirigem aos portões da sede da Sogipa, a fim de receber uma visita importante. Observe-se que já não vestem mais as "Lederhosen", calças curtas, de couro curtido, tradicionais de seu traje típico.



Durante suas "Oktoberfeste" os "Haberer", de Pôrto Alegre, constroem "stands" diversos, a fim de angariar fundos para aplicação social. Na foto de L. Guerreiro um alvo utilizado para tiros com espingarda de calibre 22. Observe-se a constante paisagem bávara. Coleção C. G. Krebs.

outro pelo estilo. Caso se tratasse de mulher, comumente a condenavam a atravessar descalça um campo de aveia recém ceifada, para ferir e sangrar os pés nus nos talos duros. Daí "Haberfeitreiben", levar, mandar para o campo de aveia.

Os "Haberer" eram homens de moral absolutamente correta. Não admitiam entre eles ninguém sobre quem recaísse a menor nódoa. Seu número se conservou tradicional em doze membros, mais o chefe, o "Bürgermeister". Tal número sempre teve uma significação mística, bastando lembrar os doze discípulos de Cristo. No caso dos "Haberer" tal significação se reforça, uma vez lembrada sua ligação a Carlos Magno com seus doze pares. Até o século passado os atos dos "Haberer" eram praticados em nome de Carlos Magno que, segundo a lenda, residia numa caverna do monte Underberg, da qual saía por uma de suas doze bocas, a fim de assistir, invisivelmente, a todos os "Haberfeldtreiben".

Apesar de tolerados e apoiados por uma parte da nobreza, inclusive pelo clero católico, dada sua força moralizante, homens e ações menos dignas com o correr dos anos se foram introduzindo entre os "Haberer". E fizeram com que as autoridades bávaras lhes fossem tolhendo os movimentos. Em 1365 Albrecht, "Herzog" (Duque) da Baviera, proibiu-lhes toda a atividade. Mas não conseguiu extinguir a tradição, demasiado vigorosa para morrer de um golpe só. E isto acontecia cinco séculos depois de Carlos Magno! Em fins da centúria passada, em 1895, — um milênio após a morte do grande imperador — os

responsáveis por um "Haberfeltreiben" foram punidos pelo "Habererbund" (Federação dos "Haberer") por não terem obtido licença para agir. Em 1897 verificou-se outro "Haberfeldtreiben". Em 1906, em Miesbach, os "Haberer" pretenderam aplicar o "Haberfeldtreiben" no Prefeito, no padre e no professor da localidade. Mas o sacristão, percebendo-o, tocou os sinos a rebate e os "Haberer" tiveram que fugir, pois que sua atividade estava já proibida por lei.

Ainda em 1911 verificou-se um novo "Haberfeldtreiben" em München, a própria Capital da Baviera.

Ao que se sabe, estas foram as últimas atividades dos "Haberer" na Alemanha, seu país de origem.

### OS "HABERER" NO BRASIL

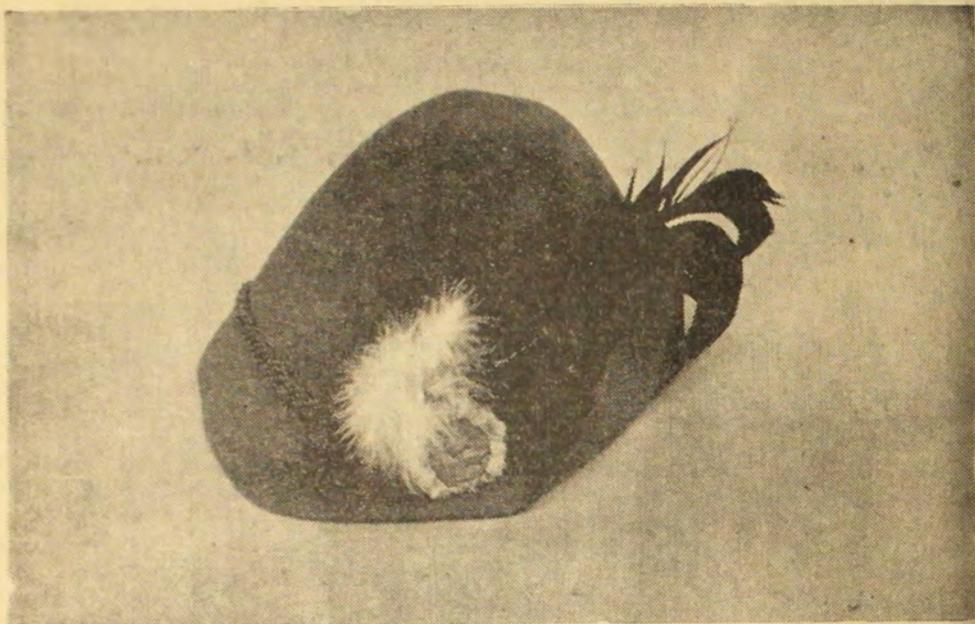
Enquanto os "Haberer" davam os últimos arrancos na Alemanha, alguns bávaros vindos para o Extremo Sul do Brasil fundavam em Porto Alegre a sua associação. Isto, em 1902. Já em 1903 realizavam a primeira "Oktoberfest". Aqui cabe uma observação.

A "Oktoberfest" (Festa de Outubro), é uma das mais populares da Alemanha, especialmente da Baviera porque, tanto quanto sabemos, assinala a saída ao mercado da nova cerveja do ano. E München é a capital universal da boa cerveja. A "Oktoberfest" constitui uma tradição muito mais recente que a dos "Haberer". Conta cerca de cento e cinquenta anos. Os "Haberer" são quatro ou cinco vezes mais velhos. O



"Kruetze" (canecos de cerâmica) para chope, criados especialmente por encomenda dos "Haberer", com decoração feita por eles próprios. Observe-se a persistência das nevadas paisagens alpinas num dos canecos, assim como o estilo barrôco no da direita.

Coleção de C. G. Krebs. Foto L. Guerreiro.



Chapéu típico dos "Haberer", usado em Pôrto Alegre, pertencente à coleção folclórica da C. G. Krebs. Foto L. Guerreiro.

fato destes festejarem a "Oktoberfest" aqui, implica na convergência de duas tradições diversas, embora oriundas da mesma terra.

Mas, adaptando-se às novas condições ao Sul do Brasil, os "Haberer" modificaram completamente o seu caráter. E pagaram ao sol americano o mais belo tributo que se poderia imaginar. Os moralistas ferrenhos aqui se transformaram em tipos folgazões e gaiatos. Uma única vez realizaram em Pôrto Alegre o "Haberfeltreiben", e assim mesmo... no palco. Precisamente as atividades teatrais constituíram sua nova e grande preocupação frustrada. Pretenderam criar um teatro ao ar livre, em grande escala, ao saber de Oberammergau, para apresentação de peças históricas. Chegaram a levantar um curioso edifício de madeira, do qual se podiam retirar várias paredes, restando apenas o arcabouço de um palco. Mas isto foi apenas a miniatura do que sonharam e mesmo já não existe há muito. Tiveram de contentar-se com as facilidades do "Kasperietheater", outra tradição que os alemães carregaram ao Rio Grande do Sul.

Além disso, quiseram sempre manter as velhas lembranças bávaras, conservando aquilo que julgavam bom e belo. Evidentemente a cerveja está entre as velhas tradições muniquenses, boas e belas. É o que alguém expressou no livro de presença, à disposição de todos os que comparecem à "Oktoberfest":

"Da wo diese Berge thronen  
Ein kraftiger Volkstamm muss dort wohnen.  
Dort gibt es wohl auch starkres Bier  
Als wie in Pôrto Alegre hier"...

A alegria e a gaiatice são apanágio dos "Haberer" brasileiros. Isso

transparece nas inscrições e anotações manuscritas dos diplomas com que são recebidos os novos membros da agremiação ou as gratas visitas vindas da Baviera. Geralmente tais diplomas apresentam uma bizarra decoração à base de sélos de correio alemão e brasileiro ou mesmo de consumo, êstes últimos retirados de cervejas ou barris de chope vazios. Sempre alusões cordiais à Baviera, ao Brasil, à colonização alemã no Extremo Sul. Observe-se que a cerveja funciona com um líquido cordão umbilical, remontando às terras ancestrais longinquoas. Esta mesma ligação se expressa inconscientemente no uso de sélos do correio. E é comovedor observar a persistência das paisagens alpinas e dos motivos barrocos na ornamentação dos canecos de cerâmica para chope ("Krüge"), fabricados em Pôrto Alegre especialmente para êles.

Nossos "Haberer", porém, não ficam apenas nessa saudade contemplativa. Com suas "Oktoberfeste", com seus espetáculos de "Kasperletheater" (fantoques) ou do gênero popular dos camponeses bávaros ("Bauerntheater"), com bailados típicos ("Schuhplatteln"), conseguiram muitos fundos, através dos anos. Com tais rendas foram construindo edíficios na séde desportiva do antigo "Turnerbund", hoje Sogipa (sigla de Sociedade Ginástica de Pôrto Algere). Lá estão o "Luitpoldalm", o "Jubiléumsheim" erguido em comemoração ao primeiro centenário da colonização germânica no Rio Grande do Sul, o "Marchenheim", decorado com motivos dos contos infantís alemães, assim como o "Farroupilhaheim", levantado para festejar o centenário da Revolução Farroupilha, a maior epopéia guerreira dos gaúchos. Todos êsses prédios servem às atividades sociais. E antigamente, quando havia permissão legal para o funcionamento de escolas primárias com instrução ministrada em lingua estrangeira, grande parte da renda dos "Haberer" era destinada às escolas alemãs de Pôrto Alegre, a título de "Schulspende".

O fato de os "Haberer" brasileiros falarem de preferência o alemão se explica muito claramente. É que quase todos são alemães do Sul, uns poucos da Áustria, da Suábia, do Tirol, vindos para cá adultos. Alguns até recentemente. Por isso falam pouco e mal o português. A geração atual, ou fala corretamente as duas linguas, ou começa a ter dificuldade em... alemão.

As razões históricas que levaram os "Haberer" a esconder sua verdadeira identidade estão há muito desaparecidas. Nem sequer existiram no Brasil. Por isso nada impede divulgarmos os nomes e pseudônimos de alguns dos "Haberer" de Pôrto Alegre:

FERNANDO SCHLATTER — General von der Tann  
FRANZ BERGMANN — Kemal Pachá  
FRITZ HESS — Gsottmaier, Econôm von Mingharding  
FRANZ BRUNNER — Filser  
ANTON SEITZ — Graf von Crailsheim  
DR. JOSEF STEIDLE — Prinz Alfons  
RICHARD REICHENBACH — Richard Wagner  
PATER MATHIAS — Pater Kaspinger  
HERMANN HESS — ALBRECHT DURER  
ALBIN REPPOLD — Bischof von Brixen  
HANS KNOGEL — Max Emanuel  
OTTO KOCH — Landsrichter von Sauerlach  
RICHARD BAUER — Kaiser Nero  
ALBERT WINCKLER — Rudolfo von Habsburg  
AUGUST WELSER — Franz Lehar  
MAX BAUER — Mathias Kneisl  
WENDELIN FESSLER — Rastelli  
FRIEDRICH BERGMANN — Friedrich der Grosse

Outros há cujos pseudônimos não conseguimos encontrar: Hermann Hinteregger, Hans Kaufmann, Georg Meyer e o Dr. Bleibrunner que regressou para a Alemanha há cerca de dez anos, onde se evidenciou por suas descobertas no campo da Tisiologia. Da lista apresentada muitos são falecidos.

### O FUTURO DOS "HABERER" NO BRASIL

Pôrto Alegre é a única cidade do mundo onde hoje sobrevive essa multi-secular tradição bávara. Ainda que reinterpretada no dizer dos folcloristas. Isto é, ainda que sua função antiga, moralizante, se tenha transformado em assistencial e sobretudo re-reativa. Como qualquer fato folclórico, sofreu adaptações ao deslocar-se no tempo e no espaço.

Transplantada para cá em 1902, a tradição comporta escassamente duas gerações brasileiras. O suficiente para não terem elas mais ligação íntima com a Baviera, nem vivências pessoais de lá. Por isso, alguns descendentes dos "Haberer" não se interessam muito pela cousa, relutando em vestirem os coloridos trajes típicos. Seguramente a fim de não parecerem ridículos aos olhos do grande público ignorante. Mesmo os adultos já quase nunca envergam as antigas "Lederhosen" (calças curtas, de couro curtido), substituindo-as pelas calças compridas de uso diário e corrente na atualidade. Entretanto, como no país de origem, conservam-nas àvaramente, atribuindo-lhes valor de precioso tesouro. Sabemos de exemplo, em Pôrto Alegre, de calças com oitenta anos passando de pai a filho. Significa que, já usadas, foram trazidas da Baviera.

Também tem sido difícil conservar a música tradicional da cítara, substituída ultimamente pelas orquestras pequenas, as bandinhas de roça, contratadas no interior das colônias alemãs do Estado, em especial das próximas a Pôrto Alegre. Como consequência e a par disso, praticamente desapareceu o "Schuhplatteln", a dança típica com palmadas nas solas dos sapatos. E mesmo entre os últimos pseudônimos adotados surgiu um "João de Barro", nome de um querido pássaro das coxilhas gaúchas.

Nada há que condenar nessas transformações, em nosso entender. Pois que, sabidamente, só existe um tipo de cultura estanque, couraçada, impermeável a qualquer influência estranha: a morta. Para que os "Haberer" subsistissem no Brsail tiveram que adaptar-se. E o fizeram instintivamente, amoldando-se às novas injunções. Nós outros somos os que racionalizam e compreendem o fato "a posteriori". Baviera e Rio Grande do Sul — cremos francamente que ambos ganham com isso. Aquela poderá orgulhar-se muito justamente de ter legado a este pedaço da América uma tão velha e interessantíssima tradição de que já não é mais depositária. Nós gaúchos, filhos de país novo e imigratório, rejubilamo-nos, por enriquecer nosso patrimônio cultural com elemento tão valioso.

Resta-nos intervir, sábiamente e com discreção, segundo aconselham folcloristas eminentes e os especialistas da UNESCO, para evitarmos o total perecimento da tradição. Indica-se o intercâmbio de atuais membros dos "Haberer" de Pôrto Alegre com sua velha pátria de origem. Viagens daqui para lá, com o calor de convites oficiais. Doações de novas peças do vestuário típico. Visita eventual de bons citaristas e dançadores de "Schuhplatteln" a Pôrto Alegre.

# O CAAPORA

S. SUANNES

O caapora é um estranho indivíduo de basta melena, que tem o corpo coberto de pêlo idêntico ao do catetu e o rosto, os olhos e os bigodes semelhantes aos do gato. É de elevada estatura e possui extraordinária força muscular.

Geralmente mora com os seus em covil de fralda de serra e à beira de curso d'água. Alimenta-se exclusivamente de frutas e de mel silvestres. Tabagista inveterado, exhibe-se com volumoso pito com canudo de mais de metro.

O do sexo masculino anda quase sempre entre catetus, montado no maior dêles. Percorre em tal montaria a mata a fim de verificar se nela não se encontra algum caçador. É por isso que muitos dêsses bárbaros inimigos das aves e dos bichos têm perecido nas bem afiadas presas dos catetus, que cortam tal qual navalha.

Morava outrora no sertão da Ribeira, no Paraná, um jovem roceiro que gostava imensamente de mel de pau. Numa tarde resolveu êle ir à floresta tirar mel. Munido de bom machado e de cuias e porungas, lá se foi.

Ao chegar ao local onde se erguia a árvore que continha o mel, desabou inesperadamente forte aguaceiro com trovões e coriscos. Corre daqui, corre dali, o jovem logrou abrigar-se sob a árvore, que era muito grossa e assaz comprida. Aí ficou a salvo da inoportuna água celeste.

Em dado momento, notou que havia alguém no lado oposto e sob a copa da mesma árvore. Verificando melhor, deu com um indivíduo peludo que tinha o corpo todo lambuzado de mel e que tremia como

vara verde. A cada trovão que ribombava ou corisco que relampejava, fazia sinais misteriosos à guisa de persignar-se. Era um caapora.

O roceiro, sem grande esforço mental, compreendeu tudo. O estranho ser se havia regalado com o mel, não lhe deixando nem um favo. Indignado, resolveu vingar-se.

Achava-se atrás do senhor da mata e não tinha sido por êle presentido. Aproveitando-se disso, aproximou-se mais, ergueu o machado e fê-lo descer sôbre a cabeça do tal, visando dividí-la em duas partes. Qual não foi, porém, o seu espanto quando o gume da ferramenta alcançava a cabeleira. O caapora saíu a correr pela floresta a fora a gritar como um possesso: Cana brava! Cana verde! Canjarana! Picapau de mata virgem!

Julgava-se atingido por um raio (1).

---

(1) Esta interessante lenda foi por mim colhida há muitos anos no vale do Paranapanema, lado paulista, onde nasci e fui criado. Cumpre assinalar que o caapora é aí identificado pela maneira acima descrita

# Rendas e Rendeiras do Arraial do Cabo

Contribuição para o estudo sociológico da renda no Brasil

O presente artigo foi escrito em 1954. O material que o compõe foi colhido pelo autor entre Julho de 1953 e Junho de 1954 durante os estudos patrocinados pelo Museu Nacional da Universidade do Brasil, pela Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e realizados na região de Cabo Frio, Estado do Rio.

Luiz Fernando Raposo Fontenelle

Sociólogo do Serviço Especial de Saúde Pública,  
Ministério da Saúde e do Serviço Social Rural,  
Ministério da Agricultura.

## A TÉCNICA DA RENDA

O Arraial do Cabo, Cabeça de Distrito que conta com uma população de cerca de 3.500 habitantes (1) e pertencente ao Município de

---

1 — Segundo o censo de 1950. A população cresceu ainda mais com o desenvolvimento da Companhia Nacional de Alcalis que está trazendo trabalhadores de fora para alojá-los na comunidade.

Cabo Frio, tem por coordenadas 23° de Latitude Sul e 42° de Longitude Oeste, exatamente onde a linha da costa abandona a direção Oeste-Leste que anteriormente seguia, para adotar o rumo Sul-Norte.

Sua posição é peculiar. Situado em uma península, circundado quasi inteiramente pelo mar, olhando de frente a ilha do Cabo Frio, apertado entre morros e dunas, vê estender-se para o interior a restinga, o areal imenso eivado de tufos e árvores retorcidas — que compõem a vegetação dessa região.

O vilarejo expande-se a beira mar. Voltados para a água, em tôdas as praias, os depósitos de peixe, as salgas, são quasi alcançados pelas marés e "marisias". Atrás deles o casario esparrama-se, galgando difficilmente as elevações, estendendo-se pelos campos alagadiços, subindo pelos "combros" e olhando lá de cima a canoada no "porto". O vento fator físico constante, bate rudemente toda aquela restinga, levanta turbilhões de areia, fustiga passantes, penetra nas casas pelas frestas das janelas, pelos telhados de telha e palha, perturbando as tarefas diárias, provocando ais de protesto na quietude dos serões.

A comunidade atravessa uma fase de rápida mudança cultural. A pescaria que era a atividade para onde estavam voltadas as atenções desde os primeiros anos da fundação do lugar, foi substituída como gênero de vida, pelo trabalho braçal na restinga que compensa com a segurança e a certeza do pagamento no fim do mês, os azares das "quardas más". (2)

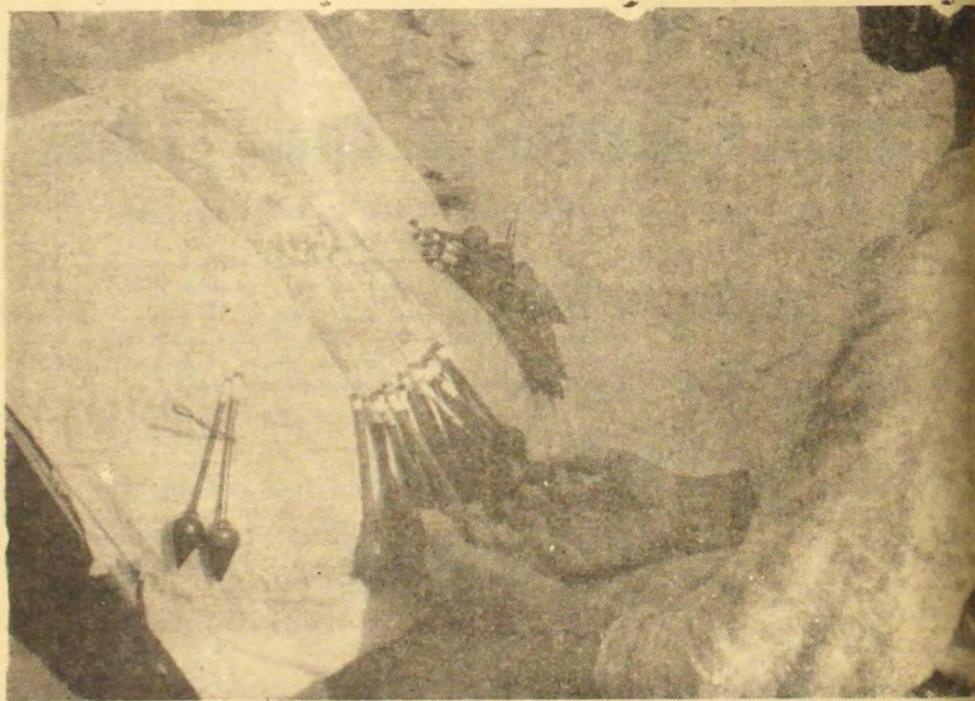


Foto 1 — Trocando bilros (foto do Autor)

2 — A serviço da Companhia Nacional de Alcalis, e de outras empresas auxiliares da Companhia.

Essa mudança de profissão pela maioria da população masculina da comunidade não afetou somente as técnicas de trabalho, desde que o pescador acostumado ao remo e ao exercício de apanhar o peixe, enfrenta agora o cabo da enxada e a brocha do pintor. Mudaram também e completamente os ideais que até então ele aspirava, estimulando uma série de novos valores, exercendo modificações na sua economia, na dieta, no vestuário, na recreação, enfim, na sua vida diária.

O abandono em massa da antiga atividade que se verifica agora, principiou apenas há alguns anos quando os elementos mais jovens começaram a “desertar” da “ilusão da pescaria”. Eles rebelavam-se contra aquela vida rotineira de sacrifícios, lembrando o exemplo dos avós e dos pais que depois de anos de lutas — tiritando dentro da água nas noites frígidas “percurando a pescaria”, batalhando com o Bonito nas soalheiras, perdendo a saúde nas “madrugadas da ilha” — já velhos e alquebrados, dependiam agora do trabalho dos filhos e da caridade alheia. Uma sucessão de “quadras más” aumentou o número de desiludidos e finalmente a decretação dos novos níveis de salário mínimo decidiu os que ainda hesitavam. Fiéis à pescaria ficaram os que não puderam abandoná-la: os velhos que ainda podem trabalhar e alguns homens de meia idade e que possuem “partes de rêde”.

Descortinando-se a praia observa-se agora a ausência daqueles grandes grupos de pescadores que sentados na areia, de agulha na mão, iam tecendo a rêde e “mexericando”. De vez em quando olhavam o mar, observavam o vigia na “espera do peixe”. Hoje, ao contrário, impressiona a solidão. Encolhidos na sombra de um arbusto mais desenvolvido, ou protegidos pela canoa contra o embate do vento, uns poucos companheiros trabalham com a agulha os “panos de rêde”. As “companhas” estão desfalcadas. Falta gente na pescaria.

As ruas entretanto, apresentam um aspecto diferente. Aí a atividade é contínua, o mulherio vai às vendas, estende a roupa no campo, carrega água nas latas pesadas “de vinte quilos de manteiga”; a meniada anda solta, os garotos nas “peladas”, pelos campos e pela restinga armando esparrelas” para os passarinhos; as meninas brincam, auxiliam as mães nas tarefas mais leves, tomam conta das crianças menores, fazem pequenas compras. Lá na beira da estrada em uma casa mais alta, quasi na calçada, posta-se uma velha fazendo renda. As más linguas dizem que ela fica sempre ali para ser vista pelos turistas que passam e assim, vender mais facilmente a sua renda.

Pelas janelas e portas abertas, aqui e acolá, percebem-se rendeiras curvadas sobre as almofadas. Em outras casas, as portas fechadas não conseguem abafar o ruído produzido pelo choque dos bilros. “É bonito estalá os bilros”, quando a linha é mais grossa que pode estalá os bilros, lá do campo se ouve”; o bilro, “quanto mais pesado mais estala”, mas é preciso que se tenha cuidado porque a linha sendo fina pode partir-se e os bilros soltarem-se: “vem os quatro na mão”.

Os bilros e a almofada duram tanto tempo que constituem-se nos companheiros de toda a vida da rendeira:

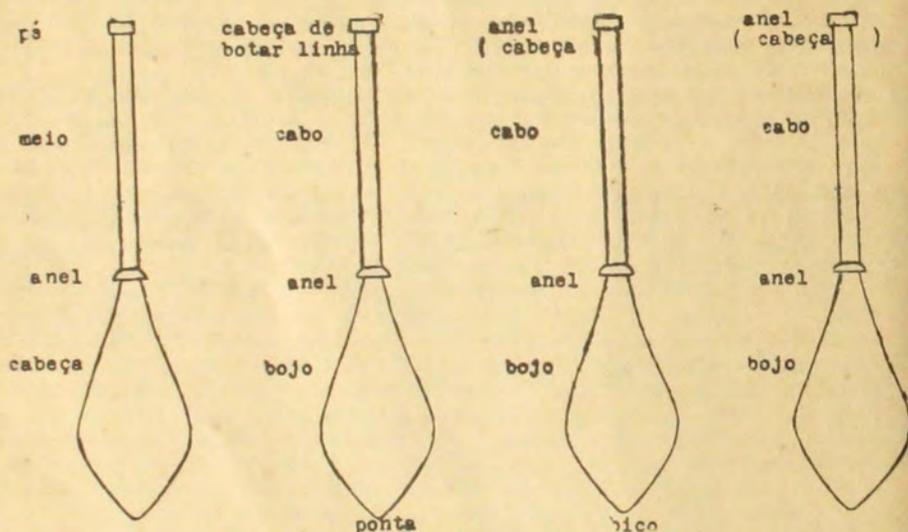
Minha mãe tem tantos filhos  
Todos eles um nome só  
Eles morreram enforcados  
Não foi corda nem cipó (3) “Almofada e bilros”

3 — Existem duas outras versões no folclore local:

“Minha mãe tem tantos filhos,  
Todos eles num só nó,  
Todos eles enforcados  
Não é corda nem cipó” e também

Os bilros no Arraial do Cabo têm um feitiço diferente da maioria dos bilros de outras regiões brasileiras, aproximando-se mais dos bilros franceses. pelo seu formato piriforme e quasi sempre alongado. Tem tamanho variavel entre 14 e 16 centímetros com um peso que oscila entre 12 e 17 gramas de acôrdo com a madeira com que é feito. O material usado na sua fabricação é fornecido pela restinga vizinha, pelos morros que se elevam nas proximidades e as madeiras preferidas, são a batinga, pitanga, carrapato, gabirola, murta, jacarandá, gormichama, piqueá, louro, canela de veado, imbiú, ubatinga, bapoana, tinguassuíba, cabiúna, pitanga obaia, massaranduba, saputiquiaba-mirim, fruta de leite, coração de boi, papagaio, grumarim, cambuim, guaçuica, estaladeira e goiabeira.

FIG. 2



A elaboração do bilro é uma atividade masculina. Há muito marido ou filho habilidoso que faz os bilros para a rendeira, já as ferramentas necessárias são as mais simples: uma faca e um canivete. Na falta dos parentes a rendeira encomenda os bilros a alguém conhecido pela sua habilidade ou destreza. É na pescaria, na roda da conversa com os outros membros da "companha", na "espera do peixe", que se vai trabalhando o bilro, aparando-o, dando-lhe a forma desejada: "Tá andando na pescaria, mas tá fazendo".

As rendeiras velhas têm os seus bilros desde o tempo de môças, feitos pelo pai ou pelo marido; não se cansam de lembrar o preço que há uns 15 anos era de 2 mil réis a dúzia e com a alta dos preços, alcançou 30 cruzeiros.

Os bilros no Arraial do Cabo são feitos de uma única peça. Quem

"Minha mãe tem 24 filhos  
 Todos éles um nome só  
 Éles morreram enforcados  
 Não foi corda nem cipó"

os faz, procura no mato da restinga, a madeira mais indicada para satisfazer as exigências da encomenda (4). Escolhida a madeira, abate a árvore e com o auxílio de qualquer ferramenta tira-lhe a casca porque somente o cerne interessa. "Corto quasi tóda a árvore prá tirá o cerne". Feito isso vai cortando a madeira em pedaços, de acordo com o tamanho do bilro: "conforme o tamanho do bilro, conforme o pau que se corta". Depois, se não é canhoto, segura o pedaço de madeira com a mão esquerda e com a direita empunha a faca, pronto a entalhar. Começa aí, por dar à madeira, o formato do bilro. Depois, principiando pelo bojo, vai subindo vagarosamente até atingir o cabo e os anéis; os anéis requerem paciência e habilidade para a sua feitura, porque qualquer traço dado imprudentemente pode cortá-los. A ponta da faca ou do canivete é quasi sempre usada nessa operação. (5)

Esculpido o bilro, termina o trabalho da lâmina e principia o afinamento, servindo para isso uma lixa ou um caco de vidro; esfregando-se os bilros com êles, desaparecem as arestas e pontas, elimina-se a aspereza, dá-se o brilho.

Há bilros envernizados, belos e vistosos. O suor das mãos vai accentuando-lhes o brilho, periodicamente apesar de sujar a renda; a maioria das rendeiras costuma lavar os seus bilros, mas considera-se um êrro deixá-los ao sol para secar, porque isso pode ocasionar rachaduras irreparáveis no bojo.

Entre as rendeiras do Arraial do Cabo, não existe uma nomenclatura definida, e sem discordancias para as diferentes partes do bilro. Encontramos divergencias apesar da tendência para a uniformização (fig. 2) que se accentua entre as rendeiras que moram em determinadas áreas e bairros.

A almofada sobre a qual a rendeira vive debruçada grande parte do seu dia, tem uma forma que difficilmente se compara com as de outras regiões do Brasil. Apresenta aspectos distintos e uma nomenclatura especifica; é constituída de uma parte de madeira cujas dimensões geralmente variam, oscilando entre 40 a 50 centímetros de largura, por 55 a 70 centímetros de comprimento; é a almofada propriamente dita e assim considerada pelas rendeiras. Preso ao seu corpo está o "enchimento" de palha, em forma de retangulo, onde é executado o trabalho da renda. Portanto, é necessário que se faça a distinção entre a almofada, isto é a parte de madeira, e o "enchimento", onde é fixado o pique ou padrão.

A almofada na sua parte posterior — "as costas da almofada" — é dotada de sustentadores chamados "pés" que podem ser regulados indiferentemente, aproximando e afastando o corpo da almofada e com êle, o "enchimento", onde está a renda.

Ligado aos "pés" está o travessão que é uma barra de madeira que gira entre duas saliências laterais, "as tranças" (fig. 3) todo êsse conjunto facilita o trabalho da rendeira, tornando a sua posição mais cômoda, porque "o trabalho de renda castiga muito as costas".

4 — As exigências prendem-se à cor dos bilros, ao formato mais caprichado que requer um material mais facil de trabalhar. O louro, o piqueá, a gormichama, são mais fáceis de trabalhar; a canela de veado dá bilros bonitos, amarelados; a gormichama, a ubatinga, a tinguassuíba, a cabiúna, dão bilros pretos também muito apreciados.

5 — Há diversas formas de se fazer anéis, sendo as mais comuns:  
a) anéis dobrados para trás, encostados ao bojo.  
b) anéis que não são dobrados para trás, mas estão encostados ao bojo.  
c) anéis situados no meio do cabo.

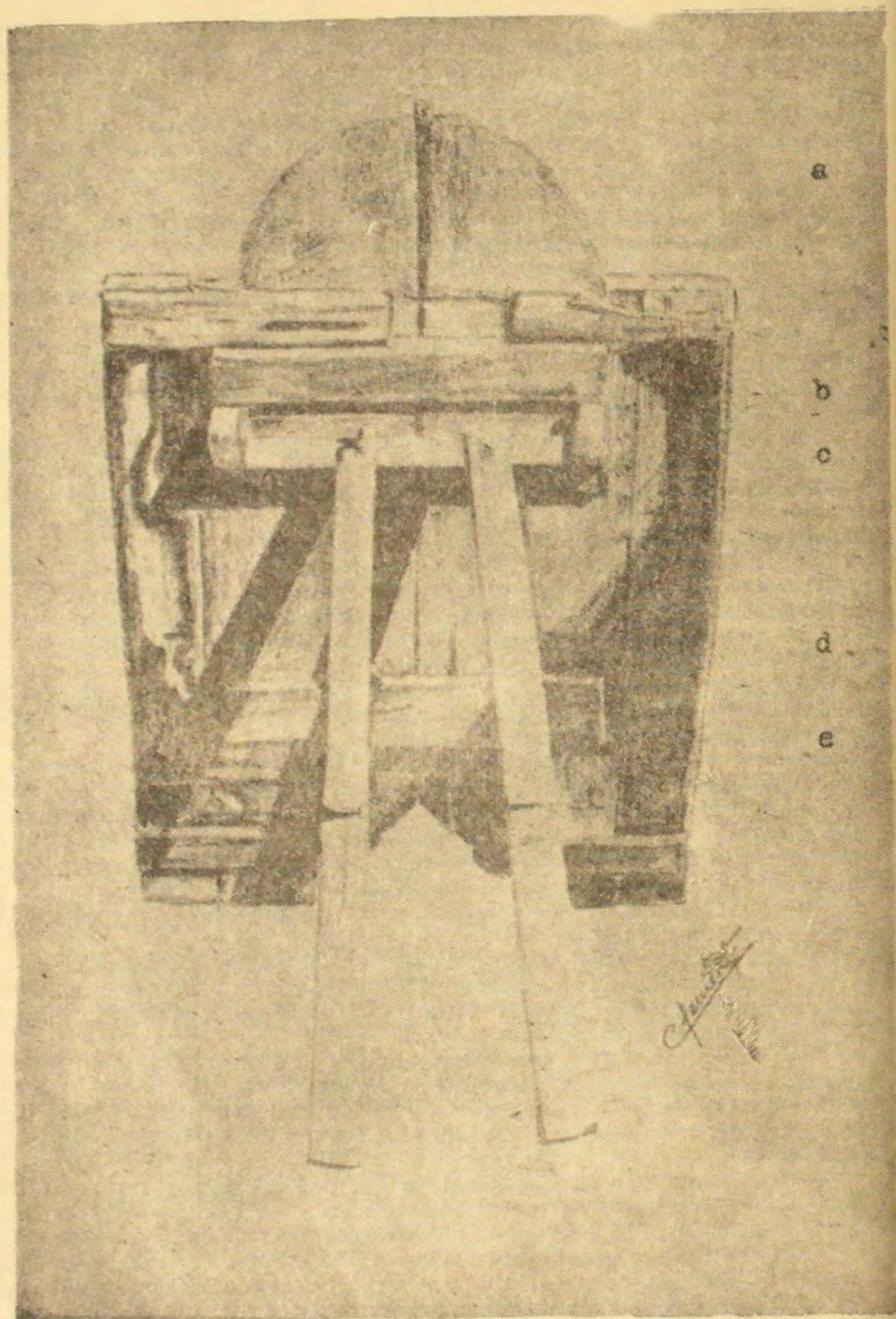


Fig. 3

Ainda no corpo da almofada existe na sua parte superior, o "es-

pelho”, especie de cabeça, onde vai sendo depositada a renda já feita, cuidadosamente enrolada e protegida por um pedaço de papel.

A madeira usada na elaboração da almofada é comprada quasi sempre na séde do Município e escolhida entre o pinho, a canela, a perva. Outras madeiras entretanto, são usadas em almofadas menos cuidadas e são conhecidas algumas construídas até com fundos de malas. Existem tambem as almofadas desprovidas de “pés”, ou porque foram descuradas desde a sua feitura, ou porque quebraram-se e não foram repostos: ‘

“Lá do céu caiu um cravo  
Quebrou o pé da almofada  
Com sentido no amor  
Não cozo nem faço nada’.

Muita rendeira critica a preguiça das outras, lamentando que as almofadas fiquem “aleijadas prá eternidade”, porque falta iniciativa em recolocar os “pés” que se quebraram. Qualquer tombo, uma batida forte, quebra essa parte mais vulneravel e a almofada é encostada na parede, sôbre os bancos e mesas, em qualquer lugar.

A execução da almofada, como os bilros, é trabalho masculino; quem tem ferramentas faz o serviço em casa mesmo. Encomenda-se a almofada ao carpinteiro que mora na comunidade ou a um dos pescadores que possuindo os utensílios necessários e dominando os rudimentos da carpintaria, trabalha nos intervalos da pescaria. As ferra-

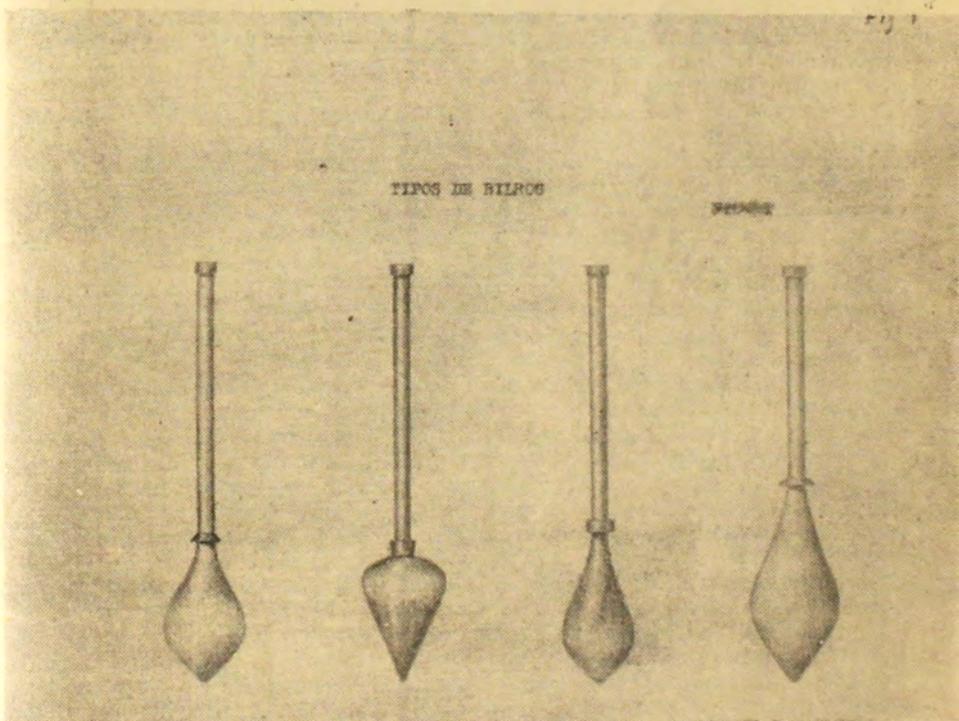


Fig. 4

mentas exigidas na construção de uma almofada são o serrote, a enxó, a verruma, o formão e o martelo.

A almofada nunca é feita de uma única táboa, porque “é difícil encontrar uma talba toda prá fazê a almofada”. São duas, três, quatro táboas ajuntadas por meio de emendas de madeira. Algumas rendeiras têm o cuidado de recomendarem que as táboas de emenda sejam colocadas pelo lado de dentro, ficando assim cobertas pelo “enchimento”. Outras rendeiras menos exigentes, deixam as táboas do lado de fora. “Os antigos quando se queria tudo emendado direito, dizia que a gente queria as talbas cheia de eles e erres”.

Quando se faz uma almofada, primeiramente trata-se do corpo; depois que já pronto juntamente com o espelho, pregam-se os “pés”, o “travessão”, as “trancas”. A almofada é fácil de ser feita e a sua construção não dura mais que um dia de trabalho contínuo. É muito simples a sua confecção e há gente que prefere fazer duas almofadas à uma dúzia de bilros; no bilro, a elaboração e o acabamento. “maltrata” as mãos, cria calos e feridas. O preço da almofada que orça em 50 cruzeiros aproximadamente, em comparação com o da dúzia de bilros, ilustra bem a diferença de trabalho exigido.

Depois de preparada a almofada, a rendeira então coloca o “enchimento”, que é feito com um saco comprado em qualquer venda ou padaria — “pode ser um saco de farinha de trigo ou de outra coisa qualquer” — e com palha, geralmente palha de bananeira ou de capim. “bandeira” ou “bembeca”. Na localidade não existindo o cultivo intensivo de bananeiras, as rendeiras encomendam a palha aos “roceiros”, tropas que vêm “das roças” vender os seus produtos na comunidade. Uma carga necessária para compôr um “enchimento” custa de 10 a 15 cruzeiros. “Quando não há muita procuração”, compra-se a palha sem encomenda, porque os “roceiros” “vem trazê banana prá vendê e a gente aqui tira a palha”.

Com a palha e o saco, a rendeira dispõe-se a pregar o “enchimento” na almofada. Servindo-se de um furador, uma verruma, ela vai abrindo furos a intervalos regulares, na madeira da almofada; há uma média de 10 furos para cada lado do saco. Depois com uma agulha de cozer saco e uma linha grossa ela começa a cozer passando a agulha pelos furos abertos na madeira e prendendo o saco à almofada. Ela repete a operação na parte superior e nas partes laterais, deixando aberto apenas “o lado de baixo”, desfia então a palha da bananeira tirando o talo grosso e pela parte ainda livre, introduz os bocados de palha que vai socando com o auxílio de um pedaço de madeira, ao mesmo tempo que bate com a mão no sacco para distribuir igualmente a palha em toda a sua extensão e experimentar a dureza. Terminado o serviço, com a agulha e a linha, fecha essa última parte livre. A almofada e o “enchimento” estão prontos para o trabalho da renda.

A palha do “enchimento” com o picar constante dos alfinetes vai desfiação, “enfraquecendo”, “fica feito pó”. É necessário de vez em quando que a rendeira abra a parte inferior e com um pedaço de táboa, remexa a palha, mudando-a de posição. Mesmo assim, depois de um período variável de 1 a 4 anos, dependendo da atividade da rendeira, o tecido fica mole. Quando a palha está realmente imprestável, faz-se a substituição abrindo-se “o lado de baixo” e trocando-se a palha.

Uma almofada pode durar “toda a existência”. Há rendeiras velhas que têm as suas almofadas “do tempo de solteira”. Outras, herdaram das mães, das madrinhas e tias, pois quando a rendeira morre a almofada fica abandonada até que seja dada a alguém. O pano do saco que compõe o “enchimento” tem uma duração que oscila entre 3 a 7 anos.

Sobre o saco que compõe o “enchimento” a rendeira coloca geralmente um outro pano ou fório que deve ser maior que o próprio “en-

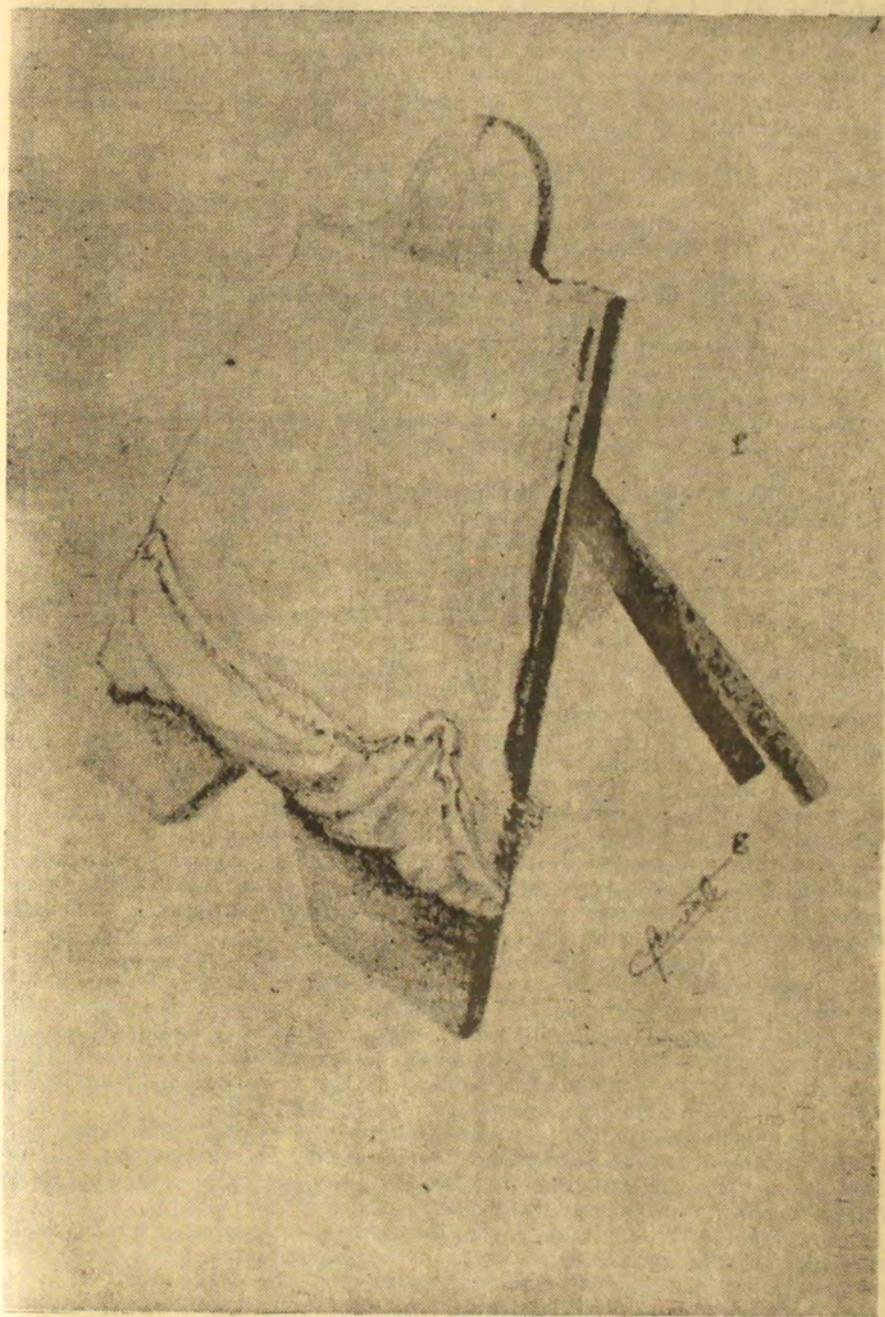


Fig. 5

chimento”; ela prende êsse pano ou fôrro ao sacco, utilizando espinhos

de Arumbeba que crava nas extremidades superiores e inferiores; com a parte excedente do pano ou fôrro ela improvisa uma sacola que se faz, dobrando a parte que sobra e prendendo-se as suas extremidades no próprio "enchimento". Está feita a "bolsa", onde a rendeira guarda os seus carreteis, vidros pequenos com alfinetes, um ou outro bilro, algum dinheiro.

"Quem quizer comprar mentira  
As moças têm prá vendê  
Tem na bolsa da almofada  
Guardado prá ninguém vê"

Há algumas rendeiras consideradas mais relaxadas que em vez de um pano de algodão para revestir o enchimento, usam apenas um outro pano de saco, papel e em alguns casos mesmo, não usam nada. Várias almofadas são também desprovidas da "bolsa".

O pano de fôrro deve ser lavado à proporção que vai ficando sujo. O que influi poderosamente na limpeza desse pano é o vento, que levantando muita poeira, suja mais facilmente. Quando o vento sopra com menos violência, o intervalo entre as lavagens do pano, espaça-se. Toda a rendeira que se orgulha da limpeza da sua renda, deve possuir pelo menos dois desses panos de fôrro, porque enquanto um está lavando, o outro entra em uso. Um cuidado todo especial deve ser dispensado a esses panos desde que a brancura da renda é atribuída em grande parte ao estado de asseio do pano ou fôrro. "O qui suja mais a renda é os alfinete qui espeta no pano qui tá sujo e bota a sujeira na renda".

Existe uma toalha destinada a cobrir a almofada, quando a rendeira abandona o trabalho, com a finalidade de proteger a renda contra a poeira e os ciscos trazidos pelo vento; "tem quem cuidado com a renda", cobre-a com essa toalha, quando não vai ao exagêro — que muitas rendeiras mencionaram mas que nunca observamos — de oculta-la com duas.

"O pique é o papelão onde está o desenho ou padrão que guia os pontos da renda no seu seguimento" (5A).

O pique da rendeira cabista é feito de papelões de caixas de sapatos e papelões finos de caixas maiores. Para fazer-se um pique, recorta-se o papelão dando-se uma forma estreita, regulando-se o tamanho pelo comprimento que se quer dar ao pique.

Há duas maneiras de se preparar um pique: 1 — Coloca-se o papelão novo sobre o pique antigo e com um espinho de arumbeba, vai-se cobrindo os furos já feitos, atravessando os buracos e abrindo outros no papelão novo. 2 — A segunda maneira de se preparar um pique "tem mais ciência"; com uma amostra de renda já feita, coloca-se sobre o pedaço de papelão que será o pique novo e com o espinho, vai-se furando o papelão, segundo os pontos da renda.

A rendeira geralmente tem coleções desses piques, guardados em caixas ou nos armários, bem como pequenas amostras de rendas. Quando alguém fizer alguma encomenda, a rendeira traz a sua coleção e vai explicando os nomes e mostrando os piques.

O empréstimo de piques é comum entre as rendeiras, não somente para que sejam tiradas cópias, como certos trabalhos sejam executados, sem ser necessária a operação de abertura de um pique novo. O empréstimo não é geralmente feito de boa vontade, apesar do ar gentil

5 A — Luiza e Arthur Ramos. "A renda de bilros e sua aculturação no Brasil", publicação da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, n. 4, 1948, pág. 49.

com que é feito. A rendeira empresta porque sabe que no futuro irá necessitar talvez de um pique de propriedade daquela rendeira a quem agora ela está cedendo o seu. A rendeira sempre está queixando-se quando fala dos seus piques emprestados e que retornaram rasgados ou imprestáveis: "eu tinha uma porção de piques mas fui emprestá, agora quasi não tenho"; "H. não tem cuidado, deixa o filho rasgá o pique"; "teve gente que me devolveu pique rasgado em 3". Outras lamentam os piques que nunca retornaram: "D. R. ficou doente e jogou fora os piques dela e os meus".

A rendeira entretanto, não reclama diretamente à pessoa que inutilizou os piques; aceita as explicações da outra, concorda contrafeita e em casa, faz os comentários desfavoráveis entre os parentes e as rendeiras amigas: "eu tenho tanto cuidado com os piques dos outro e olha só como devolveram os meus!". Entretanto, toda a rendeira apregoa o seu cuidado com os piques que pede emprestado: "quando eu trago emprestado, tiro logo o meu pique pra devolvê no outro dia"; "o pique é meu, tá bom; onde mete o alfinete, tá bem".

Geralmente 4 piques representam um metro de renda. Mas essa medida não pode ser adotada como padrão, porque há piques que ultrapassam e outros que não alcançam essa medida.

Quando a rendeira trabalha, a renda vai cobrindo o pique até chegar à extremidade inferior. Coberto o pique, levanta-se a renda, libertando-a do papelão onde estava pregada e deposita-se no espelho bem dobrada e protegida contra a ação da poeira e dos ciscos.

A maioria das linhas usadas pelas rendeiras cabistas é comprada nas pequenas vendas espalhadas pelos dois bairros que constituem a localidade; é a linha branca de algodão, marca Clark, vendida em carretéis. A qualidade da linha, a sua grossura, variam de acôrdo com a largura e o padrão da renda que se pretende fazer; quanto mais larga a renda, mais grossa deve ser a linha, porque as rendas largas feitas com linha fina ficam "fraquinhas". As rendas mais estreitas são as que obrigam o uso de linhas mais finas.

De vez em quando a provisão de linhas nas vendas começa a diminuir e a faltar e as rendeiras renovam as suas queixas contra o aborrecimento e o transtôrno que essa falta acarreta e a urgência em enviar-se portadores para as localidades vizinhas e para a séde do Município a procura de linhas. Outras rendeiras cujos parentes vão ao Rio de Janeiro com freqüência — nos barcos de pesco de alto mar ou em viagens de negócio, como a venda de peixe — não perdem a oportunidade para encomendar carretéis para a sua renda.

A linha de seda é comprada por êsses portadores e vem em carretéis e tubos grandes. Há rendas feitas com fios de cores: pretos, côr de rosa, grená, mas a linha branca é a mais comum, "renda pra vendê sê de encomenda, só de côr branca". Os fios de côr são vendidos principalmente em maços, daí a sua denominação de "linha de maço". Sómente uma venda na localidade, vende êsse fio.

Apesar das rendeiras criticarem os trabalhos das suas companheiras — a rendeira sempre mostra grande interesse quando vê uma renda, aproximando-se logo ansiosa para examinar — elas respeitam um determinado número de rendeiras que pela habilidade e limpeza como trabalham, alcançaram uma reputação inatacável.

As rendas podem apresentar defeitos que têm diferentes origens:

1 — Renda revêssa. "É devido aos piqui". Muita gente faz renda revessa para pregar na roupa, pois um lado fica mais comprido que o outro.

2 — Renda mole. "a pessoa não torce os bilros. não dá força na linha, fica mole".

3 — Renda cheia de nós. A rendeira quando emenda a linha uma

na outra ou no bilro, dá nós que chaman-se nós de laçada e nós de rosa. Se ela tem o cuidado de cortar a linha que sobra depois de dado o nó, ficam aqueles pedaços sobrando. "Não pode vender sem apará os nós".

4 — Renda suja. É considerado o maior defeito, quando a renda fica escura indicando o desmazelo da rendeira.

5 — Rendas com pedaços estreitos e pedaços largos, devido a defeitos nos piques. O pique mal feito "dá muito defeito; mas só quando a rendeira não tá se incomodando de fazê de qualqué uma forma".

6 — Renda estreita feita com linha grossa. Somente quando alguém manda fazer dessa maneira não é considerado defeito.

A maioria das rendas tem ponta e entremeio. A ponta, que se destina a ocupar a extremidade das fazendas, "só tem uma urela". O entremeio que fica colocado entre duas partes das fazendas tem duas urelas. A urela "é onde fiska o último alfinete das pontas da renda".

Adotando-se um critério para distinguir as rendas, podemos, classificá-las de duas maneiras: 1 — Quanto à largura. 2 — Quanto à maneira como é feita.

1 — As rendas podem ser estreitas e largas, e o seu valor é proporcional á largura. As rendas estreitas variam entre 10 e 15 cruzeiros enquanto que as rendas largas, as difíceis aplicações, podem alcançar até 50 cruzeiros. Portanto o valor da renda aumenta proporcionalmente à sua largura.

O preço médio das rendas varia entre 20 e 30 cruzeiros.

2 — Quanto à maneira como é feita a renda ela pode ser classificada como renda de pano e de trocado e ocasionalmente, de maço. Na renda de trocado. "não se passa os 4 bilros um pelo outro. Passa dois e deixa dois". No pano "passa os quatro".

Da troca dos bilros, resulta o ponto que será "um furo do pique". De acordo com os movimentos dados pela rendeiras, esses pontos têm formas com uma nomenclatura própria:

Aranha — "é 6 bilros qui trabalha". "Se encruzam pra fazê a aranha". Chama-se porque "é muito cheia de perninhas".

Casinha — "Entra 8 bilros e são 4 trocados"

Baratinhas

Tranças — "é os 4 bilros qui é trocado uma porção de vezes"

Bolinhas — "é feita com 4 bilros. A gente distorce a linha de um e tece em 3 bilros pra formá a bolinha"

Rosas — "faz conforme a renda fôr preciso. Entra de 6 até 20 bilros.

Torcidos — "O torcido é a gente que torce a linha com dois bilro prá pregá o alfinete".

Existe ainda a maneira de ser fazer no

Pano — "encruza os 4"; trocado — "a gente trança os bilro 2 por 2"; meio ponto e ponto fechado "dentro do trocado e do pano".

A maioria das rendas tem os seus nomes entre as rendeiras cabistas; "a renda que não tem nome elas estuda prá botá nome". Muitas rendas têm o seu nome derivado de acontecimentos quasi lendários como:

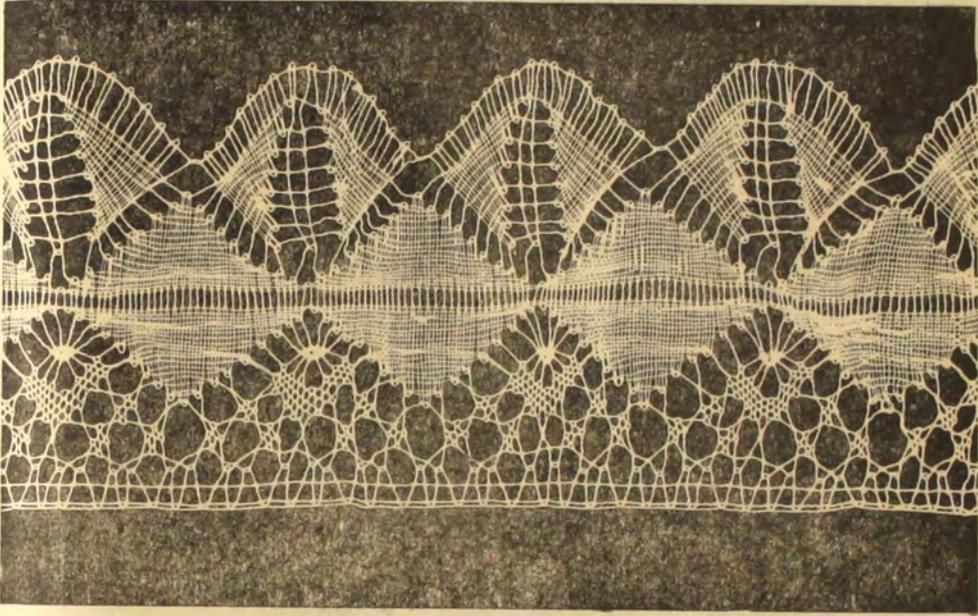
Ponta e entremeio da bandeira — veio em uma bandeira do Espírito Santo e as rendeiras tiraram uma amostra

Ponta e entremeio do coqueiro — acharam em cima de um coqueiro

Ponta e entretanto da Julia — "Foi uma moça que andou pelo Cabo e trouxe amostra pra fazê".

Outras rendas têm os seus nomes de lugares que suspeitam ser a sua origem:

Ponta da Pavuna — "é uma amostra que veio de lá"



Ponta e entremeio do Morro Grande — “parece que veio de lá”  
(nem sabem onde fica)

Outras rendas tiveram os seus nomes dados devido à semelhanças encontradas entre elas e as coisas; tem um certo número de anos:

- 1 — Bico de passarinho por causa dos biquinhos feitos com a trança)
- 2 — Giboia (não parece com uma giboia, “mas devido às voltas que dá”.
- 3 — Joelho (parece um joelho, porque torto)
- 4 — Joelhinho (uma miniatura do joelho)
- 5 — Entremeio da caixinha (“porque todo de pregadinho por dentro em forma de caixinha”)
- 6 — Biscoito (porque tem pregado no meio a forma de um biscoito)
- 7 — Esse (tem no meio um S)
- 8 — Agua do Pote. (“não tem nada disso, é porque é muito ligeira de fazê”)
- 9 — Buracuda (não parece, “dizem que é porque tem um buraco”)
- 10 — Chapa (“no meio tem um quadro pregado feito uma chapa”)
- 11 — Relógio (“tem uma negocio redondo igual a um relógio”, “com as casinhas em redor”)
- 12 — Chave (no meio “tem uma forma de chave”)
- 13 — Botão (“tem uma aranha no meio feito um botão”)
- 14 — Aranha (há semelhança com a aranha devido às aranhas no interior)
- 15 — Leque “a ponta é muito redonda, parecida com um leque”)
- 16 — Alvorçada (“é muito cheia de bilros, chama porque amola muito o juizo da gente, alvorça”)
- 17 — Bolinhas (devido às bolinhas no seu interior)
- 18 — Véu (“porque tem muito maço. linha de novelão e fica clara)
- 19 — Pele de Cobra (“porque é fino, cheio de trocado”)
- 20 — Concha (“a ponta tem uma casinha parecida com uma concha”)

- 21 — Colcheta (“tem um negociozinho esquesito que parece mesmo”)
- 22 — Desejada (“Como todo mundo queria fazer porque era ligeira e bonita, botaram o nome”)
- 23 — Camarão (“Tá pregado no meio. que pega de uma ponta a outra”)
- 24 — Maxixe (“É parecido com um maxixe mesmo”)
- 25 — Rabo de Perú (“É muito redonda parecida com um rabo de Perú”)
- 26 — Fivela (“não tem forma”)
- 27 — Cocada (“muita gente acha parecido”)
- 28 — Grade de cadeia (“nem tem sinal, só chamam porque tem uns espaçados”)
- 29 — Farinha fresca (“não tem nada de farinha e muito menos de fresca”)
- 30 — Jota (“Elas dize que tem um negocio em forma de jota”)
- 31 — Bota hoje e tira amanhã (é parecida porque é muito rápida)
- 32 — Dente de cachorro (“é parecida, tem um negocio pregado muito comprido”)
- 33 — Olho de Pombo (“tem um olhinho que parece de passarinho”)

#### A RENDEIRA

No trabalho da renda, observa-se o mesmo abandono que se operou na pescaria. Já são lembradas como coisas do passado as reuniões de rendeiras moças “6 ou 7 almofadas” — quasi sempre os mesmos grupos — que se alinhavam na calçada das casas ou faziam roda dentro da sala. No chão, sentadas em frente à almofada ora com as pernas cruzadas “feito colo”, ora com uma perna dobrada para trás e outra estirada para frente, sobre uma esteira ou roupa velha — às vezes até um casaco de homem — “botavam tarefa”, “vendo quem andava mais depressa”. Quando a almofada era muito alta, a rendeira usava como assento o banco, antigamente muito mais conhecido e empregado. Hoje. preferem um pedaço de madeira, o “cêpo”, ou mesmo um tijolo (6).

“Nos tempos de moça” enquanto juntavam-se “pra tá botando tarefa”, tagarelavam livremente: “tá conversando mas as mãos tá trabalhando”; a conversa era o que se chama “conversa de moça”, falando-se nos namorados, nos mexericos, pensando “nas vaidades” (7). Agora as reuniões são menores — no máximo 3 almofadas com as rendeiras velhas fumando os “pitos”, mexericando, “falando das coisas do mundo”.

Esse abandono do trabalho da renda, iniciou-se também com os elementos mais jovens da população feminina da mesma forma que a pescaria foi sendo abandonada primeiramente pelos rapazes; as rendeiras velhas queixam-se e resmungam que “as moças de hoje gostam

- 6 — A rendeira que trabalha sentada no “cêpo”, no banco ou tijolo à medida que a renda vai descendo, são obrigadas a abandonarem o assento e sentarem-se no chão.
- 7 — Não se compreende agora que um homem faça renda. Há a lembrança de que no Cabo havia dois homens que faziam renda, nos tempos antigos; um deles era paralítico e assim entretinha o seu tempo e tirava um lucro. O outro como sabia trocar os bilros perfeitamente, aproveitava o tempo que tinha de sobra para fazer renda e se possível, vendê-la. Durante a nossa investigação, muitos meninos achavam graça que um homem se preocupasse com o trabalho da renda e os homens divertiam-se em vêr o nosso interesse.

é de andá”, “as moças ficam andando abaixo e acima, só tratam de vadiação”, criticando a preguiça das jovens e a fuga aos antigos padrões.

Entretanto, o que se verificou na comunidade foi um movimento semelhante no campo das atividades masculinas e femininas: um alargamento do horizonte de trabalho, a introdução de novas possibilidades de ganhar dinheiro mais facilmente, a garantia de pagamento que a pescaria e a renda não davam. Por isso as respostas que as moças dão quando se pergunta por que não fazem mais rendas são invariáveis: “renda é um serviço sem esperança”, “custa muito a fazê”.

O tempo e o esforço exigidos no trabalho da renda, somados à concorrência — pois a maioria das mulheres fazia renda — não tinham compensação na venda do produto: “antigamente todo mundo tinha a mesma coisa, todo mundo fazia renda e ninguém comprava”; “a pessoa leva uma semana, as vêzes leva mais e quando acaba de fazê, não tem quem vende”, “muita gente deixa de fazê porque fica empatada, faz outro serviço porque aparece dinheiro logo”.

Portanto, o que se observa é uma situação semelhante: há alguns anos o homem não tinha o que escolher; e dentro da pescaria ou era pescador, ou proprietário, ou negociante de peixe, já que as vendas eram poucas e as outras atividades exercidas como complementares; no negócio de peixe e na propriedade de rêdes era necessário um capital inicial provindo de herança ou financiamento que nem todos possuíam; era óbvio que a única ocupação que lhe restava, a única profissão era a de pescador.

Da mesma maneira a rendeira tinha as suas limitações: “antigamente a profissão era a renda, salgava peixe quando havia, mas a profissão era a renda”. As rendeiras então trabalhavam até de noite, à luz do candieiro somente interrompendo o trabalho muito tarde, “conforme desse o sono”; “era o que me ajudava”. Muitas rendeiras velhas atualmente, atribuem a origem dos males que afligem as suas vistas, os olhos vermelhos, aos excessos daquelas vigílias.

Nos dias de hoje classificando-se as atividades femininas de acordo com o critério da melhor remuneração, observa-se que a renda ocupa o último lugar: 1 — Costura ( para fóra); 2 — Salga de peixe. A salga de peixe é realmente a remuneração mais compensadora; entretanto, como não é regular, dependendo do aparecimento do peixe, as mulheres preferem colocá-la no segundo posto (8); 3 — Trabalhos de agulha; 4 — Renda de bilros; lavagem de roupa.

O abandono, portanto, é justificado. As moças mesmo não sabendo ainda cozer, mostram uma preferência muito maior pelos “trabalhos de agulha” — com poucas exceções — do que pela renda de bilros.

A medida que a renda de bilros foi sendo abandonada, a costura ascendeu como atividade feminina melhor remunerada não somente pela introdução de modernas máquinas de costura, — facilitando e apressando o trabalho — como pela maior preocupação dos habitantes do Cabo (9) com o vestuário, pois a abertura de uma estrada ligando a comunidade à sede do município facilitou o transporte que antigamente era feito no lombo de animais, pelas praias, e ditando o aparecimento frequente de viajantes e turistas. A importação de máquinas novas para as obras da companhia e a necessidade de maior número de braços determinaram igualmente a entrada de gente estranha e conseqüentemente maior preocupação e apuro no modo de vestir.

8 — Quando “matam peixe grande”, principalmente o xaréu, “largam tudo prá salgá peixe”.

9 — Os naturais do Arraial do Cabo, chamam à sua terra simplesmente Cabo, e a sí próprios de “cabistas”.

A introdução de "trabalhos de agulha" até então pouco conhecidos, a criação de novos encargos e atividades ignoradas poucos anos antes, como o de telefonista da Companhia, empregada do hotel que se instalou na localidade, encarregada do posto telefônico, auxiliares nas vendas e bares que se abriam, das padarias que começaram a funcionar, professoras nos grupos escolares, empregadas nas casas dos proprietários de barcos de pesca de alto mar e negociantes de peixe que prosperavam, determinaram o desenvolvimento de um sentimento de menosprêzo pela antiga atividade da renda, pela coisa velha: "pra mim elas tem vergonha de fazê renda, acha que se torne feio" dizia uma velha rendeira; "pode entrá gente de fóra e si avexa di tá fazendo renda".

Assim, aos poucos, começando pelo elemento mais jovem, a renda foi sendo abandonada, as mulheres de meia idade e mesmo algumas velhas "desprezaram" a almofada para dedicarem-se a outras ocupações e auxiliarem os maridos nos seus negócios. Essa fuga ao trabalho de renda veio em parte favorecer aquelas que se obstinaram em continuar "trocando bilros", pois foi eliminando não somente um grande número de concorrentes, como também de futuras competidoras na venda dos seus produtos.

Atualmente são raras as rendeiras que passam todo o seu tempo curvadas sôbre a almofada, porque o trabalho da renda foi se tornando um auxiliar do orçamento doméstico e não um meio de subsistência. Apenas 3 ou 4 mulheres viúvas e "sòzinhas" são apontadas como "comendo e vestindo da renda", fazendo renda de manhã à noite. As outras dividem o dia entre os diversos afazeres: a lavagem da roupa, o preparo da comida, o cuidado com filhos; apenas cêrca de 3 ou 4 horas diárias são dedicadas ao trabalho junto à almofada.

Há rendeiras que abandonam a renda durante meses, para retornarem depois. Alegam para isso vários motivos, que podem ser resumidos em 3 razões principais: 1 — "aborrece a renda e para"; 2 — "fica doente. A renda escangalha a gente. A gente fica com as cadeiras e as costas que de noite nem pode virar na cama"; 3 — "tem um ou outro serviço, para".

São inúmeras as rendeiras que se queixam do trabalho que têm com as rendas, quando elas são difíceis. É comum ao entrar-se em uma casa, ouvir logo nas primeiras frases: "Só tenho faltado perdê o juízo, tô aqui lutando". Algumas rendeiras mais impacientes, arrepelam-se ao cometerem um erro, ao partirem uma linha soltando o bilro: rogam pragas, insultam a renda e a si mesmas, "pragas de nomes brabos, doenças pra elas mesmo, com paixão".

Há naturalmente, rendeiras mais cuidadosas que se orgulham em exhibir uma renda complicada, feita com obstinação e muito trabalho. A maioria, entretanto, prefere as rendas mais fáceis que "andam mais depressa; a gente num dia faz um pique". "As vezes a gente tem um outro serviço que fazê e a renda anda depressa". "As difíceis a gente leva dois dias prá fazê um tipo de renda..."

O produto do trabalho da rendeira tem diferentes destinos e ela procura sempre tirar o maior proveito possível nas oportunidades que se oferecem para vender a sua renda. A renda é feita tendo em vista 3 propósitos fundamentais: 1 — Renda feita e vendida por encomenda; 2 — Renda feita e guardada sem haver sido encomendada, esperando-se o aparecimento ocasional de algum turista ou viajante; 3 — Renda para uso próprio ou do pessoal da casa.

Antigamente uma cabista empreendia viagens pelas localidades vizinhas e vendia a renda de algumas rendeiras que concordavam em entregar-lhe os seus trabalhos, tomando como pagamento uma percentagem do preço alcançado na venda. Essa comissão variava segundo

um acôrdo prévio feito com a rendeira: desde alguns centavos por cruzeiro vendido, até a divisão do preço, metade para a ela, metade para a rendeira. Entretanto essa mulher morreu e hoje os raros intermediários que vão à comunidade aproveitando a estrada aberta, há alguns anos, nunca são reconhecidos como tal, mas sim como "particulares".

Quando um intermediário encomenda um grande número de metros de renda (100, 200 metros) a uma única rendeira, estabelecendo determinado preço, essa rendeira sentindo-se incapacitada para executar o trabalho em um tempo tão diminuto, divide a tarefa com outras rendeiras procurando tambem alcançar lucro pagando por cada metro, um preço inferior ao que foi combinado entre ela e o intermediário. Para o recebimento das rendas encomendadas, o intermediário retorna em um dia que foi anteriormente fixado; às vezes nem tôdas as rendas estão prontas e n esse caso o intermediário retorna com as rendas feitas e marca um outro dia para vir buscar o restante. Alguns para evitar o inc modo de duas ou mais viagens, preferem dar o ender o e aguardarem o aviso — por carta ou telegrama — que as rendeiras lhes enviam.

A renda que se faz sem encomenda, é guardada pela rendeira dentro do seu armário ou ba , dobrada e protegida dentro de um pedaço de papel. Nos meses de verão, com o aparecimento de turistas, intensifica-se a atividade das rendeiras, cria-se uma preocupa o maior pela feitura da renda, recrudescer o trabalho, já que "os dias são maiores". A rendeira, então, sobe o preço da renda.

"O pessoal que vem de carro de fora, fica doido atrás das rendas". Os turistas quando não encontram rendas prontas para vender, muitas vêzes escolhem nos piques e nas amostras os padrões que preferem e mandam fazer. De um modo geral, quando alguem encomenda uma renda, fornece tambem a linha; é na linha que repousa a garantia da rendeira contra uma possivel desistência do comprador, que não aparecendo no dia fixado ou nas semanas subsequentes — a rendeira sempre dilata o prazo prevendo as dificuldades — perde o direito que tem sôbre a renda e então a rendeira pode dispor d esse trabalho como lhe aprouver.

Nos velhos tempos era costume a rendeira usar na própria roupa ou para len oes e fronhas, a renda que havia trabalhado. "Hoje   só pra i ra", aproveitando o máximo que a renda oferece no seu quadro econ mico. A rendeira preferindo o bordado a usar a própria renda, realça o significado da renda, d -lhe importância e valor comercial. Os seus presentes de rendas que retribuem favores prestados, adulam entes queridos, não representam o dinheiro mas emprestam mérito   dádiva. "a gente faz renda pr s netos, pr  uma afilhada de estima o, uma nora que tem trabalho com a gente". Quando a renda   larga e requer muita linha, a rendeira não d  a linha, oferece apenas o trabalho. Somente as rendas estreitas são ofertas completas de linha e trabalho.

A menina para aprender a fazer renda (10) tem um caminho a percorrer, o mesmo trilhado pelas velhas rendeiras. Antigamente, então, quando a pescaria e o trabalho de renda eram quasi as únicas atividades, o espetáculo do pai tecendo a rêde e a mãe trocando bilros, diàriamente, oferecido aos filhos, constituia-se em estímulo que orientava a disposi o das crianças.

10 — Algumas meninas, poucas, vendo as mães e avós fazendo renda querem logo aprender. Não observamos nas moças que aprendiam a fazer renda, nenhuma que não fôsse filha de pescador e de rendeira.

Na idade de 6 a 7 anos, presenteiam a menina com uma pequena almofada grosseiramente feita e sem pés, uns bilros velhos ou pedaços de páu, papelão furado simulando piques, alguns alfinetes, com os quais ela "interete os dias". "na cegueira de fazê renda".

Com os seus brinquedos ela vai tomando um contacto maior com a almofada, habituando-se à posição, aprendendo a trocar os bilros; carrega a almofada para perto da mãe para observar e imitar os seus movimentos. Quando ela usa linha, "vai fazendo aquelas bobagens e aquelas porcariazinhas" ou então "tranças".

Aos 10 a 12 anos, começa realmente o aprendizado intensivo, sob a orientação de uma rendeira experimentada, de preferência a mãe ou a avó. Principia por fazer uma rendinha estreita, com 8 ou 10 bilros, a chamada "renda de criança", como o "ôlho de pombo", "bico de passarinho", "ponta da concha, da estreita"; a rendeira segura a mão da menina e orienta-a nas hesitações, nos embaraços, corrige os erros: "não é assim, desmancha". Você apanha dois casal de bilro, troca prá lá, troca pra cá, dá a laçada e prega o alfinete. Depois dá nova laçada prá ficá o alfinete firme no ponto". Quando a menina erra, a rendeira manda que desfaça tudo e ensina novamente. Algumas rendeiras que ensinavam eram conhecidas pela sua impaciência, batendo nas meninas com as mãos e com a palmatória. Hoje é difícil observar-se violência no ensino da renda com o número diminuto de interessadas. As opiniões sôbre o uso de castigos corporaes, são contraditórias: uns acham que "precisa castigá prá aprendê", enquanto outros opinam que o ensino imposto dessa maneira, "não tira resultado, só tira prejuizo".

Mais tarde, já com uma almofada do tamanho comum, sabendo o manejo dos bilros, a posição dos alfinetes, ela é deixada sozinha com a almofada e principia a fazer as rendas mais estreitas. É lentamente, indecisa, que ela executa a sua tarefa. Faltam-lhe a prática e o sentimento de segurança que só podem ser adquiridos com o correr dos anos. Ela vai passando das rendas estreitas para as rendas mais largas, "quanto mais bilros, mais influência tem pra aprendê", aumenta a complexidade do trabalho.

A última etapa do aprendizado é a montagem da renda, operação inicial que consiste em fixar o pique na almofada por meio dos espinhos, colocar os alfinetes no lugar "em: que assenta a renda", e os bilros (11). Muitas mulheres, já de meia idade, ainda, não sabem montar a renda e é necessário chamar uma rendeira velha para executar o serviço.

Sabendo trabalhar as rendas mais largas, fazer as difíceis "aplicações", "montar a renda", a rendeira atingiu o ponto mais alto que poderiam desejar, dominando tôda a técnica do trabalho da renda. Daí em diante a sua reputação como rendeira dependerá do cuidado com que usa essa técnica, da sua rapidêz e principalmente da limpeza e aivura da sua renda.

---

11 — "Corre com os bilro todos prá baixo. Depois apanha a laçada e laça os bilro todos".

## A Língua e a Psicologia de um Povo

na Investigação Folclórica e Etnográfica dêsse mesmo Povo

por ÓSCAR RIBAS

Como possa figurar à primeira vista, para se penetrar no domínio do folclore, logo no âmago do povo, não basta interrogar, mesmo com o auxílio de intérprete. Acima de tudo, importa conhecer a língua, não superficialmente, mas na sua profundidade. E ao lado do conhecimento da língua, importa ainda conhecer a psicologia dos interrogados, da própria matéria a versar.

Ih! Tanta coisa! — Espantar-se-á o leitor.

Pois bem. Para que a recolha dos informes não peque de defeitos, tanto na verdade como na inteireza, impõem-se todos êsses requisitos. E impõem-se, porque a compreensão dominará nas perguntas e respostas. Quer dizer: investigador e isvestigando entender-se-ão perfeitamente.

Acima do conhecimento da língua, salientamos o da psicologia. Sim o da psicologia, pois, não raro, informadores exprimindo-se regularmente em português, respondem de tal modo, que, dizendo uma coisa, dão a perceber outra. Daí, um registo inexato. Mas como o conhecimento da psicologia nem sempre constitui bagagem do investigador, convém revolver a pergunta, isto é, formulá-la de diversos modos, não só na ocasião, mas ainda dias depois. Assim, ganhar-se-á em veracidade e desenvolvimento.

Quantas vezes, falando nós em alhos, nos respondem em bugalhos?

E porque? Por estupidez do informante? Nem pensar nisso! Mas tão somente pela ausência do conhecimento da psicologia do informador e do assunto em questão.

Na investigação de matérias transcendentales, o informante, segundo concluimos, só se limita a responder ao que se lhe pergunta. Desta concisão, o investigador desarmado do conhecimento dessa mesma psicologia, decididamente que não pode apresentar um trabalho substancial. Quanto produzir, ficará oco, superficial, sem a estrutura da verdade humana.

Quem quiser certificar-se desta asserção, basta deter-se na leitura de certas obras folclóricas e etnográficas. Então, verificará: ou um amontoado de palavras encobrendo as deficiências, ou a razão de ser se patenteando deturpada — circunstância essa que induz o leitor a concepções erradas.

No tocante ao conhecimento da língua, muito se ganha na coleta, mesmo com uma boa interpretação em português. É que, se a explicação for dada na língua do informante, o investigador aproveita as expressões peculiares, a subtileza da dicção, o colorido em toda a sua intensidade. E o quimbundo que é rico em imagens!

Nos contos, mais do que em qualquer outra forma de expressão, foi onde encontramos o colorido da língua na sua mais bela manifestação. E esta particularidade se deve ao facto de o conto representar um reflexo da vida.

Nos provérbios, o que ressalta, é o sentido altamente metafórico, daí originando uma profunda agudeza de interpretação. Para se desvendar a alegoria, forçosa se torna a munição psicológica. Acentuemos, contudo, que tal penetração só se alcança no decurso dum colóquio, ou, na impossibilidade, através dum exemplo.

Para concretizarmos o nosso juízo acérra do véu metafórico que envolve o linguajar quimbundo, vamos citar uma expressão que ouvimos há dias. Tratava-se dum assunto entre genro e sogra. Em dado momento, alguém disse: "Foi ela quem lne deu a palmeira do palmar".

Ficámos surpreendidos. E então esse alguém nos explicou: "palmeira" era a filha dada em casamento, e "palmar", a prole resultante.

Com essa expressão, quantas não existem? Uma infinidade! Daquí o conhecimento da língua, aliás bela e rica de roupagem figurada, e não pobre de elevação e sem expressividade, como inconscientemente se propala, e até por indivíduos de certa envergadura cultural.

Prestada a informação em português, o intérprete ou o próprio informante não só deturpa o sentido de várias palavras, mas também despe a narrativa das peculiaridades da forma linguística. Logo, a versão perde a originalidade inicial o brilho, o calor. Mas ao lado da língua, e em plano superior, o conhecimento da psicologia.

Concluindo: para bem se investigar, quer para se expor com profundidade, quer para se conservar, embora pàlidamente, a essência magnética, importa conhecer a língua do informante, a sua psicologia, e, também, a psicologia do próprio assunto.

# CESTERIA, TRENZADOS Y TAPIZADOS

(Una investigación folklórica en la ciudad de Rocha, Uruguay) (1)

Esmeralda Torres Conti

y

Nélida Ruiz

I

## INTRODUCCION

La 2ª. Exposición Uruguaya de Folklore, que realizó el Centro de Estudios Folklóricos del Uruguay, en La Paloma, Departamento de Rocha, en el año 1957, fue el momento que determinó el comienzo de iniciación de nuestra investigación. Comprendimos lo poco o nada que se había realizado sobre esta clase de artesanía en nuestro país. En su casi totalidad las repúblicas americanas cuentan con trabajos presentados, en los cuales se puede constatar la preocupación de los investigadores en reunir el mayor número posible de piezas y datos correspondientes. Pensando en ello, resolvimos ponernos en campaña para una tarea igual.

Comenzamos por hacernos un plan de excursión, tomando como modelos los de Técnica de Investigación Folklórica de nuestro profesor

---

(1) Comunicación presentada a la Primera Semana de Antropología del Uruguay. Octubre, 1958

Paulo de Carvalho Neto y un cuestionario de *Manuales Técnicos* de la Oficina de Ciencias Sociales, de la Unión Panamericana.

Teníamos como fin inmediato el estudio de trabajos de cestería de trigo, hecho constatado por nosotros, en el Depto. de Rocha, durante nuestra estada con motivo de la exposición anteriormente mencionada.

Comprobamos luego: que los cestos de trigo, los trenzados y los tapizados de cardo son una técnica tradicional y el medio de vida económico para esa gente. Dicha elaboración no se conoce como Arte Popular en el Uruguay, sino, como un objeto más para la venta, exhibiéndose en vidrieras de grandes comercios céntricos de la capital; en su contenido, sin embargo, está la supervivencia de un hecho folklórico. Es un valor inapreciable que no se puede dejar en el olvido. Descuidar una fuente de tan arraigada tradición es imperdonable. Por otra parte, es indudable que "las artes populares dan a las colectividades que las practican un sentido de equilibrio y de dignidad que contribuyen a conservar una sociedad sana". (Métraux, 1950).

## II

### AREA INVESTIGADA

Esta investigación ha sido realizada en la ciudad de Rocha — parte suburbana — Departamento de Rocha, República Oriental del Uruguay, que actualmente posee 25.000 habitantes y está extendida en más de cincuenta barriadas. Fue fundada en el año 1793.

Sus pobladores compiten en la elaboración de sus varias artesanías y, siendo zona de privilegio por sus grandes bañados, para el desarrollo de abundante vegetación, no es de extrañar que crezcan en grandes extensiones, sauces utilizados para los trabajos de mimbre) pajas (la llamada "paja brava", muy usada para los techados de casa y ranchos) y cardos, (en este caso, el llamado cardo "Caraguatá", con cuyas hojas se realizan en gran escala los trenzados con los cuales se fabrican los tapizados para sillas, mesas, puertas de muebles varios, etc.)

Recorriendo sus barriadas es común encontrar grandes tendidos de paja de cardo y ver a sus moradores trabajando dichas fibras. Quienes realizan estas tareas son personas de condición muy humilde, practicando estas industrias desde los niños hasta los ancianos.

Sus casas (generalmente obras sin terminar) son de ladrillos y techados de "paja brava"; otras, de ladrillo y zinc; ladrillo y terrón; y en su mayoría terrón y paja.

Sus interiores son de aspecto rústico, sus pisos, de ladrillo o mezcla de arena y portland y en gran proporción de tierra apisonada. El mobiliario consta de mesas, sillas, bancos, taburetes, etc. y son de modesta condición o construcción casera, lo cual demuestra que hacen uso con frecuencia de las fibras del "Cardo Caraguatá" para su confección.

Su grado de cultura es elemental, son sencillos en su trato, aunque al solicitar datos, al principio se retraen para su contestación. La edad de los informantes oscilan entre los 20 y los 72 años en un total de 8 personas interrogadas.

## III

### INFORMANTES

#### A) Trigo (Cestos-:

1) Lorenza Justiniana Sosa de Núñez, uruguaya, natural de Pueblo Garzón, 66 años, residente en el Barrio Lavalleja; 2) Ema Núñez Sosa,

uruguaya, natural de la ciudad de Rocha, 20 años, residente en el Barrio Lavalleja; 3) María Sosa de Fernández, uruguaya, natural de Pueblo Garzón, 63 años, residente en el Barrio Adolfo Viera; 4) Eva Núñez Sosa de la Llana, uruguaya, natural de Pueblo Garzón, 32 años, residente en el Barrio Cola.

Todas poseen una instrucción elemental.

**B) Cardo (Trenzas):**

1) Ana Urreta de Galo, uruguaya, natural del Depto. de Rocha, 50 años, residente en el Barrio Treinta y Tres; 2) Pedro Braga Rodríguez, uruguayo, natural del Depto. de Rocha, 57 años, residente en el Barrio Joana A. Etchemendy; 3) Ventura Pereira, uruguaya, natural de La Sierra (Rocha), 72 años, residente en el Barrio Ravera; 4) Celestino Barboza, uruguayo, 50 años.

**C) Cardo (Tapizados):**

1) El referido Celestino Barboza.

**IV**

**CESTERIA**

La familia que visitamos es uruguaya, pero de origen brasileño por rama materna. Vivía anteriormente en Garzón (límite Rocha-Maldonado). Los cestos de paja de trigo son realizados solamente por las mujeres de la familia, transmitiéndose su construcción de madre a hija y de hermana a hermana, que desde muy niñas hacen su aprendizaje, siendo sus primeros trabajos pequeños muebles, ranchos en miniatura, cestos, etc. para después jugar con ellos. Ya el año 1885 estos trabajos eran realizados en el departamento por la misma familia. Sus formas han variado, pues "antes las hacían más lisas, y que a fuerza de hacerlas, vamos cambiando y haciendo mejores".

La técnica de este arte tiene una delicadeza y prolijidad que subyugan, es un trabajo que atrae la atención por su gusto refinado, siendo su elaboración de una paciencia y habilidad que admira. La fragilidad del material empleado, hace que se requiera de parte de quienes realizan su laboración, una gran precisión en lo que a medidas, cortes, etc. se refiere. El color natural de la paja de trigo es mantenido, ya que "la paja de trigo no se tiñe".

El artesano dedica un día entero para realizar un cesto, con la paja ya limpia y preparada.

El esfuerzo de su labor, desgraciadamente, es muy poco remunerado. Constituye parte de su subsistencia. Lo hacen cuando lo cosechan, es decir, en verano. La venta mayor es en la Semana de Turismo y Carnaval.

**1) Técnica de siembra y cosecha:**

Para la siembra "se ara la tierra y luego se le pasa la rastra de hierro o de ramas". Esta operación la realizan para moler los terrones. La fecha de siembra "depende del tiempo, pero por lo general es setiembre y octubre". Arrojan la semilla "al boleó" (con la mano derecha la van tirando, tratando de que siempre el viento esté a su espalda). La cosecha la efectúan en Diciembre que "es cuando el trigo está pronto, porque si se deja mucho, el sol es muy fuerte y lo seca demasiado, el grano

se cae y la paja se reseca". "Se corta con trilladora u hoz y se hacen parvas".

Algunos plantan el trigo en sus terrenos y otros lo van a comprar en los lugares donde se realizan las trillas.

Generalmente lo cosechan ellos mismos por que dicen que "el trigo cosechado con trillador no sirve porque se muele toda la paja". "Agarro una brazada y la corto y voy formando los atados". "Los atados del trigo se secan con el sol solamente".

#### 2) Transporte:

El que no siembra el trigo en su casa, lo trae en carro, tractor, etc.

#### 3) Preparación del material a utilizar:

Para hacer sus cestos preparan la paja de la siguiente forma: "Separo primero la espiga y luego los nudos que tenga la planta". "Después les paso la mano y le saco el casullo". El casullo es la envoltura de la paja de trigo. "Para cortarla utilizo la tijer de esquilare y a veces de tanto cortar, me queda el brazo como muerto". "La paja mejor es la de la punta por ser la más larga y la más". "Después que está seca se moja y se deja un rato en agua hast que esté bien blanda". "Solamente se moja la paja al trabajaria". Sus formas son las mismas, generalmente. Aisladamente crean algún modelo distinto, y según expresiones de las informantes: "antes lo hacíamos más liso, pero a fuerza de hacellos, los vamos cambiando y haciendo mejores".

Utilizan alambre fino e hilo de coser. Las herramientas que usan son: tijeras de esquilare, tijeras comunes, pizzas y agujas de coser.

#### 4) Técnica de manufactura:

Formas varias: exagonal con tapa base más pequeña; cuadrilonga con tapa, base más pequeña; cuadrada con tapa, base más pequeña; cúbica con tapa y asa, base más pequeña; rombo con tapa, base más pequeña; (llamada "cubita o bote") rancho con cerco; juego de dormitorio para juegos de niño, con ropero, cama, mesa de luz, botinera y silla; juegos de patio, etc.

Estas formas son llamadas por ellas de la siguiente manera: "bom-boneras, panera, centro de mesa, botecitos". Dominan estas, los cuadrados, cuadrilongos con asa y sin asa. Todo su tejido es derecho con excepción de los adornos que son efectuados por medio de trenzas variadas realizadas también con paja, unas redondas y otras chatas.

#### 5) Tipos de nudos y ataduras:

Para efectuar la unión de la paja se procede de la siguiente manera: se introduce una paja dentro de la otra unos dos centímetros.

#### 6) Acabado:

El trabajo lo terminan dejándolo secar: "paja al natural, porque no toma pintura ni lustre".

#### 7) Contratos:

No realizan contratos y lo venden "a quien viene a buscarlo". "También por encargo del cliente a quien los mando por encomienda o los retira él mismo". "Por intermedio de una vendedora y a varios

que vienen a buscarlos a casa". Cobrando por cesto desde un peso con cincuenta centésimos.

8) Creencias.

a) Religiosas.

"Poner el trigo adornando el cuadro del santo significa que él trae el pan a la casa".

"Poner el trigo adornando un santo de su devoción, ayuda".

b) Mágicas.

"El trigo en la casa trae suerte y dinero".

"También llevan trigo verde al cementerio para adormar la tumba de su padre".

VI

TRENZADOS (Cardo)

1) Técnica de siembra y cosecha:

El cardo "Caraguatá" no se siembra, pues crece silvestre.

Lo recogen en los bañados donde saben que crece. Con una pala de mango largo le dan un golpe a la parte adjunta a la tierra y lo cortan. Usan la pala de mango largo, porque: "y señorita como el cardo tiene espinas, me espino toda y cuando está en el bañado y adentro del agua, me mojo pies". "Cuando se me termina voy a buscarlo donde haiga". "Cerca de la ciudad está cerciado".

2) Transporte:

Cuando tienen el cardo cortado hacen un atado y lo ponen sobre la cabeza. "A veces me lo traen en un carro y lo compro a \$ 0,25 el atado". "Yo he sabido llevar al hombro cantidades de paja y ocasiones é dentrado al campo desde la mañana y salido al mediodía sin que nadie me diga nada".

3) Preparación del material a utilizar:

Una vez cortado el cardo, se le sacan las espinas. Luego lo dejan "orear"; lo cortan en "tiras" y lo vuelven a extender en el suelo hasta dejarlo secar bien. "Estando el sol fuerte se orea en dos días".

"Se puede dejar atado al sol y dejar que caiga el agua, nomás". "En esta forma, uno de los informantes sostiene que obtiene una mayor blancura del material.

4) Uso de aparatos especiales:

Las herramientas que utilizan para trabajar el cardo son:

a) Para cortar el cardo: una pala con mango largo.

b) Para sacar las espinas la Sra. de Galo y el Sr. Braga Rodríguez utilizan media haja de Gillet. La Sra. Ventura Pereira usa: "un cuchillo de mesa que tengo que afilar todos los días". "Mi hijo trabaja con Gillet".

c) Para partir el cardo en "tiritas" la Sra. de Galo muestra una tabla de quince centímetros de ancho por 60 de largo con unas "suchi-



Fig. 1  
Pala para cortar cardo utilizada  
por la sra. Ana Urreta de Galo.



Fig. 2  
Pala para cortar el cardo utilizada  
por el sr. Pedro Braga Rodrigues.

llitas de zinc", atadas con un fino alambre a un extremo de la tabla, teniendo un clavo en el centro de la madera para clavarla sobre la mesa y así poder partir el cardo.

El Sr. Braga Rodríguez, utiliza una madera de 50 centímetros de largo por 20 ancho, con un "peine viejo de tijera de esquilar" (eléctrica) clavado a un costado casi en la punta. Haciéndonos una demostración, dijo: "pongo el pie así y corto las tiras".

La Sra. Ventura Pereira utiliza un "rayador de clavos", y presenta una tabla rectangular en la cual hay clavados 6 clavos de abajo hacia arriba y con las puntas de estos corta las hojas del cardo. Esta tiene en el centro, en la parte inferior, un pedazo de "pique de alambrar" y en la punta de éste otra tabla rectangular más pequeña donde ella coloca el pie para sostener la herramienta.

Una vez cortado el cardo lo atan con una hebra del mismo y lo dejan pronto para poderlo utilizar.

##### 5) Técnica de manufactura:

Tienen una sola técnica de manufactura, que es el trenzado.

6) Tipos de nudos y ataduras:

Para hacer el trenzado colocan entre dos hebras del cardo que está trenzando una tercera, dejando la parte fea del cardo "colgando" y siguen torciendo las trenzas hasta que unos diez centímetros antes de terminadas las hebras agregan otras, así hasta llegar al largo que necesitan.

7) Acabado:

Para terminar la trenza, "le hago una enlazada dejando un pedazo antes para que no se deshaga". "Se limpian las puntas salientes con una tijera y después se les pasa un trapo seco para que la paja quede brillante".

Con el brazo en forma de V, o también en el respaldo de una silla, envuelven la trenza, que así queda pronta para ser vendida.

8) Contratos:

No existen contratos, solamente acuerdos verbales, directamente con el comprador, cobrando por cada 100 metros de trenza \$1.00.

VII

TAPIZADOS (Cardo)

1) Técnica de siembra y cosecha:

Corresponde a la técnica utilizada para el cardo "Caraguatá".



Fig. 3

"PARTIDOR" utilizado por la sra. Ana Urreta de Galo



Fig. 4

"PARTIDOR" utilizado por el sr. Pedro Braga Rodríguez

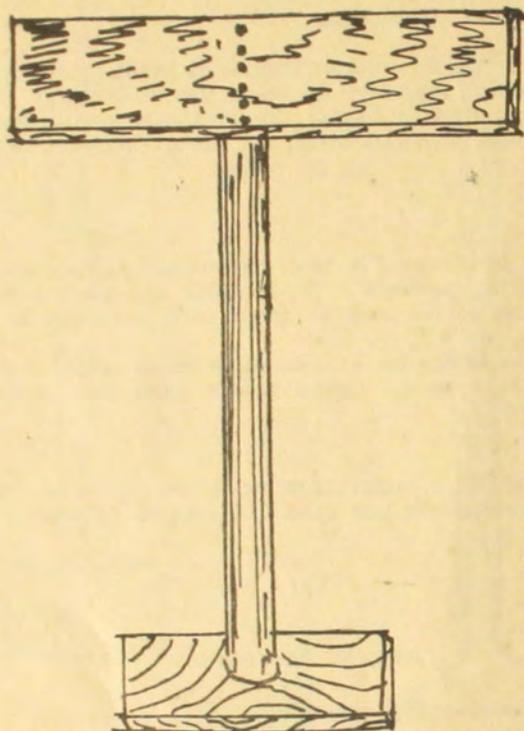


Fig. 5

**“RAYADOR” de cardo utilizado por la sra. Ventura Pereira**

**2) Transporte:**

“Lo voy a buscar dónde lo hacen”.

**3) Preparación del material a utilizar:**

El material que utiliza para los “tapizados” es la trenza del cardo “Caraguatá”.

**4) Técnica de manufactura:**

En una forma de madera — por lo general cuadrada o rectangular —, necesaria para adornar el mueble, realizan el tapizado, siendo ese armazón su telar. Conocen sus siguientes modelos:

a) “Tejido criollo”. Un cuadrado, cuatro triángulos con un punto central, que se forma intercalando las trenzas una a una hasta llegar al centro, donde se varía comenzando a aumentar hasta formar el triángulo opuesto.

b) “Tejido agonal”. Trenzado intercalando cuatro trenzas que van formando un dibujo de pasacinta. Primeramente se toman ocho trenzas para arriba y ocho para abajo. Luego, se separan en cuatro intercalando desencontradas. Siempre van cuatro y suben a ocho y luego bajan a ocho, repitiendo el mismo procedimiento hasta terminar el trabajo.

“Se pueden hacer de dos, tres, cuatro, cinco, seis y siete etc. trenzas”.

c) “Provenzal”: Su trama de fondo es igual al “criollo” teniendo formado sobre éste una estrella de cuatro puntas.

#### 5) Tipos de nudos y ataduras:

Antes se hacía el trabajo “dejando los nudos que quedaban para afuera”.

6) Acabado: “Se esconden las puntas y se sujetan con pequeño clavos”.

#### 7) Contratos:

Bajo compromisos o pedidos por escrito, remite su trabajo a casas de comercio y particulares.

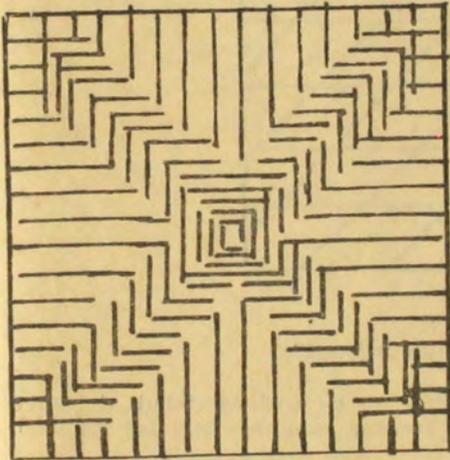


Fig. 6  
Tapizado-Provenzal.

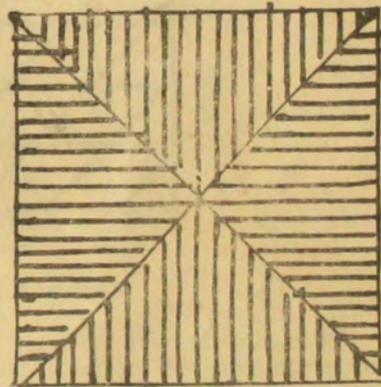


Fig. 7  
Tapizado. “Tejido Criollo”

## VII

### CONCLUSIONES

Una de nuestras conclusiones en este viaje de investigación a la ciudad de Rocha, es la de que nos hallamos frente a una auténtica expresión de arte popular. La cestería, los trenzados y los tapizados de Rocha son arte popular puro.

La manufactura de las trenzas de cardo “Caraguatá” es tan popular y de arraigada tradición en Rocha, que es muy corriente ver en las calles de la parte sub-urbana de la ciudad, las “tiras” de paja de cardo secándose al sol, y a familias enteras elaborando esas trenzas. Algunas están dentro de sus viviendas. Al penetrar en estas, las vemos cubiertas de cardo sin trenzar y trenzas colgadas en clavos, prontas para su venta.

Pasan el día trabajando, “que de tanto trabajar, dejan los dedos

sin líneas". "Antes trabajaban el cardo Bagual que es un cardo oscuro y sin espinas que crece debajo de los árboles".

Aunque muy sencilla, su labor, no separan la vista de su trabajo cuando están conversando.

Sus herramientas son muy rudimentarias, fabricadas por ellos mismos de acuerdo a sus necesidades: el "rayador", el "partidor" y el "abridor", son las principales. Estas son livianas y fáciles de transportar.

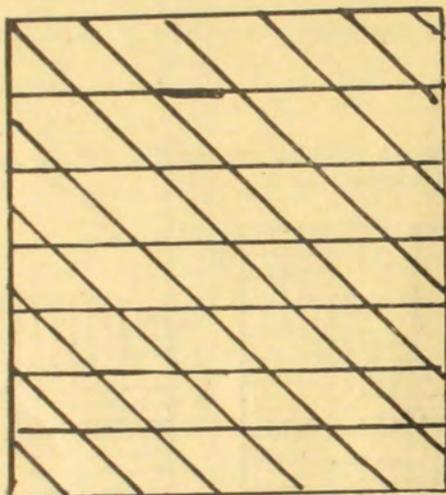


Fig. 8  
Tapizado. "Tejido Agonal"

El medio de vida de esas familias, en su casi totalidad, depende exclusivamente del producto de esas trenzas, aunque otras las realizan como complemento de otras tareas.

En los tapizados de trenza de cardo, el artista en su telar va trabajando con gran habilidad. Aunque sea una técnica complicada, ellos la realizan con facilidad y rapidez. "Los modelos de cardo son sacados de los tejidos de mimbres". Su preocupación es perfeccionar su arte, buscando e ideando nuevas formas, y darles a su labor un acabado más perfecto. Antes terminaban el trabajo "dejando los nudos que quedaban para afuera", se esconden las puntas y se sujetan con pequeños clavos".

Sus contratos son, bajo compromiso, o pedido por escrito.

## VII

### BIBLIOGRAFIA

CARVALHO NETO, Paulo

Técnica de Investigación Folklórica (Experiencias del Paraguay). Apartado de las comunicaciones Antropológicas del Museo de Historia Natural. N. 1 Vol. 1. Montevideo, 1956. Pag. 26  
Manuales Técnicos I

Guía para la clasificación de datos culturales. Unión Panamericana. Washington. D. C. 1954. Pág. 248.

METRAUX, ALFRED

La Unesco y las Artes Populares. Boletín Bibliográfico de Antropología Americana. México, 1950. Pág. 14.

S U M Á R I O

- I — INTRODUCCION
- II — AREA INVESTIGADA
- III — INFORMANTES
- IV — CESTERIA (Sauces y pajas de trigo)
- V — TRENZADOS (Cardo)
- VI — TAPIZADOS (Cardo)
- VII — CONCLUSIONES
- VIII — BIBLIOGRAFIA

---

(a) Los dibujos fueron realizados por Jorge Volonté, del Centro de Estudios Folkloricos del Uruguay, en base a croquis hechos por las investigadoras.

# Santa Catarina no IV Congresso Brasileiro de Folclore

## Introdução

O presente trabalho, reportando-se ao IV Congresso Brasileiro de Folclore, é composto de dados coligidos pelo companheiro Doralécio Soares, integrante da Delegação de Santa Catarina áquele Congresso. Não se trata de uma cobertura geral dos trabalhos, que seria impossível de realizar, mas alguns dos seus principais aspéctos anotados pelo autor.

Muitas seriam as citações que teria que fazer se possível fôsse registrar todas as atividades dos inumeros Congressistas que se destacaram pelos trabalhos apresentados ao Congresso. Convém, entretanto, ressaltar a eficiência do Secretário Geral dr. Elpídio Paes e do relator geral dr. Théo Brandão, além de muitos outros cujas colaborações foram indispensáveis ao grande êxito alcançado pelo IV Congresso Brasileiro de Folclore.

O nosso companheiro Doralécio Soares, apresenta suas excusas pelas falhas e omissões aqui havidas e certo estará de que os companheiros folcloristas o perdoarão.

I

Realizou-se de 19 a 26 de julho do corrente ano o IV Congresso Brasileiro de Folclore, na cidade de Pôrto Alegre.

Santa Catarina esteve presente ao Congresso, nas pessoas dos drs. Oswaldo Cabral, Oswaldo Mello Filho, profs. Rubens Ulisséa, Franklin Cascaes e o jornalista Doralécio Soares.

Sob a presidência do dr. Dante de Laytano, Secretario Geral da Comissão Gaúcha de Folclore, autoridades civis, militares e eclesiásticas, foram instalados, em sessão solene, os trabalhos com a presença de delegações de quasi todos os estados da União.

O dr. Renato Almeida, Secretario Geral da Comissão Nacional de Folclore e um dos presidentes de Honra do Congresso, eleito na Sessão Preparatória, disse no seu discurso de instalação dos trabalhos, que: "De novo os estudantes de Folc-



IV Congresso Brasileiro de Folclore — Sessão solene de instalação —  
Ao alto, o dr. Renato Almeida, dinâmico Secretário-Geral da CNF, quando proferia o seu discurso, tendo à sua esquerda o dr. Dante de Laytano, Secretário-Geral da Comissão Gaúcha de Folclore. Em baixo, parte da assistência

lore encontravam-se nos pagos gaúchos, recordando emocionados a reunião de 1950, quando iniciávamos o nosso movimento, recebiam ali, o calor do entusiasmo, da confiança e do idealismo dos gaúchos. E foi do amor e boa vontade, sob o comando de Dante de Laytano, inteligência clara, dinâmico e de simpátia irradiante, que a Comissão de Folclore do Rio Grande do Sul pode se constituir de personalidades magníficas de significativo relêvo e iniciar uma atividade exemplar vencendo obstáculos e realizando o impossível. Sabia o Comissão Nacional que a conquista era lenta, mas já sentia que ali germinavam as sementes.

Surgiram lutas e dificuldades que, quando não resolvidas, eram contornadas e todos sabiam o que já se havia realizado por êste país a fora. Uns mais, outros menos, não importava o quanto podia realizar. Necessário era chamar a atenção do Brasil para o Folclore, despertando vocações de estudiosos e contaminando a alma nacional e assim deixou de ser o Folclore uma falsificação ou discussão graciosa. Foi visto na sua realidade como fenômeno cultural e estético de importância fundamental.

Semanas, congressos, revistas, mesas-redondas, publicações, debates, polêmicas se aclarava e revelava o significado do Folclore no âmbito da vida nacional. Do apêlo ao govêrno em 1951, no primeiro Congresso, surgiu no ano passado, no dia consagrado ao Folclore a "Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro" órgão do Ministério da Educação e Cultura. Reconhecia o Chefe da Nação que o trabalho das Comissões de Folclore devia ser apoiado pela sua significação e pela projeção nacional. E hoje reunidos em Pôrto Alegre, com a eficiente colaboração dessa Campanha, visando os mesmos ideais". No decorrer do seu discurso, disse o dr. Renato Almeida, da disposição da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, na aceitação de tôdas as sugestões no estudo do nosso Folclore e na defesa do acêrvo de suas riquezas.

E como Secretário Geral da Comissão Nacional, e membro do Conselho Técnico da Campanha, era delegado e portador das sugestões dos seus Membros. Disse S. S. da aridez do caminho e da complexidade das questões em todos os seus aspectos. E nas reuniões é que concluem quão grande é a matéria que desafia a capacidade de ação de todos. Mas alentadoras são as esperanças, pois surgem os nomes com quem podem contar em busca de auxílios. E com a responsabilidade que têm perante o govêrno e todos os folcloristas, confia em que dêste Congresso saiam sugestões de alta importância para que o Conselho Técnico da Campanha,

presente com todos os seus membros assente um fecundo entendimentos com todos. Teceu S. S. considerações várias em torno do que até aqui realizou e o que tem a se realizar, e da maneira correta e firme que tem que se andar se deseja realmente conhecer o folclore no Brasil. Focalizou o aspecto científico no âmbito das ciências antro-po-sociais, do nosso trabalho de proteção a essas manifestações vivas e persistentes do povo, que é o folclore o elo de continuidade nacional, fontes de inspiração, motivos de arte, reservas da psicologia nativa. Penetrou o dr. Renato de Almeida nos vários aspectos do Folclore Gaúcho, dando um sabor pitoresco ao seu discurso, com as lendas e superstições do Folclore do Rio Grande do Sul. Finalizando disse: "É acima de tudo, a nossa família, a família dos que amam e estudam o folclore se reúne", e acima de tudo o ânimo e o desvêlo com que devemos continuar a estudar e cuidar da cultura popular do Brasil".

\* \* \*

Com a palavra o dr. Dante de Laitano, agradeceu ter sido aclamado para presidir o Congresso, prestou contas dos trabalhos da Comissão Gaúcha, e teceu considerações elogiosas sôbre a obra da Comissão Nacional, cujo timoneiro é o professor Renato Almeida. Disse da honra concedida ao Rio Grande do Sul, em ter Pôrto Alegre como sede do Congresso, e do decidido apôio que recebera não só dos órgãos do Govêrno, mas dos grupos culturais, instituições, e principalmente dos companheiros Lions. Finalizou desejando bons resultados na realização do Congresso.

Fêz uso da palavra, representando o Conselho Cultural da Embaixada de França, o professor Alexis Maurin.

Em nome dos Congresistas, falou o professor Rossini Tavares de Lima, Secretário Geral da Comissão Paulista de Folclore, que saudou os companheiros gaúchos, enaltecendo os seus valiosos trabalhos em favor do Folclore Brasileiro. Fêz um retrospecto do que realizou a Comissão Nacional de Folclore desde quando existe. Penetrou nas controvérsias relativas entre folcloristas e especialistas em ciências sociais, que tanta celeuma tem produzido. Após o encerramento da sessão, o Coral Madrigal Renascentista de Minas Gerais, que se achava em excursão em Pôrto Alegre, brindou os presentes com seletos números, merecendo fartos aplausos.

### REPRESENTAÇÃO CATARINENSE

Coube aos representantes da Comissão Catarinense de

Folclore, chefiados pelo dr. Oswaldo Cabral, participarem das seguintes mesas redondas e comissões:

Comissões: “Festas tradicionais” — Ruben Ulisséa. “Modas e Escalas da Música Folclórica Brasileira” — Dr. Oswaldo Mello Filho.

Mesas Redondas: “Organização de Cursos de Folclore” — Presidente Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral. Participaram desta comissão o autor deste artigo e os professores Oswaldo Mello Filho e Ruben Ulisséa.

“Pesquisas de Folclore”: Participaram desta o professor Oswaldo Mello Filho, o autor deste artigo, professor Ruben Ulisséa, Dr. Oswaldo Cabral e Franklin Cascaes.

“Folclore e Teatro”: Santa Catarina participou com o professor Oswaldo Mello Filho.

“Cerâmica Folclórica Figurativa e Utilitária”: Participaram desta mesa redonda o Dr. Oswaldo Ferreira de Melo Filho e o professor Franklin Cascaes, que, por motivos de força maior, retornou a Florianópolis no dia 23, e o Dr. Oswaldo Cabral.

O programa de trabalho foi organizado de maneira a não serem prejudicadas as sessões das Comissões e as Mesas redondas, dando oportunidades aos participantes dos mesmos poderem assistí-los sem prejuízo de ambos.

### MESA REDONDA DE PESQUISAS

Mesa Redonda de Pesquisas: Presidente Manoel Diéguas Júnior.

Nessa sessão os debates foram acalorados, visto as interpretações dadas aos sentidos da Pesquisa, pois enquanto que o dr. Renato de Almeida afirmava que “cada pesquisa devia obedecer às normas de acôrdo com as suas necessidades inerentes, no acompanhamento dos fatos, fazendo a sua geografia, traçando assim a carta geográfica brasileira. Pesquisar, tomar os fatos folclóricos em si, trazendo daí a formação do folclore da comunidade.

Diz Rossini Tavares, Secretário Geral da Comissão Paulista de Folclore, que a pesquisa de folclore deve ser por comunidade, obedecendo um plano traçado por região, visto que mais fácil será assim de se conseguir o traçado da carta geográfica do folclore brasileiro.

O dr. Renato Almeida, diz que a Campanha Nacional de Defesa do Folclore funciona em face dos trabalhos realizados pelos pesquisadores.

Acha, entretanto, o dr. Rossini, afirmando mesmo que a

Campanha é um órgão do governo, destinado, entre outras cousas, a aprovar os trabalhos apresentados por pesquisadores. Continua SS., defendendo o plano de pesquisas folclóricas por comunidade, procedendo-se os estudos por região, o que possibilitará a se concluir o mapa geral quando as várias regiões forem levantadas, nos seus mais diversificados aspectos.

Ainda nesta sessão, o professor dr. Trujillo Ferrari, do Peru, fez uma explicação sôbre "O Folclore aplicado" e como se devia proceder evitando-se o desaparecimento dos fatos folclóricos decorrentes do crescimento industrial do país, absorvente de costumes e festas populares. Dissertou SS. com profundidade de conhecimentos, correlacionando fatos decorrentes das suas várias observações em regiões que lhe foi dado estudar.

### CONCLUSÕES

Foram as seguintes as conclusões e resoluções apresentadas pelo coordenador-presidente da mesa, prof. Manuel Diegues Júnior.

Nos considerandos diziam das necessidades de se estudarem as manifestações folclóricas dentro do contexto cultural das comunidades e que surge da importância dêste estudo de comunidade, dentro dos métodos e técnicas das disciplinas sociais, permitindo melhor conhecimento de fatos folclóricos ou como parte da sociedade onde surgiram e permaneceram. Foi considerada também a influência do desenvolvimento industrial na modificação dos fatos e em seus aspectos característicos. Considerou-se a conveniência de se desenvolverem os estudos de comunidade dentro das atividades interdisciplinares, tendo a cooperação dos folcloristas, antropólogos, sociólogos, etnólogos, etc., uma vez que se tem o objetivo comum de estudar o homem e no caso específico do Brasil o do homem brasileiro.

Foi então sugerido à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, que no seu plano de pesquisas folclóricas fôsse utilizado o estudo de comunidade o qual sendo cientificamente mais completo para o conhecimento das manifestações folclóricas em sua totalidade, dentro do contexto da sociedade em que apareceu, inclusive por revelar através de amostras o folclore de uma região cultural. Que nos estudos de Comunidade fôssem estudados os mesmos métodos e técnicas das ciências sociais, com entrevistas, questionários e que as observações fôssem registradas, interpretadas especi-

ficando as manifestações de cultura folclórica sem entretanto prejudicar outros aspectos da vida social que passaram a ser estudadas pela antropologia, sociologia, etnologia e outras ciências sociais. E que nos estudos de comunidade sejam completados pelo levantamento cartográfico, de maneira que o material registrado fique perfeitamente caracterizado neste espaço.

Ainda das sugestões apresentadas, constou, das modificações que o impacto da industrialização e urbanização vêm trazendo às culturas do folclore, modificando-as e criando novas condições culturais na caracterização dos mesmos fatos folclóricos, surgindo daí necessidade de dar ênfase aos estudos das comunidades, onde se verifica tal impacto com a transformação ou mesmo desintegração de muitos elementos folclóricos. Diz, então, da intervenção do folclorista no estudo desse processo, etc., ressaltando os valores tradicionais contidos nas manifestações folclóricas orientando-as sob os seus vários aspectos, sem rejeitar ou prejudicar valores ou equilíbrios sociais.

Concluindo, sugere o Congresso, à Campanha Nacional de Defesa do Folclore, que tendo em vista o estado atual das ciências sociais no Brasil, se intensifiquem os estudos interdisciplinares, estabelecendo um recíproco sistema de cooperação entre folcloristas, antropólogos, sociólogos, etnólogos, etc., no sentido do estudo mais completo e integral do homem brasileiro, nas diferentes manifestações de sua cultura. Estas foram as conclusões apresentadas pelo coordenador da mesa redonda de pesquisas folclóricas, prof. Manuel Diégues Júnior.

### **ORGANIZAÇÃO DOS CURSOS DE FOLCLORE**

Mesa redonda de "**Organização dos Cursos de Folclore**", presidida pelo dr. Oswaldo R. Cabral.

Esta foi a mesa redonda mais movimentada do Congresso, visto que das suas conclusões partiram as recomendações às escolas secundárias e superiores para a inclusão da cadeira de Folclore no seu curriculum. As discussões giraram inicialmente em torno do trabalho de Edison Carneiro "Folclore em nível superior". Diz Edison Carneiro no seu trabalho que desde 1951 se discute publicamente a necessidade de organização do ensino de folclore em nível superior universitário. Chegando-se até a falar na criação de uma cátedra de Folclore nas Faculdades de Filosofia. Entra em consideração sobre assunto que traria a improvisação de professores, etc.

Diz que até a época atual não houve tentativa de se estruturar o ensino de folclore em nível superior e se houver, como iremos fazê-lo? Se uma cátedra era suficiente? Em quantos anos? Em que curso da Faculdade de Filosofia seria enquadrado? Geografia? História? ou no de Ciências Sociais? O trabalho de Edison Carneiro envolveu uma serie de observações que suscitou acalorados debates de tal forma que o Presidente da mesa teve que recorrer várias vezes á companhia para serenar os animos, tal o calor das discussões. O dr. Renato Almeida, como decano do Folclore Brasileiro, estava em tôdas as mesas redondas emprestando a colaboração da sua experiência. Disse S.S. dentro do tema "Folclore nas Universidades", que infelizmente as nossas Faculdades superiores não possuem professores, que enquanto não tivermos cursos de Folclore nas escolas secundárias e superiores, não passaremos de Folcloristas Amadores. Que a Campanha Nacional de Defesa do Folclore vai organizar cursos aproveitando os elementos existentes, na realização de conferências, etc.

A Dra. Hildegardes Viana, professora da Cadeira de Folclore em Salvador disse que embora já tendo participado de dois cursos de Folclore na Capital da Republica confessa que foi com dificuldade que organizou o programa do curso que ministra na sua cátedra, pois realizou um estudo intensivo dos usos e costumes de sua terra, dizendo dos resultados que vem obtendo.

Santos Neves (Espírito Santo). O professor Santos Neves informa que na Faculdade de Filosofia do Espírito Santo foi criada uma cadeira de Folclore. Sendo tambem introduzido em outros collegios para orientação de professores.

Dr. Menezes, Estado do Pará, informa que por iniciativa da Comissão Paraense de Folclore foi realizado um curso prático de Turismo e Folclore, como tambem um curso de 10 aulas de pesquisadores, desde Etnologia ao Folclore da Amazonia, sendo organizadas varias monografias de assuntos diversos.

A professora Laura Della Monica, da Delegação Paulista, disse do seu trabalho realizado em São Paulo, com estudos de folclore nos bairros, sendo criado um museu volante, que percorre a cidade nos seus vários bairros. Centro de estudos de folclore em Santos, curso de folclore na cidade de Baurú, onde é professora num colégio secundário. Tendo sido criada na Faculdade de Filosofia de Baurú a cadeira de Folclore. Vem realizando um movimento junto aos Sindicatos na cidade de São Paulo, com palestras semanais afim de que os operarios cooperem nos estudos de Folclore nos Sindicatos.

Discorreu ainda a ilustre representante da comissão paulista sobre o assunto atinente á materia de sua especialidade.

Professor Cardenuto (São Paulo) — O professor Cardenuto, da Comissão Paulista, discorreu sobre Folclore de Nível Superior. Apresentou S.S. a diferenciação entre as varias pessoas que fazem folclore que não são outra cousa senão folcloristas improvisados e que aquela mesa redonda deveria ser o ponto de partida para a recomendação ás escolas de nível superior para a criação do curso Pós-Graduado, que defende com ardor, sendo seus pontos de vista de argumentação segura.

Professora dra. Hildegardes Viana, com a palavra dá o seu apoio à proposta do dr. Cardenuto, para a instalação de cursos de Pós-Graduação em Folclore.

Professor Trujileo (Perú), com a palavra, discorre sobre a fundação da Escola de Sociologia e Política, suas disciplinas, etc.

Diegues Júnior (Comissão Nacional), fala sobre os cursos de post-graduação, curso de preparação, para formação de elementos pesquisadores nos cursos de extensão.

João Alfredo Rabaçal (São Paulo), encaminha à mesa um pedido no sentido de o Congresso ora reunido se dirija á Direção da Escola Nacional de Música, solicitando de que o curriculo de Folclore se estenda aos alunos de todos os cursos.

Dr. Rossini Tavares de Lima (São Paulo), com a palavra estendeu suas considerações sobre os cursos de folclore, na formação de pesquisadores e organizadores. Na ligação da configuração da Metodologia de Folclore dizendo que é pesquisando que aprendemos folclore. Disse que a introdução aos fenômenos folclóricos com a configuração geral dos fenômenos do folclore brasileiro fica preparado o aluno para ingressar no Curso de Pesquisas, etc.

Dr. René Ribeiro (Pernambuco), concordando com Rossini disse em que não é possível de associar o folclore de campo dos estudos gerais do folclore.

O dr. Oswaldo Cabral, coordenando as discussões, dado o adiantado da hora, suspende a sessão, para iniciá-la em outro período, onde põe em discussão as conclusões que apresenta.

#### (Conclusões da mesa redonda sobre Cursos de Folclore)

A mesa redonda, reunida para debater os problemas relativos á organização de cursos de folclore, sugere ao Plenário dêste 4º Congresso Brasileiro de Folclore a aprovação das seguintes proposições:

1 — A Escola primária não é campo que se destine ao ensino do folclore, mas sim propício à sua aplicação. Os professores estimularão a prática dos folguedos infantis de preferência usuais na região; a dos trabalhos manuais; a execução de cantos e músicas regionais, etc. bem como de tôdas as manifestações folclóricas que possam enquadrar-se nas atividades escolares e extra-escolares, quaisquer que fôrem as disciplinas que as permitam.

2 — Nas escolas de formação de professores primários recomenda-se a criação da cadeira de folclore, ou pelo menos a inclusão nas disciplinas de pedagogia, didática ou sociologia educacional, programa de ensino teórico das bases fundamentais do folclore, de maneira que possam os professores executar o prescrito na primeira proposição bem como tornar-se um informante e colaborador capaz dos organismos que cuidam da investigação e defesa do folclore.

3 — Não considera necessária a inclusão do ensino de folclore nas escolas secundárias, mas recomenda o aproveitamento, em qualquer das disciplinas do currículo escolar, da fenomenologia folclórica que possa ser aplicada e utilizada nos trabalhos escolares. Considera ainda de utilidade e recomenda o aproveitamento das manifestações folclóricas nos estabelecimentos de ensino profissional e industrial.

4 — Considera de relevante importância a inclusão da Cadeira de Folclore nos cursos de História, Geografia, Ciências Sociais, Jornalismo, Didática e outros das Faculdades de Filosofia, bem como nos cursos das Faculdades de Filosofia bem como nos cursos das Faculdades de Belas Artes, de Música e Canto Orfeônico e nos cursos de Educação Física e recomenda seja oportunamente criada tal disciplina como uma das obrigatórias do currículo escolar.

5 — Recomenda a adoção do critério de cursos de pós-graduação que formem não só professores como técnicos em pesquisas folclóricas até a criação e mesmo depois da cadeira referida na 4ª proposição.

6 — Seria temporariamente admissível onde se verificasse possível e oportuna a criação de cursos de especialização de folclore, destinados à formação de pessoal habilitado tanto do ensino regular como à pesquisa do folclore.

Foram estas as conclusões e recomendações apresentadas pelo presidente e relator da mesa redonda sôbre Cursos de Folclore, dr. Oswaldo R. Cabral.

## **MESA REDONDA SÔBRE FOLCLORE E CERÂMICA**

A mesa redonda sôbre Folclore e Cerâmica, teve a coor-

dená-la o professor René Ribeiro, da Comissão Pernambucana de Folclore.

As discussões em tórno dessa mesa versaram sôbre a proteção ao nosso artesanato, fazendo com que seja evitado a intervenção no modo espontâneo de criação dos nossos artistas populares.

Várias foram as recomendações apresentadas e aprovadas nessa mesa redonda, entre elas uma que recomenda à Presidência do IV Congresso Brasileiro de Folclore, apelando para o Governo da Bahia providencia no sentido de modificar a orientação seguida pelo IPTA, que está influenciando diretamente na técnica e no espirito dos artesãos baianos cuja prática adotada vem tirando a espontaneidade natural das afamadas cerâmicas daquele Estado. Combateu ainda a mesa redonda, a influência perniciosa da comercialização e banalização turística, recomendando à Campanha de Defesa do Folclore, às Comissões Nacional e Estaduais de Folclore, o incentivo aos artistas populares no estudo especializado considerando a qualidade artística e função social da cerâmica popular brasileira.

E dessas recomendações foi redigida a seguinte resolução:

“É encarecidamente recomendado às instituições, órgãos federais, estaduais, municipais e outras entidades que tenham objetivo de proteger as artes populares, adotarem medidas no sentido de que seja preservada a autenticidade criadora dos artistas evitando que a comercialização das artes populares tenha carácter dirigido e leve a que serviços públicos ou comerciantes interessados venham a orientar, com suas preferências, o trabalho daqueles artistas. Como decorrência dê-se espirito, recomenda também a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro que estuda a possibilidade de lei que projeta as artes populares e regulamente o seu comércio”.

## FOLCLORE E TEATRO

A mesa redonda sôbre Folclore e Teatro, teve como coordenador o dr. Renato Almeida.

Esta mesa redonda teve resultados auspiciosos cujas conclusões foram as seguintes:

1ª O IV CONGRESSO BRASILEIRO DO FOLCLORE recomenda ao Serviço Nacional do Teatro, ao Teatro do Estudante e aos Grupos Amadores, que incentivem e apoiem a representação de peças de inspiração folclórica ou aproveitem motivos folclóricos.

2<sup>a</sup> O IV CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, recomenda aos autores de Teatro o cuidado de, nas peças em que se verifiquem o aproveitamento ou inspiração do folclore nacional recorrerem à colaboração de músicas intimamente ligadas á temática folclórica e mesmo que façam imprimir junto aos textos a serem captados a notação musical correspondente, o que facilitará o não desaparecimento da necessária característica nacional. Procedendo-se da mesma forma quanto aos figurinos, cenários, etc., dos quais se dará a devida descrição.

## OUTRAS NOTAS

### VII EXPOSIÇÃO DO LIVRO FOLCLÓRICO

Continuando a divulgar os vários aspectos do IV Congresso Brasileiro de Folclore, passamos a relatar mais os seguintes fatos, em continuação do magnífico programa elaborado. Assistimos à inauguração da Exposição do Livro Folclórico, numa das salas da Pontifícia Universidade Católica. As obras reunidas sôbre folclore gaúcho traduziam efetivamente a riqueza tradicional do grande Estado do extremo sul do Brasil. Poesias, cânticos, lendas, músicas, gravuras, nos foram apresentadas nos mais diversos volumes impressos em várias épocas. Outra exposição valiosa que nos foi dado apreciar foi a de desenhos infantís de crianças do Paraná e do Rio Grande do Sul. As variedades dos trabalhos apresentados e a espontaneidade nos traços dos motivos mais diversos, coloridos vários, obedecendo temas mais variados, na ilustração de formas distintas em que se denotam a grande observação e acuidade do executante.

\* \* \*

Na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, houve um programa especial em homenagem aos congressistas, com apresentação de conjuntos típicos, peças e músicas regionais, tendo a Banda Militar da Escola executado vários números musicais folclóricos de autores gauchos.

\* \* \*

O Prefeito da cidade de Pôrto Alegre, proporcionou aos congressistas um passeio pela cidade, dando-nos oportunidade de conhecermos Pôrto Alegre e seus aspectos pitorescos e progressistas de cidade que cresce horizontalmente e verticalmente envolvendo todos num ritmo de progresso acelerado. E assim nos foi dado conhecer a grandiosa obra de engenharia

que são as magestosas pontes sôbre o rio Guaíba que ligam entre si seis quilômetros de extensão, permitindo a recuperação dentro em breve de uma grande área que possibilitará a Capital Gaucha erigir uma nova cidade caprichosamente traçada.

\* \* \*

Entre o programa de inaugurações, recepções, passeios, estavam os trabalhos das comissões, cujos resultados dos vários trabalhos apresentados dependiam o andamento das sessões plenárias, na aprovação ou rejeição dos pareceres, etc.

—o—

**(Exibição de filmes no Auditório da Pontifícia Universidade Católica onde tivemos oportunidade de ver o carnaval de Florianópolis em cores).**

Na sequência dos trabalhos do "Congresso de Folclore", tivemos, no Auditório da Pontifícia Universidade Católica, onde se realizava o Congresso, a exibição de filmes coloridos, como contribuição do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, na pessoa do sr. Ademar Chaves.

Foi excepcional esta contribuição, visto nos ser dado ver, não só aspectos do Folclore Brasileiro, filmados com técnica de Mestre, como também pontos pitorescos dêste nosso grandioso Brasil. A técnica empregada pelo sr. Ademar Chaves em fotografar os aspectos demonstrados diziam bem da visão artística do cinegrafista, nos apresentando cenas que eram espetaculares, principalmente as quedas de água do Iguaçu, em seus vários pontos de vista, igualmente Veu de Noiva, Ruínas, etc. Uma sequência de vistas as mais encantadoras, dizendo da nossa grandeza pitoresca. Com palavras entusiásticas dizia o sr. Ademar Chaves aos espectadores do encantamento de nossa terra e da necessidade de incrementarmos o turismo interno e conhecermos o que de belo possuímos. Seguiram-se as cenas de motivos folclóricos captados em vários pontos do nosso país, usos e costumes do nosso povo e várias das suas festas tradicionais. E foi emocionados que assistimos aspectos em côres do Carnaval da Ilha de Santa Catarina, a nossa Florianópolis. Os tradicionais Blocos Carnavalescos Protegidos da Princesa e Copa Lord, nas suas ricas fantasias multicores desfilaram com graça e encantamento diante dos espectadores presentes ao IV Congresso de Folclore confirmando realmente a fama já existente do Carnaval Ilhéu. Os nossos carros alegóricos e de mutação também deslumbraram a

culta assistência que ouvia a palavra do sr. Ademar Chaves, dizendo da grandeza do carnaval florianopolitano. Seguiram cenas do nosso mui conhecido Boi de Mamão, nos seus mínimos detalhes, vendo-se a Bernuncia e a Maricota. Foi realmente uma grande contribuição do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, na pessoa desse entusiasta da grandeza brasileira que é Ademar Chaves.

### **PROJEÇÃO DE DIAPOSITIVOS DOS QUADROS DE TEREZA D'AMICO NO AUDITÓRIO DA PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PÓRTO ALEGRE**

O companheiro Oswaldo de Andrade Filho, pintor e jornalista da Comissão Paulista de Folclore, antecedendo a projeção de dispositivos dos quadros de motivos populares da pintora Tereza d'Amico, da Comissão Paulista de Folclore, disse em rápidas palavras da obra que vem realizando Tereza no setor das artes plásticas. O estilo adotado por Tereza, disse, é todo seu sendo sui-generis em matéria de arte. Como os presentes irão assistir, Tereza utiliza-se dos meios ao seu alcance para realizar suas obras, ornamentando os seus desenhos, quasi todos em primeiro plano, como vimos então, com incrustações diversas, papéis coloridos, conchas marinhas, flores, fôlhas, etc., tudo aquilo que a artista verifica que lhe traz sentido artístico e harmoniza com as suas pinturas, dando aos seus quadros a popularidade adequada.

Inicialmente, os trabalhos de Tereza não foram bem aceitos pela crítica, mas êle que também se dedica ao gênero da pintura, animou-a para prosseguir, pois realmente via nos seus trabalhos algo de novo, diferente mesmo do que até aqui haviam realizado. E a Tereza venceu. As suas obras hoje são consideradas de grande valor, tal como êle havia previsto, pois conhecia o sentimento e a cultura artística da executante.

Foi dado início á projeção das telas da pintora Tereza d'Amico, que veio efetivamente confirmar as palavras entusiásticas do jornalista e pintor Oswaldo de Andrade Filho. Os motivos apresentados foram os mais diversos, dando-nos realmente um sentido exato, das suas originalidades. Harmoniosamente traçados com ornamentações as mais variadas, os seus quadros são diferentes de tudo o que já tivemos oportunidade de apreciar. São valiosos e transmitem a personalidade artística da autora.

### **EXPOSIÇÃO DE RENDAS**

O snr. Antônio Augusto Nóbrega Fontes, diretor do gru-

po de Estudos Folclóricos da Associação Atlética do Banco do Brasil, expôs, no Hall do andar onde se realizaram as sessões do Congresso, um elevado número de peças de rendas da Bahia, Ceará e Santa Catarina, rendas essas da sua coleção particular. O Dr. Renato Almeida, que falou no ato inaugural, tecendo considerações sobre essa espécie de Artesanato, que constitue verdadeiras peças de arte manual.

O sr. Antônio Augusto Nóbrega Fontes, disse dos esforços da Associação do Banco do Brasil na divulgação da arte popular brasileira.

\* \* \*

No mesmo recinto, a Comissão Catarinense de Folclore expôs varias peças de trançados originários da região serrana de Santa Catarina, peças essas que fazem parte da Coleção do Museu de Folclore da Comissão Catarinense e que foram expostos em Montevideo, quando da última exposição naquele país sulamericano, em que Santa Catarina se fez representar pelo companheiro prof. Walter Piazza.

#### EXCURSÃO À CIDADE DE CAXIAS DO SUL

Caxias é uma das importantes cidades do Rio Grande do Sul, conhecida por todo o Brasil pela sua tradicional "festa da uva".

Esta importante cidade industrial, foi colonizada inicialmente em 1875, por italianos oriundos da provincia de Milão, que a esses se juntaram outros das cidades de Cremona e Beluno. Dadas as facilidades concedidas pelo Governo Imperial do Brasil naquela época, até 1894, fez com que colonos de outras regiões da Europa ingresassem também na imigração para o Rio Grande do Sul, vindos da Rússia, Polonia e Suécia. Já em 1876, existiam 2.000 colonos na região do Campo dos Bugres, onde hoje se ergue Caxias do Sul. A Colonia de Campo dos Bugres (1877) recebeu a denominação de Caxias em homenagem ao Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, o Condestável do Império, atual patrono do Exército Brasileiro. Caxias foi elevada a município a 20 de julho de 1890; a 1º de junho de 1910, foi concedido foros de cidade à sede do município, fato este auspicioso, por ter coincido com a chegada dos trilhos da estrada de ferro Viação Ferrea do Rio Grande do Sul, que veio a contribuir decididamente para o rápido progresso da região. O município se destaca pelas culturas agrícolas do trigo, milho e destacando-se entre elas o da uva, que constitue a maior fonte de riqueza do Município. A sua população caminha para os 100.000 habitantes. Do seu aspecto cultural notamos mais de 200 escolas primárias, além de aproximadamente 12 estabelecimentos de ensino médio. A arrecadação municipal se eleva a mais de oitenta milhões de cruzeiros e a sua Camara Municipal é constituída de 15 vereadores. No setor industrial, Caxias conta com vários estabelecimentos, destacando-se as indústrias ligadas à agro-pecuária, vinho, indústrias metalúrgicas, têxtil e produtos de origem animal, elevando-se a produção industrial do município a mais de dois bilhões de cruzeiros, sendo o 4º. município do Estado em valor de produção industrial.

Mais ou menos às 7,30 horas os Congressistas, em ônibus especiais, seguiram com destino a cidade programada. A viagem transcorreu animada e festiva, proporcionada pelo conforto do veículo em rodovias totalmente asfaltadas, o que acentua bem o progresso rodoviário do vizinho Estado do sul. Quatro horas transcorreram ao atingirmos o grande monumento erigido em homenagem ao imigrante, situado no perímetro urbano da cidade. Grandiosa obra que atesta bem o reconhecimento de um povo àqueles que adotaram o Brasil como segunda Pátria, nos transmitindo o saber e a cultura dos seus antepassados.

Após uma rápida visita ao monumento, rumaram os congressistas para o Recreio Bela Vista em Ana Rech, onde foram homenageados com um festivo almoço, honrados com a presença do Prefeito Municipal e outras autoridades. Almoço típico da região regado à variadas marcas de vinhos. Senhoritas da sociedade local destacando-se a Rainha da Uva, vestidas à caráter cumularam os visitantes de gentilezas, que como estudiosos das nossas tradições tiveram oportunidade de partilharem da hospitalidade dos seus irmãos do extremo sul do país. Durante o ágape nos foram apresentados por um conjunto vocal de colonos da região várias canções regionais, participando também os congressistas com músicas folclóricas das suas várias regiões. Constituiu nota de relêvo a apresentação de um trio infantil tipicamente trajado, cantando lindas canções regionais, recebendo dos congressistas delirantes aplausos pela grandeza interpretativa das canções apresentadas, pelo alto nível artístico dessas interpretações, revelando-se verdadeiros artistas capazes de serem aplaudidas por grandes platéias.

Na hora dos discursos, falou o Prefeito Municipal, sr. Bernardino Conti, dizendo da honra de ter recebido brasileiros das paragens mais longínquas do Brasil. Agradeceu a homenagem o dr. Renato de Almeida, da Comissão Nacional, e o dr. Dante Laytano agradecendo a contribuição dos companheiros do Lions, fez uso da palavra num empolgante discurso o major comandante do Batalhão, que dizendo-se pernambucano, sentia-se como se estivesse no seu próprio Estado, por não haver entre aquêlo povo de origem européia diferenciação em igualdade e capacidade de trabalho dos demais brasileiros de outras regiões. Finalizou s. s. sua patriótica oração convidando a todos para entoarem o hino nacional.

Os congressistas após homenageados pelo Lions Clube de Caxias com festivo almoço seguiram rumo à cidade onde foram recepcionados pela sociedade local, realizando-se visitas à estabelecimentos comerciais na aquisição de "souvenirs" da importante indústria de objetos de prata. Visita à Indústria Vinícola Michielon. Nessa grandiosa indústria vinícola os congressistas tomaram conhecimento de como se processa a fabricação de vários tipos de vinhos, tendo-se demorado na parte referente às afamadas Champanhes Michielon, nos grandes reservatórios de vinho, onde nos foi dado ver o maior tonel de madeira da América do Sul, cuja capacidade é de 160 mil litros, seguindo-se uma série de outros de 120 mil. Todo o processo de engarrafamento é feito automaticamente, ficando no caso da Champanhe em estoque na operação de decantagem, período superior a cinco anos, permanecendo as garrafas cheias com a rolhas para baixo a fim de os resíduos se acumulem na respectiva rolha. Daí se procede, após a substituição da rolha quando é preparado o produto definitivamente para ser entregue ao mercado consumidor. Solicitei ao técnico que nos fazia esta explanação, porque se aconselhava sempre manter as garrafas de Champanhe emborcadas.

Disse-nos que devia assim proceder em virtude de que o líquido em contacto com a rolha não permitia que esta ficasse ressequida, evitando assim escapamento do seu gás, permanecendo a Champanhe sempre em boas condições de qualidade para uso. E, assim, após nos inteirarmos das maneiras e condições como são fabricados os vinhos dessa importante indústria vinícola da cidade de Caxias, fomos conduzidos ao seu bem instalado "bar" onde as Champanhes "pipocaram" para gaudío dos visitantes, que tiveram também oportunidade de saborearem à vontade, assim, tôdas as marcas de vinhos da afamada fábrica "Michielon". O regresso a Pôrto Alegre se procedeu em seguida pois a "temperatura" estava ficando alta.

### RECEPÇÃO AOS CONGRESSISTAS

O dr. Dante de Laytano, presidente do IV Congresso de Folclore, recepcionou os congressistas em sua residência com um coquetel, não faltando as iguarias típicas riograndenses. Nessa recepção foi S. S. homenageado pela Comissão Alagoana de Folclore, tendo o dr. Théo Brandão lhe oferecido em nome da Comissão um chapéu e uma pala de couro, de uso dos cangaceiros. Durante a recepção vários números de canção e poesias gauchescas foram apresentados por poetas e escritores da terra, tendo também os folcloristas de outros Estados, apresentado canções e poesias regionais das suas plagas. Foi uma noite alegre e festiva em que os folcloristas de todos os Estados gosaram de fidalga hospitalidade da terra gaucha na pessoa da anfitriã exma. sra. Laytano, que a todos cumulou das mínimas gentilezas próprias do alto padrão social do ilustre casal.

### HOMENAGEADO O PROFESSOR DANTE DE LAYTANO

Ao professor Dante de Laytano foi prestada significativa homenagem pelos congressistas, com um banquete no restaurante da Associação Comercial em que participaram ilustres convidados da sociedade. Nessa homenagem, discursou em nome dos congressistas o dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, da Delegação de Santa Catarina. Disse S. S. da felicidade que sentia em estar ali reunido com os companheiros folcloristas, na homenagem ao velho companheiro Dante, já agraciado com medalhas de vários países do mundo pela sua brilhante atuação na vida social dos povos. Relembrou Oswaldo Cabral fatos pitorescos da vida do ilustre homem público e da sua atuação à frente das instituições que comanda. No folclore gaúcho Dante de Laytano tem sido figura de proa, pois relevantes são os seus serviços prestados a esta instituição nacional.

O dr. Dante de Laytano agradeceu emocionado à recepção que lhe era prestada pelos seus companheiros de Folclore, dizendo que a recebia como um ato de bondade da parte de todos por reconhecer a sua contribuição ter sido mínima diante dos trabalhos que os seus companheiros realizam.

### EXCURSÃO À CIDADE DE NOVO HAMBURGO

Na sequência da programação do Congresso foi realizada uma excursão à cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul.

Novo Hamburgo é um dos importantes municípios do Rio Grande do Sul, conhecido de todo o Brasil como o maior centro de fabricação

de calçados, com mais de duas centenas de fábricas dessa indústria.

Com uma população de mais de 40 mil habitantes, dista apenas 45 quilômetros de Pôrto Alegre. Como distrito de São Leopoldo, foi elevado à categoria de município de Novo Hamburgo a 5 de abril de 1927. A sua população foi constituída de imigrantes alemães distando seu início do ano de 1824, quando começou a se formar a cidade de Novo Hamburgo, dado o surto de progresso que a situação local lhe permitia, como via de comunicação com outras colônias, centros pastorís e a Capital do Estado.

Novo Hamburgo tem tradição musical, pois data já de ano de 1832, com a própria Colonização a formação dos primeiros conjuntos vocais. Hoje, a Sociedade Aliança, antiga "Frohsom" (1888) transformou-se num importante centro de arte e cultura, ao lado de tantas outras sociedades culturais, cuja apresentação em a noite de 25 de julho, em homenagem ao dia do colono, disse bem do alto padrão de cultura artística dos membros das sociedades daquela cidade.

O município de Novo Hamburgo continua em franco desenvolvimento industrial, cuja renda total em 1927 elevou-se à casa de dois bilhões e catorze milhões de cruzeiros. O seu parque industrial é grandioso, destacando-se acentuadamente a indústria de calçados em número superior a duzentas fábricas.

No setor educacional além de vários colégios e escolas de cursos secundários, acha-se em construção a moderna Escola Técnica "Liberato Salzano Vieira da Cunha", e projeta-se a construção do grandioso Ginásio Pio XII. O número de associações culturais se eleva a 21, possuindo a cidade oito cursos ginásiais.

Os congressistas saíram em ônibus especiais, às 14 horas, para visitar esta importante cidade, onde seriam apreciados os costumes da colonização alemã. Em uma hora foi coberto o percurso que nos separava de Pôrto Alegre. Com um programa prèviamente elaborado, foram os folcloristas recepcionados na estrada federal por uma comitiva de cidadãos da sociedade local e levados a visitar, na secular residência de Germano Friedrich, a exposição de antiguidades e objetos rústicos do artesanato colonial, instalados numa atafona (tipo de rancho), onde se achava uma completa "Casa de Farinha" com todos os seus apetrechos e uma variedade de objetos raros e de usos diversos. Na residência achavam-se expostos rendas, bordados, colchas, relógios, caixas de música e móveis, etc.

### **Visita ao Monumento à Colonização e coquetel na Sociedade Aliança**

O Monumento à Colonização está localizado na praça de esportes na sede esportiva da Sociedade Aliança, local em que foi demarcado pelo Governo Imperial do Brasil como o lote n. 1 para abrigar os imigrantes naquela região. Neste local foi construída a moderna sede esportiva dessa Sociedade, cultural e esportiva, que atesta bem o grau evolutivo da Sociedade local. Ainda na Sociedade Aliança foi oferecido aos Congressistas um coquetel durante o qual foi apresentado o TRIO ALIANÇA, um conjunto vocal que diz bem do padrão de cultura musical do seu povo dado a grandeza dos números apresentados.

O professor Alfredo Morotzki, presidente da Câmara Municipal saudou os visitantes num belo discurso de improviso. Ss. enalteceu o trabalho dos folcloristas brasileiros em cujo trabalho de estudar, pesquisar, catalogar tradições da vida do nosso povo, nos seus gru-

pos raciais diversos nas suas origens, formando este caldeamento que constituem a nossa raça, hoje projetada no mundo inteiro. Cantam hinos de louvores à nossa nacionalidade e do trabalho indômito dos que aqui conosco lutam e trabalham para o engrandecimento do Brasil. — Confesso que não me surpreendeu a grandeza nacionalista das palavras do professor Marotzki; as palavras dêsse eminente homem público atestaram bem a tradição nacionalista de que são possuídos os filhos do Rio Grande do Sul, em cuja história brasileira estão gravadas as suas lutas pela unidade pátria. Coube ao professor dr. Renato de Almeida em nome dos folcloristas, agradecer as carinhosas homenagens recebidas, da Sociedade de Novo Hamburgo.

### Visita à cidade de Novo Hamburgo; Jantar festivo na Sociedade Ginástica

Após a recepção na Sociedade Aliança, rumaram os Congressistas para uma visita à cidade que se achava engalanada comemorando o dia consagrado ao imigrante. A maioria das casas comerciais ornamentaram suas vitrines, expondo objetos raros concernentes ao início da colonização.

Na Sociedade Ginástica os congressistas foram homenageados com um lauto jantar, constituído de comestíveis típicos da região colonial. Aos visitantes foi distribuída interessante Monografia de Novo Hamburgo, de autoria do major ;Leopoldo Petry; foram também sorteados entre os folcloristas vinte valiosos brindes de artigos da indústria local.

**Representação do KERB** — Dificilmente nos é dado oportunidade de assistirmos tão grande espetáculo como este, que aos folcloristas de pontos mais diversos do Brasil, tivemos o prazer em Novo Hamburgo. O "kerb", dança alemã, nos foi descrito como dança de outrora, em que cultuando tradições reverencia os homens do passado relembrando os saudosos tempos.

Tentarei descrever esta tradicional festa: A bandinha de música entrou no salão acompanhado de 25 casais em trajes antigos, ao som de um dobrado musical, sob intenso aplauso dos assistentes que lotaram as dependências da sociedade. O "Kerbkranz", uma especie de arco do qual saíam uma dezena de fitas coloridas, eram nas suas extremidades seguradas pelos casais que compunham o cortejo. No centro desse arco está uma garrafa que é supostamente escondida dependurada no meio do salão ao alcance das mãos, que passa a ser procurada na disputa do titulo de "Kerbebud" e assim á proporção que são descobertas, novas são colocadas e varios foram os herois da noite. A bandinha ficou no palco e executou varias musicas antigas, que os casais dançaram artisticamente, numa mistura de valsa, polka, quadrilha, short, que a todos encantou pela brilhante apresentação dos casais, os mais típicos possiveis nos seus figurinos. A seguir tivemos no palco a apresentação musical de citaristas do Edelweiss-Gruppe, de Porto Alegre, em que participaram a senhora Olga Becker e o soprano Elza Olina Becker conquistando fartos aplausos dos presentes. Remontando ao ano de 1860, apresentou-se o jovem Eduardo Metzler, em traje de tirolês, que executou uma valsa da época. Grande foi a emoção causada com a apresentação do Côro Infantil do curso primário do Colégio Pindorama. Crianças, pequeninas ainda, em numero superior a 40, se alinharam emfileiradas no palco e como promissores artistas cantaram lindas canções dirigidas por um jovem maestro. Foi indiscutível essa apresentação que

veio confirmar a tradição musical dos hamburguenses que cultuando a musica trazida pelo seus antepassados vão transmitindo-a ás gerações que surgem. E assim pelo Coro Misto da Sociedade Aliança, regida pelo Maestro Oscar Kunz tivemos linda pagina de arte musical transmitida por esse conjunto de mais de cem figuras integrados por moços, moças e venerandas senhoras e senhores cuja musica cultuava a memoria dos que ali primeiro fizeram o solo fertil brasileiro e se integraram na vida nacional construindo a grandesa do Brasil. E ainda no extase das canções ouvidas, retirando-se sob freneticos aplausos dos assistentes, se apresenta o Coro Julio Kunz, cujos componentes uniformemente trajados confirmaram tudo em grandeza artistica do que os congressistas já haviam assistido. Notável sobre todos os aspectos o encerramento das atrações artisticas por esse famoso Côro.

E foi pesarosos e encantados que partimos, pois já se aproximava ponentes do 4º Congresso Brasileiro de Folclore, vindo dos recantos mais diversos do Brasil, receberam carinhosas manifestações dos seus irmãos, cuja comunidade caldeada por pessoas oriundas de varios pontos da Europa, de tradição e costumes, herdadas do amor ao trabalho e à cultura artística, souberam preservá-los e transmití-los aos seus descendentes, para o engrandecimento do nosso Brasil.

E foi pesarosos e encantados que partimos, pois já se aproximava da meia noite, antes, entretanto, em nome dos Congressistas, falou o Deputado João Viana, da Comissão Paráense, agradecendo a carinhosa acolhida e este grandioso festival folclorico que jamais será esquecido por aqueles que dele participaram.

#### EXCURSÃO À GUAIBA

Encerrando o programa das excursões, realizou-se o festival de Folclore Gaucho, na cidade de Guaiba, na Estância Lick.

O sr. Carlos Evangelista Py, prefeito municipal, recebeu os Congressistas, que visitaram a cidade, sendo após conduzidos pelos Cavaleiros do Grupo de Tradições "35" e Minuano. Na entrada da Estância, foram os Congressistas recebidos pelos presidentes dos grupos de Cavaleiros, seus Patrões e Peões.

O programa do festival constou de danças, cantos recitativos, que trouxe o encanto a todos os assistentes.

O succulento churrasco gaucho foi servido, e como não podia deixar de ser, correspondeu à fama que conquistou na Pátria Brasileira.

O ponto alto da festa foram as demonstrações da cancha, fazendo com que todos participassem realmente da vida campeira dos gauchos das coxilhas, dando-nos uma perfeita visão do encanto do folclore da terra dos Pampas.

O prof. Rossini Tavarcs, Secretário Geral da Comissão Paulista de Folclore, saudou em nome dos Congressistas, os que promoveram aquele bellissimo festival, dizendo do quanto representava em ensinamentos para os que assistiram de encantamento a todos proporcionados.

Em nome do Congresso também agradeceu o presidente, dr. Dante de Laitano, enaltecendo o trabalho dos promotores daquele importante e belo festival folclórico.

#### A IMPORTÂNCIA DO FOLCLORE NO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO"

O professor Alfredo João Rabaçal, da Comissão Paulista do Folclore, apresentou ao Congresso a tese sôbre o título acima. Como se trata

de um assunto a que sempre me dediquei através da imprensa catariense, resolvi fazer um comentário, dada a importância do assunto e o valor em si do trabalho apresentado.

Focaliza o professor Alfredo João Rabaçal, com citações, os varios aspectos turísticos do Brasil, e enquanto que o governo do Brasil, através dos seus organismos especializados, congressos, etc., procura despertar o interesse dos estrangeiros sobre os valores turísticos brasileiros, nós negativamente deixamos de praticar o turismo interno, para gozá-lo externamente, numa evasão de dólares superiores a dois milhões por mês.

Nos aspectos técnicos do turismo o dr. Rabaçal acentua conceitos e definições das mais eminentes figuras nacionais e estrangeiras em que se correlacionam todos os valores entrelaçados nas suas vantagens econômicas que traz aos países ou país que proporcionam ao visitante lazer, cultura, etc. e este, todo o prazer que nós como turistas retiramos dos passeios ou viagens que empreendemos com este objetivo.

No entrelaçamento do turismo e folclore o prof. Alfredo João Rabaçal foi mais além, atingindo realmente o objetivo da sua tese "A importância do folclore no desenvolvimento do turismo, "citando as recomendações dos vários congressos de turismo aos governos federais, estaduais e municipais, na inclusão dos concursos, festivais, museus folclóricos, festas populares, festival anual de folclore brasileiro nas cidades escolhidas para sede dos Congressos brasileiros de turismo, etc. Continuando a focalizar a importância que vêm dando os técnicos de turismo ao folclore como "atrativo turístico de primeira grandeza". — Comenta em seu trabalho sobre essas razões e a influência do folclore penetrando indiretamente em todos os atrativos em que o turista toma conhecimento. Que o "Folclore constituindo todo um sistema de vida se estende a todas as atividades em todos os grupos de idade, e que sendo o nosso folclore um dos mais ricos do mundo deve ser aproveitado no desenvolvimento do turismo como tem sido e vem sendo recomendado nos seus Congressos. "Diz o professor Rabaçal que tendo o folclore penetrado no campo das atrações essas facilmente passam a ser um elemento essencial para a realização do turismo. Dizendo da "Utilização do Folclore pelo Turismo" focaliza tudo que se relaciona com atrativos turísticos dentro do Folclore; as artes técnicas, a pintura, a escultura, a cerâmica utilitária e figurativa, vestimentos, adornos pessoais, do artesanato, da indústria caseira, "souvenirs"; no setor da Ludica, constituído por jogos, sortes, danças, bailes, cortejos, etc. e uma infinidade de coisas relacionadas com nossos Usos e Costumes. Manifesta-se sobre a atitude do folclorista em face da utilização do folclore como recreação turística. Da nossa responsabilidade em em evitando as deturpações as improvisações, a fim de que o nosso trabalho de pesquisador não seja prejudicado na sua essência. Do entrosamento de especialistas em folclore e em turismo resultará um trabalho eficiente que trará não só benefícios à indústria turística como ao próprio folclore que não sofrera disvirtuamento de base. Tece s.s. considerações sobre "A Campanha Nacional de Defesa e Proteção do Folclore", dizendo da sua oportunidade de instituição pelo Presidente da República e dos resultados que advirão.

Focaliza o sucesso alcançado pelo I Festival Brasileiro de Folclore, realizado em São Paulo, realizado no encerramento do Congresso Internacional de Folclore, no Parque Ibirapuera. — "Nessa oportunidade inédito por seu brilhantismo toda a América do Sul ocorreu ao importante logradouro público, bem como cerca de um terço da população paulista, na ocasião mais de um milhão de pessoas. Relaciona as cidades paulistas e brasileiras que anualmente realizam Conferências, festas populares e festivais, cujos resultados têm sido os mais brilhantes.

Nas suas conclusões tece o professor Rabaçal considerações sobre a ascensão do desenvolvimento do Turismo no Brasil e os seus resultados econômicos e financeiros. "Que reconhecendo a importância do aproveitamento do folclore para incentivo e manutenção do turismo, os especialistas deste campo começaram a solicitar a colaboração efetiva e real dos folcloristas".

E com a responsabilidade que temos diante dos fatos como se apresentam, urge uma tomada de posição dos folcloristas, responsáveis pela proteção, restauração e desenvolvimento das nossas tradições populares.

Sugere o autor de "A importância do folclore no desenvolvimento do turismo" à Comissão Nacional de Folclore.

#### RECOMENDAMOS:

1 — "IV Congresso Brasileiro de Folclore, reunido na cidade de Pôrto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, de 19 a 26 de julho de 1959, recomenda à Comissão Nacional de Folclore, a realização, com os dados que possui no momento, de um levantamento das manifestações folclóricas que, tal como se apresentam atualmente, tenham interesse turístico, enviando os resultados à Comissão Brasileira de Turismo — COMBRATUR.

2 — O IV Congresso Brasileiro de Folclore "reunido na cidade de Pôrto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, de 19 a 26 de julho de 1959, recomenda à CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO, que institua, com urgência, uma equipe de especialistas, destinada a elaborar estudo sobre Folclore e Turismo, visando a conciliação dos interesses comuns dos dois campos.

Não tenho dúvidas que a cúpula (Comissão Nacional de Folclore) saberá dar importância a este trabalho do professor Alfredo João Rabaçal lhe aprovando as sugestões apresentadas, cujos resultados serão promissores por vir ao encontro de prementes necessidades. visto que o turismo no Brasil cresce em corpo e ação.

#### ENCERRAMENTO DO CONGRESSO

No encerramento do Congresso, foram apresentados os relatórios do Secretário Geral Dr. Elpídio Paes e do Dr. Dr. Théo Brandão, Relator Geral. Os seus relatórios foram sucintos, mas substanciosos em conteúdo, em que focalizaram os aspectos gerais dos trabalhos realizados, não deixando passar os pontos pitorescos, dando-lhes um sabor agradável em que a verve do Folclorista se apresenta cheia dos mais alegres encontros, que o pesquisador registra por força do hábito...

O professor Dante de Laytano, presidente do Congresso, falou da importância do Congresso, incentivando os seus companheiros a desenvolverem o estudo das suas investigações. Agradeceu às representações oficiais, despedindo-se dos companheiros, dizendo que o resultado do que ali se realizara florescesse e se manifestasse incentivando em cada um o amor ao folclore brasileiro.

Coube ao magnífico Reitor da Pontifícia Universidade Católica, Irmão José Othão, em nome do Exmo. Snr. Presidente da República, proceder o encerramento, dizendo da sua felicidade em ter abrigado naquela Universidade um Congresso de Especialistas, dedicados ao estudo das manifestações da alma popular.

